

## O primeiro livro do tratado *De Arte Voluntatis* de Juan Eusebio Nieremberg (1595-1658)

Paulo Roberto de Andrada Pacheco\*

Recibido: 15 de diciembre de 2013

Evaluado: 23 de diciembre de 2013

### 1 Introdução

“Cuando me apretaba nuestro Señor que fuese religioso, era tanta mi congoja, que me salía a los campos de Salamanca a dar voces y gemidos; mas luego al punto que resolví ejecutar lo que Dios me inspiraba, fue increíble la paz y gozo de corazón con que quedé. Esto mismo sucederá a v. md. si con última resolución se determina ir adonde le llama Dios”

(J. E. Nieremberg. *Epistolario*, 1649)

Escrito, originalmente, em 1631, em latim, o tratado *De Arte Voluntatis*<sup>1</sup> (DAV) é uma das primeiras obras do sacerdote jesuíta Juan Eusebio Nieremberg (Fig. 1). Nela se encerra um conjunto de ideias estoicas, platônicas e cristãs sobre a educação da vontade<sup>2</sup> que, ao que tudo indica, compõem a base de seu pensamento. Conheceu inúmeras edições, até 1649 e duas traduções – uma para o francês (editada em 1657)<sup>3</sup> e

---

\* Agradeço a orientação inestimável do Prof. D.r Antonio Alcir Bernárdez Pécora, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>1</sup> Cujo título completo, na verdade, é: *De Arte Voluntatis libri sex: in quibus Platonicae, Stoicae, & Christianae Disciplina medulla digeritur, succo omni politioris Philosophia expresso ex Platone, Seneca, Epicteto, Dione, Chrysostomo, Plotino, Lamblichio; & aliis, Quorum sensa subtiliora artificiosius ordinantur; nonnulla emendantur; plurima adducuntur noue, & argute. Accedit ad calcem Historia Panegyrica de tribus Martyribus eius dem Societatis, in Urugai pro fide occisis.*

<sup>2</sup> Cf. Didier, H. (1976). *Vida y pensamiento de Juan E. Nieremberg* (M. Navarro, Trad.). Madrid: Universidad Pontificia de Salamanca; Fundacion Universitaria Española (original de 1974).

<sup>3</sup> Cujo título é *L'art de conduire la volonté selon les preceptes de la morale ancienne & moderne, tirez des Philosophes payens & chrestiens...*Foi traduzido por Louys Videl e publicado em Paris.

outra para o italiano (editada em 1669)<sup>4</sup>. A tradução que vem a público agora, quase quatrocentos anos depois de sua primeira edição, foi feita a partir da tradução realizada em 1657 por Louys Videl, e da edição latina do DAV de 1639<sup>5</sup>.

Tomando como base o original de 1639 (Fig. 2), podemos descrever assim o documento: o DAV, cujo núcleo filosófico, segundo o próprio autor, na apresentação da obra, bebe do pensamento do Pseudo-Sêneca<sup>6</sup>, “*tem como propósito expor o que seja a arte de governar a vontade e ensinar o modo para dirigi-la*”. Nieremberg (1639) lembra que “*é preciso método e arte para lidar com as potências da alma*”. Ao descrever o conteúdo do tratado, Nieremberg dedica algumas linhas para explicar sobre o que tratará em cada livro. O primeiro livro, segundo ele, “*prova como a alma se satisfaz sem as coisas externas, (...) e como, sob a sua diligência, estão as obras da vontade*”, também “*assinala quais são as regras para a vontade, para o afeto e para o amor diante do objeto da razão*” e é dividido em 9 partes – *Prolepsis I/Nec Fortuna, nec maiori cura Naturae indigemus* (pp. 1-22), *Prolepsis II/Gaudium alienum est rebus* (p. 22-32), *Prolepsis III/Quisque sufficit laetitiae* (p. 32-45), *Prolepsis IV/Gaudium factitium est* (p. 45-58), *Prolepsis V/In quo sit gaudium* (p. 58-67), *Canon I/Adaequare voluntatem facultati* (p. 67-81), *Canon II/Nec sperare, nec timere* (p. 81-84), *Canon III/Amor immutabilium, & mutabilitatis* (p. 84-93) e *Epistasis/In alienis casibus dissimulanda est constantia* (p. 93-104).

O segundo livro, por sua vez, acrescenta algo mais ao que foi dito no anterior e apresenta algumas recomendações para se tentar governar os instrumentos da alma e divide-se em 8 partes – *Appendix I/Tolerantia, & temperantia rerum* (p. 105-141), *Apendix II/Praecautio poenitentorum* (p. 141-150), *Appendix III/Actiones honestae alunt laetitiam* (p. 150-

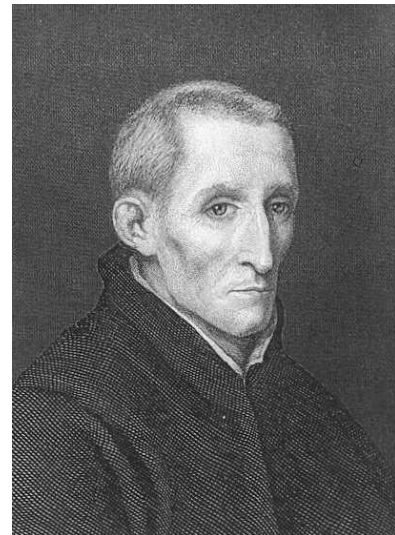


Fig. 1 Gravura do P.e Juan Eusebio Nieremberg y Otín (1595-1658) do artista Bartolomé de Maura Montaner (1844-1926) (Imagem digital da Biblioteca Nacional de España, PID 401540).



Fig. 2 Folha de rosto do DAV (1639).

<sup>4</sup> Cujso título é *Dell'Arte per ben reggere la volontà, insegnata dal Padre Gio: Eusebio Nierembergh della Compagnia di Giesu, Libri Sei, Trasportati dalla Latina nella Lingua Italiana. All'Illustrissimo e Reverendissimo Signore Monsignore Daniello Delfino, Vescovo di Filadelfia, & Eletto Patriarca d'Aquileia*. Foi traduzido por Gabriello Baba e publicado em Veneza.

<sup>5</sup> Hoefler, M. (ed.) (1893). *Nouvelle biographie générale depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours, avec les renseignements bibliographiques et l'indication des sources a consulter*. Tome 37eme. Paris: Firmin Didot Frères, fils et Cie, Éditeurs.

<sup>6</sup> Pseudo-Sêneca, na verdade, não é um autor, mas é um busto que foi classificado, no século XVII, por Theodoor Galle (1571-1633), como sendo representativo de Lucius Annaeus Seneca. Sendo assim, podemos dizer com segurança, inclusive dados os argumentos filosóficos utilizados por Nieremberg, que se trata de uma obra baseada no pensamento de Sêneca, o Jovem.

161), *Ascesis I/Eruderanda perturbationibus voluntas* (p. 161-163), *Ascesis II/Passio passione non eluenda* (p. 164-170), *Ascesis III/Conatus, & impetus ad bonum* (p. 170-174), *Ascesis IV/Diligentia de bono* (p. 175-178) e *Ascesis V/Bonum debet esse continuum* (p. 178-188).

Já o terceiro livro dedica-se a mostrar como “*a alma instrui sua potência, o intelecto, e dobra mais facilmente a vontade*”, também faz algumas advertências e apresenta remédios para alma desordenada; e está dividido em 11 partes – *Lemma I/Iuvanda est voluntas ingenio* (p. 189-194), *Lemma II/Opinio multiplicat mala per ipsa bona* (p. 194-197), *Lemma III/Iniqua aestimatio rerum ab existimatione est* (p. 197-205), *Lemma IV/Mala ab opinione potiùs veniunt, quàm è rebus* (p. 206-208), *Paedeusis I/Remedium opinionis est, cognosci* (p. 208-213), *Paedeusis II/Salutaris usus opinionis, & intellectus* (p. 214-220) (dividida em 6 partes segundo: *Locus I/Ex comparatione fortunae* [p. 220-223], *Locus II/Ex contingentia* [p. 223-225], *Locus III/Ex respectu finis* [p. 225-226], *Locus IV/Ex comparatione temporum* [p. 226-227], *Locus V/Ab exemplo* [p. 228-228] e *Locus VI/Ex providentiae ratione* [p. 228-229]), *Pedaesusis III/Distractio ipsius opinionis* (p. 229-231), *Pedaesusis IV/Veritatis observantia* (p. 231-235), *Paedeusis V/Sensus veritatis attingendus est* (p. 235-239) (também dividida em 3 partes: *Praeceptum I/Praemeditari mala* [p. 239-245], *Praeceptum II/Expectare mal* [p. 246-250] e *Praeceptum III/Timenda non confingere* [p. 250-251]), *Pedaesusis VI/Usus memoriae* (p. 251-253), *Paedeusis VII/Inutilitas, & curiositas mentis prohibenda* (p. 253-255) e *Paedeusis VIII/Cognitio divinorum maxime perficit intellectum* (p. 256-261).

Em seguida, no quarto livro, o autor “*prova como é conveniente e natural algum uso do afeto*” e se dedica a ensinar o “*uso do amor genuíno*”. O livro encontra-se em dividido em 2 partes: *Proaeresis I/Circa affectuum usum* (p. 262-279) e *Proaeresis II/De ingenio amoris* (p. 279-345).

O quinto livro trata, segundo anota o autor, de apresentar “*outros usos dos afetos – felicidade, esperança, desejos, ira, temores, tristeza*” e “*prova como todos esses afetos são úteis e como nos foram dados pela natureza para defender a felicidade da alma*”; divide-se em 7 partes: *Proaeresis III/De innocentia laetitiae, quam sola virtus alit* (p. 346-364), *Proaeresis IV/De spe humanis rebus incommoda* (p. 364-370), *Proaeresis V/Desiderii usus* (p. 370-380), *Proaeresis VI/Utilitas odii* (p. 380-387), *Proaeresis VII/Modus irae* (p. 387-397), *Proaeresis VIII/Timoris usus, & utilitas* (p. 398-405) e *Proaeresis IX/Tristitiae commoda indulgentia* (p. 405-410). Infelizmente, no original da obra, faltam as páginas 398 e 399.

O sexto e último livro do DAV descreve “*o que diz respeito ao legítimo e verdadeiro juízo, contra as falsas crenças que impedem o uso natural dos afetos*”, “*compara e examina o bem e o mal, a riquezas e a carência, o prazer e a dor, a honra e a ignomínia, a vida e a morte*” e pretende mostrar como a vida instruída pelo espírito “*ordena o fazer legítimo e natural da vontade*”. Este livro está dividido em 5 partes: *Diorismus I/Circa differentias bonorum, & malorum* (p. 411-434), *Diorismus II/De collatione divitiarum, & inopiae* (p. 434-447), *Diorismus III/Voluptates excellit dollor* (p. 448-461), *Diorismus IV/Gloriae humanae futilitas* (p. 461-472) e *Diorismus V/Ex comparatione vitae, & mortis* (p. 472-505). Faltam, no original digitalizado, as páginas 454, 455, 458 e 459.

Na sequência da obra, na edição de 1639, o autor oferece-nos a *Historia Panegyrica, de Tribus Gloriosis Martyribus, ex eadem Societate IESU, nuper in Urugai*

*pro fide occisis; quorum Martyrii gloriam multa prodigia significarunt* (p. 511-543) e um *Index Rerum et Verborum notabilium* do DAV, de 15 páginas.

Como se vê por esta apresentação, o tratado que pretendemos trazer à luz pela primeira vez em língua portuguesa é por demais extenso. Nossa proposta, portanto, é apresentar a tradução em algumas etapas, cuidando de proporcionar aos leitores notas e comentários fundamentais para a compreensão do texto. Sendo assim, começaremos apresentando o primeiro livro do *De Arte Voluntatis*.

Mas, antes disso, cabe uma breve apresentação do nosso autor, cujo nome se encontra grafado, traduzido e abreviado das mais diversas formas: Eusèbe Nieremberg, Eusebio Nieremberg, Eusebius Nieremberg, Eusebius Nierenberg, Eusebius Nierenbergius, Giovanni E. Norimbergh, Giovanni Eusebio Norimbergh, Giovanni Eusebio Nirembergh, I. E. N., Iean Evsebe Nieremberg, Iuan Eusebio Nieremberg, Ivan E. Nieremberg, Ivan Eusebius Nieremberg, Jan Euzebi Nieremberg, J. E. Nierenbergius, Jean Eusebe Nieremberg, Joan. E. Nierenbergius, Joannes Eusebius Nieremberg, Joannes Eusebius Nierenbergius, Johannes E. Nierimberg, Johannes Eusebius, Johannes Eusebius Nieremberg, Johannes Eusebius Nierenbergius, Johannes Eusebius Nürenbergius, Johannes Eusebius Nurembergius, Johannes Eusebius Norimberga, Johannes Eusebius Nürnberg, Johannes Eusebius Nyeremberg, Juan E. Nieremberg, Juan Eusevius Nieremberg, Nieremberg, Yūhannā Ausābīus Nīrāmbark. Uma lista que é mais do que mera curiosidade, pois ajuda a entender como a obra deste escritor espanhol, de família austríaca, foi realmente conhecida, difundida e respeitada por várias décadas, até o século XVIII<sup>7</sup>.

Nascido em 1595, em Madrid, Juan Eusébio Nieremberg foi batizado no dia 9 de setembro desse mesmo ano, como refere o Arquivo Paroquial de San Martín (APSM):

*En la villa de Madrid en nueve días del mes de Septiembre: Yo don Al.º Osorio Cura teniente parroquial de Sn. Martín bapticé a Juan Eusebio hijo de Gotfrid Nieremberg y de Regina Otin Alemanes Criados de la Magestad de la emperatriz. Fueron sus compadres Juan Ruiz de la Concha y (ilegível). Fueron testigos Germán de la bega y Juan (ilegível) y P.º Sanz. – El Dr. don Ossorio Carrillo<sup>8</sup>.*

Infelizmente, dada a precariedade de fontes, não é possível identificar com exatidão o local onde, antes, se estabelecia a família Nieremberg, quando ainda estavam ligados à Corte Real, na Áustria. Sabe-se apenas que, por volta do ano de 1594, sua família, que servia a Imperatriz Dona Maria da Áustria (esposa do então recentemente falecido Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Maximiliano II), mudou-se para a Espanha junto de Sua Majestade Imperial<sup>9</sup>.

Praticamente todos os primeiros anos de sua vida foram vividos numa Espanha em crise, sob o reinado de Felipe III: marcada pela decadência política e econômica. Quando completou 15 anos, Nieremberg terminou os estudos de humanidade e latinidade, no Colégio Imperial de Madrid. Foi, então, para Alcalá de Henares e depois para Salamanca, onde se dedicou ao Direito e ao Direito Canônico. Nesta última cidade conheceu alguns

<sup>7</sup> Cf. Zepeda-Henriquez, E. (ed.) (1957). *Biblioteca de autores españoles desde la formación del lenguaje hasta nuestros días* (continuación). Tomos 103 e 104: Obras escogidas del R. P. Juan Eusebio Nieremberg I e II. Madrid: Ediciones Atlas.

<sup>8</sup> APSM, L. 4, fl. 145v.

<sup>9</sup> Cf. Didier (1976/1974).



padres da Companhia de Jesus e, aos 16 anos, caiu doente por três meses; fato a que se referem seus biógrafos como sendo de grande importância na vida de Juan Eusebio: é nesse momento, segundo dizem, que descobriu os temas fundamentais de todo o seu trabalho intelectual posterior – a miséria do homem, o pecado, a morte e a Beleza divina<sup>10</sup>.

Aos 19 anos de idade, decidiu ingressar na Companhia de Jesus, sendo admitido ao noviciado no dia 2 de abril de 1614, em Salamanca. Seguiu, então, todo o percurso de formação necessária para se tornar um jesuíta – período de provação (em Villagarcia, Navalcarnero e Madrid) –, até que, no dia 3 de abril de 1616, pronunciou os votos. De Madrid, seu último destino, foi enviado a Huete, onde aperfeiçoou o latim, o grego e o hebraico. Terminados esses estudos, seguiu para Alcalá, onde recebeu o diploma de Artes e Teologia, tendo, inclusive, lecionado latim naquela Universidade até o ano de 1623, quando foi ordenado sacerdote. Cinco anos mais tarde, assumiu a cátedra de Ciências Naturais da Universidade de Madrid, bem como a tarefa de confessor dos estudantes da Casa da Companhia naquela Universidade. Em 1633, acumulou ainda a cátedra de Sagrada Escritura. Até 1645, estudou e escreveu dezenas de obras. Por essa época, porém, aos 50 anos de idade, os arquivos relatam que Nieremberg adoeceu: uma paralisia que o dominou por muitos anos, impedindo-o, até mesmo, de falar. Em 1650, após uma grave queda, recuperou parte da saúde, inclusive a fala, permitindo que se dedicasse a terminar alguns de seus mais importantes livros, até falecer no dia 7 de abril de 1658.

Os arquivos da Companhia de Jesus o descrevem, em 1625, pouco depois de sua ordenação, como homem de “*muy buen ingenio, juicio y prudente, flematico melancolico aventajado en letras, saliente para estudios buen operario*”<sup>11</sup>. Em 1649, 5 anos depois de cair doente, sua descrição nos catálogos é mais precisa e diz que Nieremberg “*es de buen ingenio, juicio, prud[ente]. y exper[iente]. y de suficientes letras de Theologia escolastica, y moral, es de complexion flematica; talento para predicar, o, gobernar no le a podido mostrar por sus continuas indisposiciones*”<sup>12</sup>. Já perto de sua morte, os catálogos o descrevem assim: “*Ingenium / bueno, Iuditium / bueno, Experientia / poca, Profectus in litteris / muy bueno, Naturalis complexio / flaca, Talenta ad ministeria / bueno*”<sup>13</sup>. No entanto, seus biógrafos e estudiosos de sua obra são unânimes em descrevê-lo como um homem de “prodigiosa vitalidade” e cheio de uma “atração amorosa pela morte”, enérgico e trabalhador, inquieto, pacífico e fácil de governar, austero, e que nunca criou problemas dogmáticos<sup>14</sup>.

<sup>10</sup> Calvo, M. J. Z. (2006). Muerte, alma y desengaño: las obras latinas del padre Nieremberg. *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*, 21, pp. 15-121.

<sup>11</sup> Archivum Romanum Societatis Iesu (ARSI), *TOLET* 22, fl. 152.

<sup>12</sup> ARSI, *TOLET* 24, fl. 251.

<sup>13</sup> ARSI, *TOLET* 25, fl. 8.

<sup>14</sup> Cf. Didier (1976) e Calvo (2006).

## 2 O De Arte Voluntatis

**A ARTE DE CONDUZIR A VONTADE EM SEIS LIVROS NOS QUAIS A MEDULA DA DISCIPLINA PLATÔNICA, ESTOICA E CRISTÃ É DIGERIDA E EXTRAÍDO TODO O SUCO DA FILOSOFIA POLÍTICA<sup>15</sup> DE PLATÃO, DE SÊNECA, DE EPICTETO, DE DIÃO CRISÓSTOMO<sup>16</sup>, DE PLOTINO, DE JÂMBLICO<sup>17</sup> E DE OUTROS CUJAS MENTES ERAM HABILMENTE GUIADAS POR ESTES; ALGUMAS COISAS ALTERADAS; MUITAS COISAS NOVAS E INTELIGENTES TRAZIDAS À LUZ. SEGUIDO, AO FIM, PELA HISTÓRIA PANEGÍRICA DOS TRÊS MÁRTIRES DA COMPANHIA MORTOS POR SUA FÉ NO URUGUAI<sup>18</sup>.**

<sup>15</sup> É interessante observar como Nieremberg usa a expressão “filosofia política” para designar a parcela do pensamento de todos estes autores que será objeto de seu tratado de “filosofia moral”. Sabemos que a “filosofia política” lida exatamente com o aspecto mais amplo da vida da cidade. Mas, se considerarmos a perspectiva aristotélico-tomista que subjaz à obra de nosso autor, sabemos que o governo da cidade é a etapa final no percurso para o *felix vitae statum*, sendo a ética (que considera o homem em si mesmo) e a economia (que considera o âmbito mais amplo das relações familiares humanas) duas etapas anteriores e mais simples à etapa da “República ideal”. Assim, talvez o mais adequado seria dizer que estamos tratando da “filosofia moral” dos autores elencados por Nieremberg. A este respeito, cf. Góis, M. (1957). *Disputas do Curso Conimbricense sobre os livros de Moral a Nicómaco de Aristóteles em que se contém alguns dos principais capítulos da moral* (A.A.B de Andrade, Trad.). Lisboa: Instituto de Alta Cultura (original de 1593); e também Pacheco, P.R.A. (2011). A categoria “liberdade” no Curso Conimbricense sobre a *Ética a Nicómaco* e a “experiência de liberdade” nas *Indipetae* jesuíticas (séculos XVI e XVII). *Síntese – Revista de Filosofia*, 38(21), 235-259.

<sup>16</sup> Apesar de no título haver uma vírgula após “Dione”, o que faz crer que, na verdade, se trate de Dião e de Crisóstomo, temos razão para crer que, de fato, trata-se de Dião Crisóstomo e não de Dião Cássio, o mais conhecido dos personagens gregos com este nome, e de João Crisóstomo: primeiro porque sabemos que Dião Cássio era historiador e não legou nenhuma obra de filosofia; segundo porque, tradicionalmente, o pensador da patrística, em geral, vem apresentado como “São João Crisóstomo”. Dião Crisóstomo (c. 40 – c. 120), orador, filósofo e historiador grego muito influenciado pelo pensamento de Platão. Uma parte fundamental de sua obra – praticamente toda composta por discursos – trata da realeza e foi dirigida ao Imperador Trajano. Nela, Dião define a ética de um governante. Cf. Desideri, P. (1978). *Dione di Prusa: un intellettuale greco nell'impero romano*. Messina-Firenze: G. D'Anna.

<sup>17</sup> Trata-se, na verdade, de Iamblichus Chalcidensis (c.245-325), filósofo neoplatônico assírio que se dedicou sobretudo à obra de Pitágoras e de Platão, tendo sido discípulo de Plotino. Era contrário ao pensamento aristotélico que, segundo ele, havia pervertido o ensinamento pitagórico. Segundo Jâmblico, para quem a matemática era o local onde o pensamento reside, há quatro ciências matemáticas – aritmética, geometria, música e astronomia (a propósito, quatro das sete artes liberais, que compunham o currículo do *Quadrivium*) – e três aplicações da matemática: a ética, a física e a ciência da produção. Certamente, da obra deste autor, Nieremberg parece ter tido acesso ao importante texto *Mistérios do Egito*, no qual Jâmblico apresenta algo da influência do pensamento egípcio e de Hermes Trismegistos. Cf. Burkert, W. (1991). *Antigos cultos de mistério*. São Paulo: EDUSP.

<sup>18</sup> Optamos por uma tradução em que, na medida do possível, se preservasse a estrutura argumentativa utilizada pelo autor e pelos tradutores francês e italiano. Quando a pontuação ou a formação das frases dificultava por demais a compreensão do conteúdo, optamos por tornar o texto o mais próximo da estrutura gramatical da língua portuguesa sem, no entanto, ferir os estilos do autor e dos tradutores. Nossa tradução foi baseada no texto francês e no texto italiano, mas sempre tomando como fundamento para a organização da apresentação do texto traduzido o texto original latino de 1639. Assim, optamos por manter os títulos de seções conformes ao original latino, retirando as referências, a cada parágrafo, a uma nova subseção (como é o caso do texto francês). No texto latino, os parágrafos são identificados à margem do texto, onde, inclusive, o autor toma o cuidado de apontar algumas referências citadas por ele ao longo do texto.

## CONTEÚDO DA OBRA INTEIRA

A presente obra, cujo núcleo bebe da filosofia do Pseudo-Sêneca, tem como propósito expor o que seja a arte de governar a vontade e ensinar o modo para dirigi-la. Assim como, na dança, os membros do corpo devem se mover adequadamente e, na luta e na forja, as mãos devem ser governadas com perícia para não se ferirem e, no uso de instrumentos, se requer diligência, assim também é preciso método e arte para lidar com as potências da alma.

### NO LIVRO I

o autor prova como a alma se satisfaz sem as coisas externas; como o prazer não tende a elas; como sua única satisfação é a felicidade e a paz dos prazeres; e como sob a sua diligência estão as obras da vontade. Em seguida, assinala quais são as regras para a vontade, para o afeto e para o amor diante do objeto da razão.

### NO LIVRO II

acrescenta-se algo mais ao que foi dito para provar o argumento. Em seguida, algumas recomendações a impedimentos que visam e facilitam o governo dos instrumentos da alma. Apresenta, por fim, algumas regras para exercitar-se.

### NO LIVRO III

na medida em que a vontade depende dos objetos da cognição, aprende-se logo de que modo a alma instrui sua potência, o intelecto, e dobra mais facilmente a vontade. Adverte primeiro a julgar os pecados e os danos das falsas crenças e acrescenta os remédios: o uso adequado da potência intelectual; alguns preceitos e recomendações; o modo de encontrar e se ocupar das boas crenças; o uso idôneo da memória; e ensina também como obter mais facilmente a verdade.

### NO LIVRO IV

então, numa notável continuação, prova como é conveniente e natural algum uso do afeto: ensina especialmente o uso do amor genuíno, e mostra como, sem partir dos dados da natureza, se poderá chegar à desordem.

### NO LIVRO V

prossegue apresentando outros usos dos afetos – felicidade, esperança, desejos, ira, temores, tristeza. Prova como todos esses afetos são úteis e como nos foram dados pela natureza para defender a felicidade da alma. Demonstra que quem não os sabe usar recai na desordem.

### NO LIVRO IV

descreve-se e recorda-se, em particular, o que diz respeito ao legítimo e verdadeiro juízo, contra as falsas crenças que impedem o uso natural dos afetos. Na continuação, isoladamente, compara e examina o bem e o mal, a riqueza e a carência, o prazer e a dor, a honra e a ignomínia, a vida e a morte; e mostra de que maneira uma vida muito bem instruída pelo espírito invade o fazer legítimo e natural da vontade.

A obra é dividida em livros e capítulos também com anotações das teses referidas à margem, com o título inserido na frente.

## PREFÁCIO<sup>19</sup>

Se sempre houve, no Mundo, ilustres monumentos de gratidão àqueles que tiveram a glória de fazer bem ao Mundo. Se os famosos trabalhos desses Heróis da Antiguidade, que destruíram o império dos maldosos e limpam os monstros da Terra, que lhes ergueram Altares e Templos em toda a Terra. E se os benfeitores dos Povos e das Nações sempre foram considerados com religioso respeito, e nunca lhes faltou Apoteoses. Seria injusto no fim e seria cometer uma extrema ingratidão não testemunhar um perfeito reconhecimento por esses raros e divinos Gênios que, por suas nobres meditações e seus salutares preceitos, ensinaram os Homens a se livrarem da tirania do Vício, quer dizer, da mais dura e cruel de todas as tiranias; a domarem, assim como a tantos monstros, os apetites desordenados e as violentas paixões de sua alma; a não temerem as perseguições e as malícias da Fortuna; a suportarem pacientemente os males e as calamidades da vida. Foram, sem dúvida, os verdadeiros Heróis e os dignos benfeitores do Mundo que produziram as mais evidentes vantagens – mais do que Hércules tenha feito –, que produziram com mais certeza e maior grandeza que Hércules a felicidade dos Povos e das Nações. É preciso explicar mais claramente e dar a glória a quem ela pertence. É absolutamente aos Filósofos que devemos isso. Estou falando daqueles que o estudo da Sabedoria tornou verdadeiramente dignos deste nome. Homens que não se divertindo com nada, como aqueles que o povo justamente pouco honrou porque buscavam Verdades inúteis; que não perdendo tempo com especulações que a experiência verifica que leva a muito mais trabalho que a satisfação do espírito, verifica que deixa sempre bem menos resoluções que dúvidas; esses homens se empregaram utilmente àquilo que a Razão lhes ensinou a ter como mais sólido e mais necessário: considerar o Homem, na medida em que age com iluminação e com um movimento voluntário e livre; ensinar ao Homem a excelência do fim para o qual ele foi criado, e para o que ele naturalmente aspira; a livrar o Homem de tudo o que o impede ou retarda; a purificar a fonte e o princípio de suas ações; a reger as potências de sua alma; e, para dizer em uma só palavra, a torná-lo Sábio, a fim de torná-lo Feliz. Eis os ilustres trabalhos pelos quais estes excelentes homens mereceram Público. Eis de que maneira eles fizeram bem a todo o gênero humano, eles obrigaram a toda a Terra. E, certamente, eu não poderia imaginar que pudessem existir pessoas tão pouco razoáveis a ponto de lhes recusarem esta glória; e que, pensando na utilidade maravilhosa que o Mundo, em todos os tempos, recebeu de uma Ciência tão nobre como essa que eles ensinaram, e que, de Século em Século, foi felizmente transmitida, não reconheçam que ela mereça os primeiros e mais importantes cuidados; e que nós devemos, tanto quanto for possível, constantemente, lhes dedicar [estes cuidados], visto que todas as outras [Ciências] se apoiam sobre esta, visto que ela é o que o fundamento é para o edifício. Esta Ciência, trabalhando para tornar o homem virtuoso, faz ao mesmo tempo muitas coisas: ela o torna capaz de todas as funções que lhe dizem respeito; ela purifica seu espírito e o coloca na feliz disposição que precisa existir para que ele se eleve até à contemplação das maravilhas da Natureza; para penetrar em todos os seus segredos, e

<sup>19</sup> Este prefácio foi escrito, na verdade, pelo tradutor francês Louys Videl. Há, no texto original (1639), um prefácio escrito por Nieremberg que, no entanto, não tivemos a oportunidade de traduzir. Na obra francesa, Videl, antes do prefácio, escreve uma carta dirigida ao Senhor de Lionne, Conselheiro de Estado Ordinário e Secretário da Rainha Regente. Trata-se do Senhor Hugues de Lionne, que foi Ministro de Estado de Sua Alteza Real, a Infanta Ana Maria Maurícia, da Áustria, entre os anos de 1646 e 1667. Acumula ainda os títulos de Marques de Fresnes e Senhor de Berny.



descobrir suas mais raras e escondidas operações; ela lhe fornece o destino e as outras partes necessárias para o governo de um Estado, para a condução de uma Família, para a condução de sua própria pessoa; ela produz um sábio Filósofo, um hábil Político e um prudente Ecônomo<sup>20</sup>; ela faz o que elas pretendem fazer; ela completa sozinha aquilo que elas pretendem todas juntas. Mas, ela nem sempre realizou tudo tão dignamente; nem possuiu suficientemente esta glória. Para dizer verdadeiramente, ela só pode dizer que a adquiriu adequadamente depois que a luz do Cristianismo veio sobre a Terra; que as fraquezas da Sabedoria humana foram reparadas e sustentadas pela comunicação da Sabedoria divina; e que a Graça esclareceu e fortificou a Natureza. O que essa excelente Ciência produziu antes disso teve muitos limites, foi muito imperfeita, sem dúvida. O que houve de homens dos quais ela regrou a vida e formou os hábitos, e que o Mundo acreditou serem Sábios, não foram, certamente, Sábios; ou, para ser mais exato, só foram meio Sábios. Eles usurparam este Nome mais do que o tomaram com legitimidade; eles se afastaram deste fim comum – a felicidade – quando, eu digo, se arriscaram por vias que, se não são absolutamente falsas, pelo menos são bem incertas. Foram pessoas que caminharam de noite e que, conseqüentemente, só poderiam caminhar na dúvida. Como eles estavam conduzidos apenas pela luz natural, seguiram um Guia mal iluminado e que tinha, ele mesmo, necessidade de um guia. Era preciso um que os retirasse de sua distração e que os colocasse no bom caminho: este Guia só poderia vir do Céu, só poderia ser a Graça. Ela descobriu aquilo que a Razão sempre procurou inutilmente sem ela [a Graça]. Ela lhe fez conhecer no que consiste o Soberano Bem, e o fez procurá-lo onde ele realmente se encontra. Assim, a Moral<sup>21</sup> tendo adquirido da Graça o que lhe faltava, adquiriu, sem dúvida, sua perfeição. Ela recebeu da Graça seu caráter de dignidade que restaura seu preço com maior grandeza, que a fez assumir o primeiro lugar entre os Conhecimentos humanos. E que a estabeleceu com o título mais justo de Rainha, tanto que todos os Conhecimentos juntos não seriam capazes de produzir nos homens um bem comparável ao que ela sozinha produz. Além do mais, podemos dizer que, tornando os homens Mestres deles mesmos, ela os fez subir sobre o trono, fazendo-os Reis da mais nobre porção do Mundo, ela lhes deu um império muito maior do que puderam ter aqueles Cortesãos<sup>22</sup> tão famosos que partilharam a Terra, mas que são frequentemente depostos de uma tão alta prerrogativa, quando deixam às suas paixões a obediência que recebem de seus Povos, conseguindo este estranho prodígio que é ajuntar em uma mesma pessoa o poder e a fraqueza, a soberania com a servidão. Não haveria aqui motivos suficientes para excitar todos os Espíritos razoáveis ao seu amor e à sua procura? Seria ainda necessário para aferroar a mais generosa ambição, ou até mesmo para satisfazê-la, lhe propor a posse dos favores de uma Rainha? Mas, de uma Rainha tão magnífica que, diante dela, qualquer um se

<sup>20</sup> Uma vez mais o argumento aristotélico-tomista comparece para corroborar a ideia segundo a qual este tratado pretende, na verdade, ser um tratado de filosofia moral que, leva às últimas conseqüências o cuidado de si: um cuidado de si, na busca pela suprema felicidade, que, ao fim e ao cabo, coincidirá com o bom governo do Estado. O filósofo cuida de si, ao cuidar da ética; o político cuida do Estado, ao cuidar da Política; o ecônomo cuida da família, ao cuidar da Economia. Mas todos eles só fazem o que fazem porque, antes, houve uma Ciência que indicou a sabedoria que a tudo fundamenta, como se verá na seqüência do argumento de Vidél.

<sup>21</sup> Nesse sentido, o que se evidencia é que Nieremberg quer propor uma filosofia moral de fundamentação cristã, certamente a partir do modelo aristotélico-tomista (cf. Pacheco, 2011).

<sup>22</sup> Vidél utiliza uma palavra para a qual não encontramos correspondência e tão pouco significado: trata-se da palavra “Courants”. Acreditamos, a partir de pesquisa etimológica, que se trate de corruptela de “courtisans” ou de erro de impressão. Visto, inclusive, não termos encontrado esta palavra sequer vinculada a algum sobrenome de família poderosa.

devotaria a ela, visto que dela se obtém nada menos do que uma Coroa como recompensa? É muito justo que, a partir daqui, se reconheça quanta obrigação temos para com aqueles que nos facilitam o acesso a ela, e nos concedem as graças, àqueles que eu costumo dizer que nos abrem todos os seus tesouros e nos dão o meio de nos encher de satisfação e de bens, não apenas para a Terra mas também para o Céu. Não temo também me arriscar a dizer, como uma Verdade que não sofre contradição, que devemos também a ela o cuidado com os sentimentos puros e divinos, sem os quais ela é sombria e obscura, ou, pelo menos, tem apenas um falso lustre; são eles que, mais particularmente, lhe revestem de Ornamentos e, por assim dizer, lhe dão os adereços onde sua verdadeira beleza encontra a consistência e dos quais ela se adorna verdadeiramente. Mas, não deveríamos ter um reconhecimento semelhante também àqueles que, tendo reunido e encarnado estes mesmos sentimentos, nos pouparam a pena de procurá-los onde eles estavam dispersos; e, desta maneira, nos tornaram bem mais fácil o estudo, e a utilidade muito mais presente? Ora, a meu ver, nenhuma outra pessoa no mundo pode se gloriar de ter feito isso tão bem quanto o Autor que me forneceu o fundo e a matéria da presente Obra. Conheci-o, há alguns anos, através da mediação de um de meus amigos particulares<sup>23</sup>, Personagem sábio e polido que, desde então, se tornou um ponto de ligação e promotor do comércio que tivemos juntos, não obstante a longa distância entre a França e a Espanha. Sem dúvida, ele conferiu à Moral este nobre e último traço que faltava à sua beleza; enriquecendo-a com Máximas Cristãs, excelentemente empregadas entre os dogmas dos Filósofos Pagãos, reformando-os e recolocando-os no nível da Doutrina do Evangelho<sup>24</sup>. De tal maneira que de tudo aquilo que, em diversos momentos da história, apareceu sob o nome de MORAL CRISTÃ, seguramente, nada é melhor do que a presente obra. E mesmo seus Autores não teriam dificuldade de dizer o mesmo, ou seja, que nunca houve Moral que se pudesse chamar mais seguramente de Cristã. Acredito só precisar testemunhar isso àqueles que não têm nenhuma inteligência da língua na qual foi escrita e que, por esta Razão, devem me deixar fazê-lo falar na nossa língua, e fazê-lo falar mais pura e agradavelmente, talvez, que os demais Autores conseguiram fazer em suas próprias línguas, porque todos estão de acordo com esta Verdade. E, por menos hábito que se possa ter, neste Livro se descobrirá que ele cumpre perfeitamente o que seu Título promete. Quero, com isso, dizer que ele é cheio do suco e da essência dos melhores Livros. É também sobre isso que está fundada a alta estima que geralmente os Sábios e os Razoáveis sempre tiveram ao não ignorar o perigo que seria recusá-la, passando por cego e ridículo, não estimando, como se deve, as raras produções dos maiores homens de todos os Séculos, que, por exemplo, estão no trabalho deste Autor; não estimando então as tantas matérias preciosas, nobremente colocadas em jogo entre os pensamentos do Autor e como que incrustadas no Ouro de seus excelentes Raciocínios. Pode-se muito bem, a partir disso, imaginar qual é sua importância e seu valor. Mas, não podemos dissimular: não se trata de algo que se percebe muito rapidamente. Este Ouro, como aquele que está nos veios da Terra, quase sempre precisa que o Espírito trabalhe para que o descubramos. Estas matérias preciosas são brilhantes e cheias de brilho, mas elas não tocam primeiro os sentidos, elas são escondidas sob as sombras e envolvidas por nuvens. Para que eu mesmo não me envolva em nuvens e para me explicar mais

<sup>23</sup> Em nota de margem, aparece escrito: “*Senhor del'Auberivière, Advogado Geral do Rei, na Câmara dos Condes de Dauphiné*”.

<sup>24</sup> Finalmente, como se pode depreender do que dissemos anteriormente, o argumento que faltava para a comprovação do que vimos dizendo a respeito disto.

claramente, digo que o Autor do presente tratado não tomou o cuidado que deveria ser tomado: o cuidado de evitar o obscurantismo que nasce de um estilo conciso como o seu, e que causa, infalivelmente, uma construção estranha e pouco regular, tal como parece que ele acabou afetando. Tendo negligenciado muito o cuidado de ser claro e inteligível, ele caiu no inconveniente de ser menos agradável. Daí, sem dúvida, que tantas pessoas cheias da iluminação e da vivacidade que é preciso ter para penetrar nas coisas mais duras e mais difíceis, depois de tê-las trabalhado em diferentes lugares para decifrá-las, não conseguindo chegar ao fim nem formar um sentido justo e completo da confusão e da desordem de suas palavras, desistiram de continuar a sua leitura; ou, depois de terem descoberto os espinhos, não quiseram se arriscar a tocá-la uma segunda vez e, até mesmo, a colocar a mão outra vez. Mas, como elas acabaram duvidando que sob os espinhos houvesse uma enormidade, um ramalhete de rosas, do qual eles, pelo menos, sentiram o cheiro, elas acabaram duvidando que as rosas pudessem ser descobertas e, por isso, fizeram a injustiça de condená-lo. Elas se afastaram dele com o desprazer de não poder considerá-lo alguém de sua confiança, alguém a quem falar de seus segredos. Mas, elas não o rejeitaram com desprezo. Elas tiveram por ele a reverência que se tem pelos mistérios e pelos Oráculos, que são respeitados na medida em que não os entendemos. E supondo que a situação poderia se tornar mais desfavorável ainda, os mais livres e menos discretos cuidaram de não o maltratar e dizer-lhe injúrias; como fez um dos mais Célebres Escritores deste Século que, por uma estranha surpresa de seu julgamento e de sua razão, se abandonou à sua ferida até que o tratassem de Extravagante e de Ridículo; e não se deu conta do perigo que ele estava fazendo a si mesmo ao passar por tal coisa<sup>25</sup>. Não seria o mesmo o que aconteceu com este homem [o autor do presente tratado] de tão grande mérito, universalmente estimado muitas vezes entre aqueles dos quais este Autor [deste prefácio] não imaginava que fazia parte? Um homem, eu digo, que mereceu tanto não somente das Letras, mas também da Religião, pelas diversas e importantes Obras que produziu; e que tendo como que adquirido direito de Cidadania na França há vinte anos, e tendo tanta reverência da fé pública, deveria ele ser inviolável a este respeito, se não estivesse tão distante, pela Santidade do seu caráter e quase pela de sua vida<sup>26</sup>. Digamos o que parece ser bastante verossimilhante, e pelo que este mal-entendido parece poder ser reparado, que ele não a conheceu e que, sem dúvida, tomou esta obra como que escrita por um outro. Não, seguramente, ele não teve a paciência suficiente para estudá-lo, ele só a quis *en passant*, como quem vê o que não queria ver de fato e que, talvez, estando um pouco confuso, demandava mais cuidado e atenção, quer dizer, demandava o que ele não tinha e queria o que ele não era capaz de meditar sobre. Ele não considerou que este excelente homem acreditou, talvez, e não sem muito fundamento, que a força e a excelência de

<sup>25</sup> Não conseguimos, por falta de mais elementos, identificar quem poderia ter sido este pensador. Entre os pensadores que, nas décadas de 1630-1650, estavam ativos na França podemos enumerar: René Descartes (1596-1650) e Pierre Gassendi (1592-1655). Mas, como Videl não deixa claro se se trata de um pensador francês ou não, cabe lembrar também o nome de Thomas Hobbes (1588-1679). Inclusive, relata-se que estes três pensadores se reuniram à mesa do Marquês de Newcastle, William Cavendish (1593-1676). Sabe-se que Gassendi se opunha ao racionalismo de Descartes que, por sua vez, chegou a afirmar seu desprezo por “este pobre homem que não tem o senso comum e não sabe, de forma alguma, raciocinar” (Adam, 1910: 448). Sabe-se também que Gassendi se encontrou com Hobbes depois de ter sido, em 1641, eleito para a agência geral do clero francês, uma importante posição oficial entre a Igreja e o século. Cf. Adam, C. (1910). *Vie & Oeuvres de René Descartes: étude historique*. Paris: Leopold Cerf.

<sup>26</sup> Refere-se ao fato de Nieremberg ser um jesuíta. Sabe-se, outrossim, que nosso autor gozava de fama de santidade ainda em vida, devido especialmente a seus sofrimentos físicos por ocasião da doença que o afetou por tantos anos.

seus pensamentos tornavam suportáveis os limites que se sublinham na sua expressão; e a nobreza da figura impedia dizer a beleza do colorido; e que a riqueza da matéria poderia tomar o lugar daquilo que falta à forma. Com efeito, parece não ser um problema a bruteza de seus diamantes, ou a falta de delicadeza da sua lapidação, já que são tantos e tão numerosos. E tendo julgado que ele teve a glória de poli-los e de lhes dar o lustre que merecem, ele o quis fazer a quem aceitasse o intento como eu aceitei. De qualquer maneira, seria injusto até a crueldade, seria se comportar mais como um seu inimigo do que como um seu juiz, envolver numa mesma censura suas perfeições e seus defeitos, que se crê foram bastante felizmente reparados nesta Tradução; seria injusto mesmo não distinguir as coisas onde ele excede daquelas onde ele peca. De resto, este Livro pode ser nomeado o Sumário, como que o Resumo de toda a Filosofia. E com mais razão ainda visto que, certamente, se pode encontrar nele tudo o que os Filósofos Pagãos e os Padres da Igreja têm de mais delicioso e de mais nobres sentimentos na ciência dos hábitos. Seu principal objetivo é mostrar que há uma certa Arte de conduzir a Vontade e reger todos os seus movimentos; como também há uma [Arte] para reger os movimentos do Corpo, seja para a Dança que para a Esgrima, seja para as outras Artes que exigem alguma habilidade. Ele é dividido em seis Livros: o primeiro dos quais demonstra suficientemente que o Homem é bastante rico de seu próprio Espírito para produzir sua felicidade, e que ela depende unicamente dele e de absolutamente nada das coisas que estão fora dele, e que ela é o necessário e nobre efeito da Vontade bem conduzida; depois disso, ele dá algumas regras gerais para governar as Paixões e para evitar e afastar de nós o que é capaz de incomodar nossa paz e nossa alegria. No segundo Livro, ele repassa sobre esses seus esboços, quer dizer, ele se estende mais sobre as coisas que ele já havia escrito e que se podem ter sido tomadas como inúteis e que, porém, bem longe de serem muito extensas e de se poderem ser reduzidas a um espaço menor, exigem um espaço maior e tornaram necessário que eu, inclusive, lhes dedicasse um espaço mais amplo. Ele as apoia e as fortifica, oferecendo ao leitor, em seguida, algumas Máximas para colocar a Vontade no estado que ela deve permanecer, a fim de agir sem obstáculos e mostrando de que maneira é preciso empregar este nobre instrumento do Espírito. No Terceiro, ele faz ver que, já que a Vontade depende do conhecimento que ela tem das coisas e das impressões que ela se forma sob o poder do Entendimento, é extremamente importante instruir este Conselheiro, do qual ele sublinha as fraquezas e os erros que nasce de sua falsa estima das coisas. Sobre isso ele descobre, de uma maneira admirável e muito mais particularmente que qualquer outra pessoa já tenha feito, as imposturas da Opinião e os males que ela causa no mundo, para os quais ele oferece, ao mesmo tempo, os remédios pela boa conduta do Entendimento, pelo uso legítimo da Opinião mesma, em poucas palavras, pelo conhecimento da verdade, principalmente daquilo que diz respeito a Deus e que é capaz sozinho de lhe dar satisfação e repouso. E foi aí, nesse ponto mesmo, que eu me persuadi de que o Leitor quererá, talvez, que eu pare e, quem sabe, também aprovará que eu termine uma das duas Partes desta Obra, esperando que lhe faça ver a que virá depois, na qual ele pode, antes de vê-la, ter certeza de que verá coisas belas e que poderá crer não ser capaz de dar a merecida aprovação<sup>27</sup>. E eu não sinto escrúpulo nenhum em assegurar isso: que

<sup>27</sup> Infelizmente, porém, sabe-se que Videll não terminou seu projeto, deixando de lado ou não conseguindo levar até o fim a tradução dos três outros livros do DAV. Por isso, para os livros 4, 5 e 6, usamos para a tradução para o português o texto italiano e a comparação com o texto original de 1639. Cf. Hoefler (1893).

se ele se satisfizes com esta, como eu pretendo ter razão de não ter dúvida, ele ficará talvez ainda mais satisfeito com a outra<sup>28</sup>.

**A ARTE  
DE CONDUZIR  
A VONTADE**

**LIVRO PRIMEIRO**

---

***PRIMEIRA PROLEPSE***<sup>29</sup>

*Não precisamos dos cuidados nem da Fortuna nem da Natureza*<sup>30</sup>

Tenho a intenção de produzir no mundo a mais excelente e a mais necessária de todas as Artes, na qual a razão e a indústria<sup>31</sup> humana poderiam sempre se aplicar. Aquela da qual o conhecimento é, sem dúvida, o mais importante, que se propõe o mais nobre dos objetos e da qual a prática, sendo a mais útil, tem esta notável vantagem: a de ser também a mais cômoda. Ela ensina aos homens a via infalível que conduz à felicidade; ela os leva onde todos eles querem chegar; ela os faz tocar o objetivo para o qual todos visam naturalmente, mas do qual todos também se afastam, e para o qual vemos que, muito raramente, eles chegam. Se quisermos crer, eles encontram muitos impedimentos da parte das duas potências para chegar a ela: podemos nomeá-las como os Soberanos Árbitros da vida, a Natureza e a Fortuna. São tantos os obstáculos por elas impostos que lhes é absolutamente impossível superá-los. Eles acusam a primeira de lhes ter sido pouco favorável na distribuição dos bens que dependem dela, de lhes ter quase abandonado, em comparação com os cuidados que ela teve com o resto dos animais; e – que é o que lhes importa mais – de lhes ter privado das vantagens sem as quais toda a aflição que eles encontram na tentativa de serem felizes seria apenas inútil. Eles consideram a outra como a sua inimiga capital, que se opõe à realização de seus santos desejos, e que parece ter assumido a tarefa de arruinar seus mais belos empreendimentos. Em uma palavra, eles imaginam que ela suscita a maior parte dos males que lhes acontecem. Nossos primeiros

---

<sup>28</sup> Na sequência deste prefácio, o editor Jean Pocquet escreve uma advertência ao leitor acerca dos possíveis erros de impressão.

<sup>29</sup> O tradutor francês intitulou esta primeira parte de “Primeiro Prelúdio”. Optamos por utilizar a nomenclatura presente no original latino, devido à importância da figura retórica da “prolepse” para a construção do processo argumentativo de Nieremberg. Cf. Pacheco, P.R.A.; Costa, H.C.; Teixeira, M.A.C. (2013). Os caminhos da vontade: a primeira prolepse do *De Arte Voluntatis*. *Memorandum*, 25, 73-92. Recuperado em 21/12/2013, de [www.fafich.ufmg.br/memorandum/a25/pachecocostateixeira01](http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a25/pachecocostateixeira01).

<sup>30</sup> Videl nomeou esta prolepse assim: “QUE nós recebemos bens bastantes da natureza para adquirir a felicidade, sem ter necessidade daqueles da fortuna”.

<sup>31</sup> Optamos por manter a palavra “indústria” como tradução para *industria*, sabendo que um de seus significados em português é justamente diligência, zelo, destreza, sentido empregado aqui por Nieremberg.



cuidados serão de lhes desiludir desses erros; justificaremos uma e outra das diversas calúnias que se lhes impõem; restabelecer-lhes-emos em sua boa reputação, e trabalharemos, em seguida, para a cura das enfermidades humanas, através de remédios fáceis e familiares. O que poderíamos fazer de mais cômodo, eu vos pergunto, do que regrar nossa vontade, corrigir nossa avidez? É aí, no entanto, onde se encontra os assuntos que me fazem temer que esta intenção, por justa que seja, não seja mais bem sucedida hoje, para mim, do que tenha sido a outros no passado. E que, se o sucesso é incerto e duvidoso, a utilidade, pelo menos, é evidente e singular. Vemos, em geral, essas duas desordens juntas: primeiro que a maior parte dos homens, por uma falsa persuasão de que trabalham pela sua felicidade, é artífice da própria miséria; e segundo que, por mais razoável que sejam esses famosos Inventores<sup>32</sup> de suplícios que a antiguidade nos fez conhecer, merecem ser punidos pela sua perniciosa indústria para consigo mesmos, não se contentam com a injustiça que cometem contra a Fortuna, acusando-a pelos males dos quais ela não é nada culpável, chegando mesmo à impiedade de julgar também a Natureza. Entretanto, com alguma aparência de razão que seja na condenação que enunciam, não nos é muito difícil verificar que não têm razão; não nos é difícil mostrar como elas são inocentes. A Natureza, à qual eles imputam de lhes ter sido muito negligente, certamente mereceu deles tudo aquilo que uma boa mãe deveria merecer de seus filhos; ela teve cuidados muito particulares, ela lhes concedeu importantes vantagens. E a Fortuna, da qual eles acreditam que tenham tantos motivos para se queixarem, e que eles creem que lhes é tão contrária e tão avara, lhes é ao contrário amistosa e liberal até o ponto de testemunhar sua paixão em lhes fazer bem; visto que ela só tem a eles na natureza<sup>33</sup>, ela só faz parte deles; eles recebem dela a todo o momento as marcas de seu favor; ela os obriga incessantemente e, por uma cruel retribuição, eles não param de ofendê-la, a todo o momento eles a repreendem, eles a enchem de repreensões e calúnias. Ela os considera como o Único e Eterno objeto de seu amor e de sua largueza, e para que nunca lhe falte meios para lhes fazer tantos bens ela não dissipa seu fundo. Ela se conserva rica, a fim de ser sempre benfeitora. E porque ela não o saberia ser universalmente a todos juntos – por mais opulenta que seja, seus bens não poderiam nunca ser suficientes –, ela supre, com sua habilidade, a falta de poder; ela os distribui de tal maneira que, se todos não a possuem ao mesmo tempo, pelo menos a têm sucessivamente e cada um a seu tempo. Ela os acomoda por um tempo, fazendo-lhes mais um empréstimo que um presente, e os faz passarem de uns para os outros, a fim de que não haja pessoa que não tenha motivo para louvá-la, e para que aqueles que se creem mais à frente no seu ódio possam perceber, ao menos uma vez em sua vida, os efeitos de sua bondade. A liberalidade dos Príncipes recebe devoção e adoração de todo mundo, ainda que todo o mundo não receba bem algum; é sempre já suficiente que se tenha a possibilidade receber; e que as graças que eles fazem a uns deem lugar a outros de esperá-las. Por que reprovamos a ordem que a Fortuna escolhe para a distribuição de seus favores, visto que ela seja tão judiciosa que não há pessoa no mundo que não participe de seus favores? O que mais ela poderia fazer do que ter os sentimentos e as ternuras de mãe que ela tem por nós; do que ser, como ela é, emuladora e rival da Natureza em seus cuidados a nosso favor; do que justificar sua conduta pelo exemplo do que compõe e regra os hábitos, que nos ensina a maneira correta de viver, quero dizer a Filosofia? Uma boa mãe partilha o pão com seus filhos com tanta equanimidade que cada um tem o seu pedaço; ela dá menos a cada um para poder dar a todos. A Natureza, que testemunha ainda maior paixão por nós, estabeleceu a

<sup>32</sup> Os usos de maiúsculas foram mantidos tal como encontramos nos textos de referência. Muitas vezes, o uso parece absolutamente inadequado ou sem explicação.

<sup>33</sup> Aqui, “natureza” com minúscula quer dizer realidade.

vicissitude e a diversidade das estações, a fim de enriquecer todo o mundo com as produções contínuas; e não é justamente dos lugares mais inférteis e tristes da Terra, dos lugares que menos respondem ao trabalho e à indústria humana, que ela extrai abundantemente aquilo que permite manter sua magnificência e que serve perpetuamente à sua intenção de fazer o bem a todos?<sup>34</sup> A Filosofia, que entre as coisas que ensina e recomenda com mais cuidado podemos dizer que seja, segura e particularmente, a constância, e que sustenta como máxima indubitável que a sabedoria se adquire no repouso e na quietude, correu o Universo inteiro para não cair no erro de repartir seus tesouros com apenas um. Aquela, de quem os filhos têm esse nobre e raro privilégio de serem Cidadãos do mundo, foi, por muito tempo, errante para fazer bem a todo o mundo. Ela se fez conhecer aos Bactrianos, aos Caldeus, aos Egípcios, aos Fenícios, aos Atlânticos, aos Frígios. Desde então, tendo deixado os Bárbaros para se comunicar aos povos civilizados, ela se estabeleceu na Grécia; e de lá, por sucessão de tempo, ela habitou a Itália. Ela, algumas vezes, sentiu o rigor do inverno eterno dos Citas e dos Hiperbóreos, sob o nome de Anacarsis<sup>35</sup> e de Abaro. Ela passou sua infância com Dandamis e Calanus<sup>36</sup>, na costa onde o Sol nasce, o lugar que é como o berço do dia. Ela foi, algumas vezes, relegada às Ilhas do Pontos Euxeinos. Mas, por mais banida que ela tenha sido, ela concedeu a seu Diógenes o direito de cidadania em todo o mundo. De qualquer maneira, pode-se dizer que fazer o bem a apenas uma pessoa é fazer o mal; e como esta ação é suspeita de coerção, a partir de então, não é digna de nenhuma estima. Ser liberal a apenas uma pessoa é muito mais ser seu escravo que seu benfeitor. A liberalidade é uma virtude Real, que se ressent da dignidade de sua condição, da qual o privilégio mais nobre e mais natural é ser livre. É um bem que pertence ao público, e que não deve ser restrito à posse de um só. Não é não dar gratuitamente, mas não dar a outros. Quem dá por consideração, dá menos a um outro que a si. O bem não sai, verdadeiramente, das mãos daquele que só o distribuem por interesse; que dá menos à condição humana que à pessoa particular; que dá ao amigo, ao parente, ao lisonjeiro, mais que àquele que pode se vingar do bem feito. E para nos explicarmos em uma só palavra, podemos dizer que quem dá com a intenção, com a esperança de receber, certamente, para dizer de forma clara, dá a outros mais do que dá a muitos. Quem só dá a poucos não poderia, razoavelmente, pretender ao glorioso nome de liberal. A verdadeira liberalidade deve ser medida menos pela grandeza do bem que ela fez, mas pelo número de pessoas que a receberam. A Fortuna só é chamada injusta porque é favorável a todos. Ela se propõe o exemplo dos Reis, que devem ser geralmente benfeitores para seus súditos. Ela imita a Piedade, que é sensível indiferentemente a todos. Ela se conforma à Natureza e à Filosofia, que repartem seus bens sem distinção a todos os homens. Ela é boa, ela é fiel, e nós a acusamos de ser maligna e pérfida, porque ela retira os bens que nos havia emprestado e os faz passar às mãos de outros. É exatamente por isso que aqueles que julgam de forma saudável acreditam que ela mereça mais louvor, que ela testemunhe assim mais inclinação por nós, que ela seja verdadeiramente cuidadosa de nos abastecer do bem comum, e que alguém só poderia pretender seus favores na medida em que for homem. Por que, portanto, nós nos lastimamos do que ela dá a todos? Não é por isso, mas porque ela dá sem escolha, e não diferencia entre as pessoas de bem e os malvados. Todavia, houve homens – cuja estima todos os povos, indiferentemente, estão de acordo – que sabemos terem sido louvados por um gesto semelhante. Escutemos um deles sobre este assunto –

<sup>34</sup> No original latino, há uma citação, em grego, de Sinésio – filósofo neoplatônico do século IV e bispo de Ptolemaida.

<sup>35</sup> Príncipe cita que viveu no século VII a.C. e que é contado entre os Sete Sábios da Grécia.

<sup>36</sup> Importantes sábios indianos do século IV d.C.

trata-se do grande Filósofo Aristóteles: tendo alguém chamado sua atenção para o fato de ele ter dado esmola a um homem vil, acusando-o de, nisso, ter faltado com a prudência, ele disse que *não é ao homem que eu dei, mas à humanidade*. É o mesmo com a Fortuna, quando ela faz o bem aos malvados: ela considera mais a condição Humana que sua pessoa.

Não deixamos, porém, apesar de tudo isso, de lhe imputar nossas faltas; dizemos que ela nos é injusta; mas somos nós quem o somos com relação a ela. Certo, nós lhe fazemos a injustiça que supomos dela receber. Sempre que ela retira as coisas que nos emprestou, ela é questionada e coberta de maldições, por parte daqueles que, não tendo nenhuma consciência do fato de que mantêm bens que não lhes pertencem, e que querem converter o uso em propriedade, são possuidores de má-fé e que desobedecem, assim, sem dúvida, o trato que ela fez com eles. Mas, ela testemunha nessa ocasião a grandeza da sua coragem, não se desencorajando de fazer o bem por medo de perdê-lo, e não deixando de ser liberal por causa de nossa ingratidão. Na verdade, o que ela dá é leve e de pouco valor, e se nós julgamos as coisas com clareza e sem interesse, seremos obrigados a reconhecer que é mesmo inútil. Haverá, no entanto, ingratidão no não louvar seu afeto, já que ela se nos apresenta com tanta franqueza; e não poderíamos deixar de dizer que ela não nos obriga por sua boa vontade, mas que nos obriga por seus efeitos. Isso, porém, não impede que o vulgar ignorante e injusto a tenha em grande má estima; ou que os inteligentes e hábeis, mesmo aqueles cujas luzes são tão puras e altas, não falem dela em termos tão desvantajosos, até ao ponto de não temerem chamá-la de cega, inconstante, pérfida, brutal. Injustiça que lhe é feita também pelos mais piedosos e santos, entre os quais um Doutor da Igreja<sup>37</sup> que não teve escrúpulos algum em lhe impor esta calúnia: *Ela é culpável*, ele disse, *e não somente ela não se defende da culpa, mas se envaidece de o ser*<sup>38</sup>. Ele a ofende tão sensivelmente que, por uma injuriosa liberalidade e uma cruel avareza, concedendo-lhe o crime, recusa-lhe a vergonha, que é uma forma excelente de se preservar das faltas, soberano remédio e, por assim dizer, a saúde dos hábitos. Ele a sobrecarrega de uma malícia que podemos chamar de a fonte e a origem de todos os outros males: *Ela jurou*, ele continua, *fazer sempre o mal, ela faz profissão, abertamente, de infidelidade; ela só promete para abusar da credulidade daqueles que confiam em suas promessas*. Acrescentando ainda que *diante de qualquer crime que ela carregue, ela não sente remorso nem sentimento algum, ela não*

<sup>37</sup>No original latino aparece, na verdade, a referência ao um certo “Abbas Philippus” – abade Felipe – segundo consta, trata-se provavelmente de Felipe de Harveng, que foi abade em Notre-Dame de l’Aumône (Nossa Senhora da Esmola), abadia cisterciense. Era arqui-diácono de Liège em 1146, quando Bernardo de Claraval solicitou sua companhia para pregar a cruzada na Alemanha. Não há muito mais dados acerca desse personagem. Cf. Migne, M. L’Abbé (1855). *Nouvelle encyclopédie théologique, ou nouvelle série de Dictionnaires sur toutes les parties de la Science Religieuse, offrant, en français et par ordre alphabétique, la plus claire, la plus facile, la plus commode, la plus variée et la plus complète des théologies. Ces dictionnaires sont ceux: de biographie chrétienne en anti-chrétienne, des persécutions, d’éloquence chrétienne, de littérature id., de botanique id., d’estatistique, id., d’anecdotes id., d’archéologie id., d’héraldique id., de zoologie, de médecine pratique, des croisades, des erreurs sociales, de patrologie, des prophéties et des miracles, de décrets des congrégations romaines, de indulgences, d’agri-silvi-viti-horticulture, de musique id., d’épigraphie id., de numismatique id., des conversions au catholicisme, d’éducation, des inventions et découvertes, d’ethnographie, des apologistes involontaires, des manuscrits, d’anthropologie, des mystères, des merveilles, d’ascétisme et des invocations a la Vierge, de paléographie, de cryptographie, de dactylologie, d’hiéroglyphie, de sténographie et de télégraphie, de paléontologie et de cosmogonie, de l’art de vérifier les dates, des confréries et corporations, et d’apologétique catholique. Publiée par M. L’Abb. Migne, éditeur de la Bibliothèque Universelle du Clerge, ou Des Cours Complète sur chaque branche de la Science Ecclésiastique – Tome Vingt-Troisième: Dictionnaire de Patrologie. Paris: J.-P. Migne, Editeur.*

<sup>38</sup>No original latino, a citação de abade Felipe é a seguinte: “*fit rea, sed non pudet esse ream*” (“é culpada e não tem vergonha de se confessar culpada”).

*enrubesce em nada*<sup>39</sup>. Ele a representa, ele a pinta capaz de todas as traições e de todos os atentados possíveis. E um belo espírito entre os Gregos<sup>40</sup>, atribuindo-lhe o humor e a ligeireza das mulheres públicas e abandonadas, não simula ainda de difamá-la nestes termos: *Não confiai na Fortuna, se não quereis que vos repreendam de serdes culpáveis de vossa má sorte, e se quereis evitar a censura de vos terdes enganado por erro vosso. Qualquer que seja a boa aparência em que ela se vos apresentar, qualquer que seja o amoroso olhar que ela vos lançar, mesmo qualquer carícia ou qualquer favor que ela vos faça, não sede tão mal avisados de vos persuadirdes que ela vos ama; ela, certamente, só tem por vós perniciosas intenções. É uma cortesã que abusa de todos por um falso semblante de amor, mas que nunca o teve por ninguém.* Quantas outras repreensões lhe foram feitas, e quantos atentados não sofreu, que não são menos injustos e menos cruéis do que estes? Para não mentir nem um pouco, podemos dizer que o número daqueles que a caluniam é muito grande. Quanto a nós, por mais que nos tenhamos declarado a seu favor, ou que tenhamos assumido a tarefa de defendê-la, vamos relaxar, desta vez, no rigor com o qual condenamos os sentimentos do vulgo. Contentar-nos-emos apenas de ter trazido à tona a injustiça deste encontro, estimando que nossos cuidados serão mais utilmente empregados na correção de suas paixões, do que na recusa de suas injúrias; e que é mais necessário que trabalhemos para impedir que os que seguem a Fortuna não se tornem mesquinhos, que para fazer parecer que ela é inocente. Certamente, o desejo que testemunhamos contra ela teria um fundamento bem legítimo, se ela nos curasse de todos os nossos outros desejos; e nos seria não somente perdoável, mas também honesto odiá-la, desde que, com isso, aprendêssemos a amar nossos bens próprios e não os seus. Depois de tudo, é algo igualmente estranho e lastimável que tenhamos uma tão grande paixão pelos bens, e uma tão grande raiva por aquela que os dispensa.

Mas, o que julgaremos nós, eu vos pergunto, e qual será o nosso sentimento acerca de certos Sábios da antiguidade que, não sendo mais justos quanto à Natureza, ousaram mesmo acusá-la de não reconhecer os homens como seus filhos, e de não os tratar melhor que uma madrasta trata os do primeiro matrimônio, que ela lhes é negligente, quando não os persegue, e que eles são o objeto contínuo de seu ódio ou de seu desprezo? Eu sei que não deixarão de me dizer o que eles dizem ordinariamente e que sempre foi o mais comum de seus temas: *Que se a Natureza teve algum cuidado com o homem – o que eles têm mesmo dificuldade em assumir –, ele é extremamente inferior àquele que ela teve pelo resto dos animais; já que, ao lhes dar o ser, ela os supriu, ela os aparelhou de tudo o que lhes é necessário, ela os revestiu, e lhes deu os instintos para se alimentarem e para se defenderem; que apenas ao Homem ela deixou nu, pobre, sem lugar, sem armas, até o ponto que parece que ela tenha querido excluí-lo da posse de todos os seus bens, e o abandonar inteiramente*<sup>41</sup>. Na verdade, se há falta nisso, ela não poderia ser tão razoavelmente imputada à Natureza que à Fortuna; a injustiça seria muito menor se tomássemos esta última como culpada. E depois de tantas injúrias e calúnias, depois de tantos golpes mortais que recebeu, por assim dizer, ela não

<sup>39</sup> O tradutor excede a demarcação da citação, visto que o texto citado, no original latino é tão somente: “*promisit fortuna manum, mentitur*” (“ela prometeu, mentindo”).

<sup>40</sup> No texto latino, Nieremberg faz referência a Jorge de Pisídia – poeta bizantino que viveu no século VII e foi diácono na Igreja Santa Sofia.

<sup>41</sup> A citação a que se refere Nieremberg, no original latino, é a seguinte: “*Armavit que manu, cornu, pede, dente, veneno, / Atque aliis, quibus artis inops, animique minoris*” (“Armaste-os nas mãos, nos chifres, nos pés, nos dentes e no veneno, / A outros, porém, cujas artes são impotentes, fostes menos afetuosa”).



teria nenhuma dificuldade em sofrer esta frágil ofensa. Há, certamente, menos mal em acreditar que os limites que são ligados à condição humana – falo de todo tipo de calamidades que a subjugam – não procederam em nada dos limites da Natureza, mas são puramente efeitos de sua desgraça; que ela não teve nenhuma aversão típica de uma madrasta pelo homem; mas que, parecida com uma boa mãe cujo parto não foi feliz, e que deu num fruto abortivo, ela não deixa de amá-lo, porque ela não é culpável em nada da imperfeição de seu nascimento. Teremos nós, então, razão para nos espantar com o fato de que nossa vida seja apenas uma perpétua fuga e um encadeamento de misérias, que as desgraças sejam frequentes, e que as infelicidades reinem nela tão felizmente, por assim dizer, já que fomos desejados expostos desde o momento em que nos quis dar à luz, que seu curso começou com o de nossa vida; que nós estamos muito mais comprometidos com os caprichos da Fortuna do que com a sabedoria da Natureza; e que aquela usurpou de nós todos os direitos e todo o poder que esta última deveria ter?

Entretanto, guardemo-nos de acreditar que, ainda que lhe sejamos tão próximos, e que na infeliz partilha que foi necessário que a Natureza fizesse de nós com a Fortuna, sua porção foi menor, ela diminuiu seu afeto por nós; guardemo-nos também de acreditar que a mesma violência que nos atraiu para entre seus braços, também nos banuiu de seu coração; e, finalmente, guardemo-nos de acreditar que, por ter sido mãe infeliz, ela tenha sido menos boa mãe. É certo que nós não lhe damos toda a obrigação de nosso ser; ela só pode pretender do nosso ser a parte menos digna; a outra, que é a mais nobre, e que sozinha dá o preço e a glória do homem, vem imediatamente de Deus, sem o benefício da Natureza. Esta excelente parte, nossa alma, é um raio da Divindade. Seu nascimento é mais alto e sua origem mais ilustre. Será que nós imaginaremos que, porque a Natureza só tem o direito de se atribuir a parte mais frágil do homem, ela se interessa por ele fragilmente, ela seja impedida de amá-lo? Ousaríamos dizer que seus cuidados não são inteiramente dirigidos a ele, pelo fato de que ela sabe bem que ele não é totalmente dela? Não, ela o ama tão ternamente que, se ela tivesse dele a melhor parte, a diminuição do seu poder não diminuiria o amor que ela tem por nós. Saberíamos precisar de prova mais evidente do que a de ver que, a fim de que este amor tivesse sido mais forte, ela fez seu amor mudar de sexo, ela o tornou viril e paternal? É sobre este ponto que eu ficaria de acordo com aqueles que dizem que ela não é mãe do homem; assim como eu não poderia sofrer ao vê-la sendo chamada de madrasta, no mesmo sentido que um Filósofo<sup>42</sup> compreende a febre quartã, quando ele diz que, *na medida em que ela é madrasta, é duas vezes mãe*; já que ela recompensa com muito bem o pouco de mal que ela nos faz sofrer. Verdadeiramente, os cuidados que a Natureza tem por nós são tão grandes que é mais razoável dizer que ela é o Pai do homem, e que ela é apenas a mãe da maior parte dos animais. E porque não é dela que vem esta Divina parte do homem, nós a nomearemos ainda mais acertadamente de pai nutridor de nosso Espírito<sup>43</sup>; já que ela nos excita a produzir e formar este Espírito; já que somos instruídos por ela a não deixá-lo esmorecer na ociosidade e na preguiça. Ela estimou que lhe seria suficiente cumprir o ofício de mãe dos animais, e que ela satisfaria, assim, plenamente, a tudo o que eles poderiam esperar de sua providência. Mas ela creu não se desamarrar do dever ao mais

<sup>42</sup> Não menciona o filósofo sequer no texto latino. E as indicações que faz não permitiram chegar a um acordo sobre quem poderia ser.

<sup>43</sup> Ao longo do texto, Videl se utilizará da palavra “espírito” para traduzir uma série de termos diferentes em latim: *anima*, *spiritus* e *animus*. E, em geral, emprega o termo com maiúscula – mas nem sempre –, o que, algumas vezes, confunde com o que poderia ser uma referência ao Espírito Santo. No entanto, no contexto da oração e, evidentemente, comparado com o texto latino, procuramos não apenas identificar os momentos em que a confusão poderia ocorrer e demarcar com clareza o que se queria dizer, com também corrigir quando se fizesse necessário.



nobre de todos os seus filhos, se ela não tivesse estendido seus cuidados para além; e se ela não lhes tivesse levado até onde pudessem ir os filhos de um pai. Ela supriu muito abundantemente às necessidades dos animais; ela agiu de tal forma que não lhes faltasse nada, seja para a sua nutrição que para sua defesa. Mas, considerando a excelência do homem, ela julga que ele merece cargos mais relevantes e importantes; e que vão muito além do suprir apenas às necessidades de seu corpo. Ela estima mais digno de si e do homem cultivar seu espírito e o instruir; ela o trata mais nobremente; ela é menos exata quanto às coisas que dizem respeito apenas ao entretenimento e à comodidade de sua vida. Mas ela é perfeitamente cuidadosa quanto a tudo o que diz respeito à sua educação. Era o costume dos Lacedemônios não dar nem roupas nem víveres as seus filhos; e de os fazer passar das mãos da Natureza para as da necessidade, a fim de que esta excelente mestra da indústria lhes ensinasse a buscar um e outro; estando eles bem instruídos desta verdade: de que *não há mordida tão forte, nem agulhão tão agudo como o da necessidade*. Sem dúvida, não há nada que desperte mais da preguiça e que dê mais agudez e luz ao espírito do que a pobreza. E esta sábia e útil crueldade dos pais de Esparta não apenas não os levava ao crime, e não chocava em nada a piedade pública, mas era admitida e praticada como legítima, ela era quase tida como Lei. A Natureza recusou, igualmente, muitas coisas ao homem, a fim de que a necessidade lhe inspirasse escolhas melhores. Ela alivia, ela adoça, assim, o desprazer que ela traz, recompensando pela grandeza do bem a pena que temos para obtê-lo. Com o fim, portanto, de que nosso espírito não esmorecesse num frouxo repouso, ela quis produzi-lo e poli-lo, como se fosse sua própria obra. Não o podendo possuir como uma mãe, ela o possui como uma benfeitora, e o direito que ela não poderia pretender sobre ele pelo nascimento, ela o adquiriu pela obrigação; de forma que podemos muito bem dizer que, de alguma maneira, ela nos deu o espírito pela sua recusa geral de todas as outras coisas; já que ela nos deu, através disso, os meios de colocá-lo em ação. Podemos dizer que, se a experiência justifica que é próprio da necessidade tornar destros e hábeis os menos esclarecidos e os mais grosseiros; e se é certo que ela é capaz de sofisticar a estupidez mesma, não diríamos nós com razão que ela nos comunica o espírito, ou que, ao menos, uma parte dele nos venha com ela?

Se a Natureza nos tivesse provido de tudo o que nos é necessário, que emprego restaria à Razão? E, então, não seria inútil a nossa parte mais excelente? Certo, nós lhe devemos muito mais do que ela nos obrigou, ela nos foi muito mais liberal ao não nos ser tão liberal quanto gostaríamos. O Espírito e a Prudência que trabalham incessantemente e que são tão férteis em maravilhas teriam esmorecido numa miserável e contínua ociosidade; e a Natureza lhes tendo dado os meios para agir, ficou, de fato, parecendo liberal. Não saberíamos, sem dúvida, louvá-la de forma justa, a não ser praticando esta virtude que consiste em manter o meio termo entre a avareza e a prodigalidade; a não se limitar apenas em dispensar coisas vãs e supérfluas; e não sendo muito contida naquelas que são, de fato, úteis e necessárias. A Natureza se conserva perfeitamente igual entre estas extremidades. Como ela não é nem avara nem pródiga, ela não recusa nada do que é puro e necessário. Mas ela também não dá nada sem razão e sem necessidade. Ela reservou a Razão ao homem, como o maior bem que ele poderia esperar dela. E julgando suficiente que uma tão rara vantagem lhe faria desprezar todo o resto, ela não creu dever tratá-lo como o restante dos animais, com que ela não partilhou bem tão nobre; e que, por mais bens que tenham recebido, só receberam vestidos e armas que trouxeram com eles ao mundo. Ela não deu aos homens os dentes curvos do Javali, nem unhas recurvadas como as dos Leões. Ela não os quis endurecer como aos cavalos; nem quis tão fortemente restaurar a glória de sua defesa, quis apenas colocar os animais todos a seus pés. Não foi, certamente, seu desígnio que eles lançassem dardos

de seus corpos; nem que fossem capazes de se fecharem numa prisão móvel, ela os quis mestres da liberdade dos animais; ela os destinou como Reis da terra. O que, no entanto, foi o conselho deste Deus do Paganismo, que por uma engenhosa estranheza se colocou a criticar as obras de todos os outros<sup>44</sup>. Ela não os armou de escamas como aos peixes e às serpentes, nem os escondeu, como aos Ouriços, sob um invólucro espinhoso; mas os deixou nus e desarmados. O homem só tem o cérebro, entre todas as partes de seu corpo, que ela recobriu de cabelos, por um ato de respeito e de reverência pelo espírito, que ela considera como um Capitão em sua fortaleza; a fim de que, se conservando inteiro e são, possa prover melhor à segurança daquele por quem é empregado. Ela também não lhe foi avara, oferecendo-lhe um ornamento que deveria também servir de defesa; e ela não o repartiu tão abundantemente entre os animais. Ela estimou que seria cobrir suficientemente a nudez do homem, cobrindo-a no lugar mais necessário; no lugar onde se aloja aquele que dá as ordens e os comandos, e de quem se pode dizer que está sob uma bela peruca, como sob um magnífico dossel, ou como numa tenda Real. Ele é o Diretor e o Protetor universal do mundo. E, sozinho, ele vale mais do que todas as carícias e todos os favores que os animais e as outras Obras da Natureza recebem dela. É por isso que o homem deve aprender a excelência de sua posição: para não se abusar desta falsa persuasão de que não tem nenhuma prerrogativa sobre os animais; e que eles são iguais a ele por esta felicidade baixa e servil. A dignidade do homem não consiste na grandeza de suas riquezas; quem quiser julgar a si mesmo por seus bens, e medir sua glória por seu luxo, desagradar-se-á muito sem dúvida. Ele predomina sozinho sobre todas as vantagens que os animais receberam da Natureza; pobrezinho que ele seja, ele os comanda; e os animais, no mundo, só fazem reconhecê-lo e servi-lo. Ele pode se glorificar da mesma sorte que este ilustre Romano que trouxe os Sabinos e os Samnitas à razão; este grande homem, Mânio Cúrio<sup>45</sup>, contentando-se com uma sopa de nabos, recusou o ouro que os Embaixadores destes povos lhe presentearam; dizendo que ele amava mais comandar os ricos que ser rico ele mesmo. Certamente, o Império que o homem exerce sobre o resto do mundo é tanto mais excelente quanto mais ele o exercer pela força de seu espírito.

Enquanto ele estava nu e tão pobre, enquanto ele não tinha uma roupa sequer, seu reino foi absoluto sobre os animais; e nunca houve Monarca mais poderoso e mais feliz que ele. Conhecemos o famoso Pastor que eles não ousaram tocar, durante o tempo em que eles o viram nu. Mas, tão logo ele se vestiu, ele lhes pareceu como que descoberto de sua púrpura e de seu caráter, eles se descobriram também do amor e da reverência que tinham por ele, passaram a considerá-lo apenas como um tirano e como um inimigo, e ele se tornou o objeto de seu furor; justa retribuição que ele se impôs a si mesmo, para satisfazer o sangue de um passageiro, que por uma cruel negligência, um dia, deixou ser dilacerado pelos cães. E certamente a vingança de seu crime tendo sido suspendida até então, pelo respeito que os Animais tinham por sua nudez, eles reconheciam, honravam nele a antiga dignidade do homem; ele dormia sobre um Leão; o Rei dos animais lhe servia de leito, poderia haver melhor mestre do que aquele que usava do Leão de forma mais privada e que encontrava nele tanta segurança? Pode ele desejar mais que dormir nos desertos e ter um Rei como guardião? As Hienas honraram Pachon<sup>46</sup>: ele estava nu e recebeu beijos ao invés de mordidas; ele as agradou tanto

<sup>44</sup> Frase de difícil compreensão; no original latino aparece uma referência a Momo que, segundo a mitologia grega, era filho de Nix (a Noite), e a personificação do sarcasmo e da ironia.

<sup>45</sup> Trata-se de Mânio Cúrio Dentato, cônsul romano que derrotou, em 291 a.C., os Sabinos e os Samnitas.

<sup>46</sup> Personagem bizantino que, para fugir à tentação, trancou-se entre hienas.

neste estado que, a fim de que sua nudez fosse inteira, elas limpavam com sua língua o pó de que ele estava coberto, reconhecendo, por esse favor, o favor que ele lhes fez ao recebê-las em sua caverna. Faustino<sup>47</sup> esteve, por 15 anos, nos montes e nos bosques, inviolável a tudo o que os animais nutrem de mais cruel e tudo por causa do privilégio da sua nudez. Dídimo caminhou com os pés nus sobre Escorpiões e Serpentes, e eles o suportaram com o mesmo respeito que os Bárbaros têm pelos novos Reis. De quantos animais os homens receberam grandes e inesperados serviços, a favor de sua nudez?<sup>48</sup> Admiramo-nos, todos os dias, com os cuidados com os quais eles nutriram crianças que a crueldade de certas mães expuseram; e é algo maravilhoso, e pode mesmo passar por um milagre ver com que doçura, para não dizer com que humanidade, eles se comportaram assumindo este ofício. Sem dúvida, não nos faltariam exemplos para justificar esta verdade. Mas não haveria um mais notável do que aquele exemplo de Habis, este Príncipe nascido de um incesto – e, por isso, visto como refugio e horror por seus próprios pais, que pensaram que, fazendo-o morrer e, por assim dizer, apagando-o do mundo, apagariam a memória de seu crime – foi exposto numa floresta por ordem de seus pais, para ser devorado por animais selvagens. Mas elas não apenas mantiveram a sua vida, como também tiveram um particular cuidado com sua alimentação; e ele a recebeu daqueles de quem se espera que nos sirvamos. Ele foi, em seguida, deixado num caminho muito estreito para ser pisado pelo rebanho de bois; abandonaram-no além do mais ao favor de diversos animais que, porém, antes, cuidaram de havê-lo deixado expressamente sem comer a fim de que sua fúria natural, irritada ainda pelo aguilhão da fome, os impulsionasse a fazer dele sua presa. O temor que os primeiros tiveram de lhe fazer algum mal fizeram com que eles encontrassem um outro caminho que não oferecesse perigo a ele; e os outros preferiram antes morrer a serem causa da perda de seu Soberano, a serem culpados da morte do homem. A Natureza faltou muito mais consigo mesma que com o respeito que ela lhe devia; ela teve menos compaixão por si mesma que pelo homem. Caridade, se se pode assim dizer, que ultrapassa infinitamente a dos homens. Podemos encontrar mães que, durante grandes penúrias, não tiveram nenhum escrúpulo de converter em seu alimento seus próprios filhos, ou de retomar a vida que elas lhes haviam dado, mais que alimentar a vida de outros.

Muito mais que a nudez, os animais reverenciam a pobreza, como sendo a mais natural e mais eminente característica da dignidade do homem; como o diadema e a púrpura fazem a Realeza. Não ouvimos ainda dizer que eles reconheçam voluntariamente algum desses que se vê seguidos de uma multidão insolente de guardas e de valetes, e que ofuscaram os olhos do povo pela magnificência de suas roupas, pela pompa e brilho de suas riquezas. E admiramos a obediência que tiveram, sem resistência e sem pena, a muitos daqueles que tinham por seguidor e por marca de

---

<sup>47</sup> Santo do século II que, junto com o amigo Jovita, se recusou a adorar um deus pagão e foi condenado à morte, no circo, por animais ferozes que, no entanto, ficaram imóveis diante dos dois santos.

<sup>48</sup> No original latino, Nieremberg prossegue a lista: “*Sciunt & bruta ultro obsequi, & inexpectata servitia ex hiberenudis. Miramur expositos infantes exceptos ab animalibus saepissime, & alitos, Cyruma cane, Semiramina columbis, Ioven a Capra, Telephum a cervae, Arneam a Penelopensesibus, alios a lupis, alios a suis. Abiecti plerumque nudi fuerunt, & suae reverentiae & obsequii titulum monstrabant nuditatem & innocentiam. Rara his brutorum observantia, fides, officiositas, ad miraculum sane, ad exemplum. Parasium & Lycastum pueros, propriis rejectis catulis, lupa nutrit: malvit perdere filios, quam Imperatores*” (“Sabe-se de tantos cuidados e inesperados serviços recebidos dos brutos em favor da nudez do homem. A maravilha de crianças expostas aos animais e que foram por eles alimentadas: Ciro por cães, Semiramis por pombos, Jove por uma cabra, Télefo por uma gazela, alguns por lobos, outros por porcos...”).

grandeza apenas a pobreza. Visto que há um número infinito de provas a que poderíamos fazer menção aqui, e visto que são muito frequentes os exemplos<sup>49</sup>, seria muito tedioso enumerá-las todas, por isso, ser-nos-á suficiente empregar apenas o exemplo daquele horrível Dragão da Dalmácia, que devorava rebanhos inteiros e fazia de um boi inteiro apenas um pedaço de carne, e que carregava o nome de Boa, e que obedecia a Hilário<sup>50</sup> até morrer no meio de um fogo. Não são as riquezas que dão este direito ao homem. E por mais que me digam que quem possui dinheiro em abundância tem mais meios de conseguir o serviço dos animais, é certo que só adquirimos esta vantagem por uma prerrogativa de nossa antiga autoridade, da qual nos resta ainda alguma marca. Nunca a revolta de um Reino é tão geral que absolutamente todo o povo se torne rebelde. A fidelidade que as pessoas perderam se conserva entre os domésticos do Príncipe; e sua afeição permanece inteira em meio à ruína de sua fortuna. A bem da verdade, não possuímos mais o título que nos fazia reinar soberanamente sobre os animais. Nós caímos do alto posto que nos havia dado os animais como escravos. É preciso aceitar, com vergonha, que eles não estão mais à vontade; e que, agora, só nos obedecem contra sua própria vontade e à força. Mas é preciso dizer também, a nosso favor, ou pelo menos para nossa consolação, que nem todos eles se afastaram de nós; alguns permaneceram conosco e mantêm a mesma reverência a que nós, antes, os submetemos, e não ousam, parece, recusar esta reverência ao nosso nascimento e à nossa morte, porque eles ainda veem nesses eventos a imagem de nossa antiga dominação, visto que em um e em outra os homens estão igualmente nus. É inútil opor a isto, por causa do incrível número de provas em contrário, os Leões de Berenice e de Hanno; e os Dragões de Toas<sup>51</sup> e de Heráclide. Qualquer que seja a sujeição que eles, aparentemente, obrigaram, na verdade, se trata do fato de que eles lhes eram companheiros e não valetes; eles viviam com eles em sociedade e não em servidão; eles eram mais ligados por afeição que por dever. A Nudez e a Pobreza são os dois Soberanos títulos sobre os quais os animais juraram fé e homenagem ao homem. É por isso que nós adquirimos este império absoluto sobre eles. A Natureza não creu oferecer uma maior vantagem à liberdade de nossa Razão do que sujeitando os animais a essa mesma liberdade. E, para falar a verdade, essa liberdade não vem dela, não porque ela tem aversão a nós – como pretendem os que a caluniam – mas apenas porque ela não

<sup>49</sup> No original latino, Nieremberg descreve: “*Vidimus multos sine decore, multos cum paupertate, exermes multos. Heleno, & Pachomio parvere crocodili; Beno etiam hippopotami; Antonio, & Machario onagri; Gerassimo, Sergio, Helladio, Ioanni, & Simeoni Prisco leones; Philippo, & Ammoni dracones; Alexandrino Machario hyaenae; Theophilo, Sergio, & Hygino columbae; Heliae, & Benedicto corvi; Nicephoro Petenensi ursi, & anates; Adamo Firmano lupi, & hirundines; Iosepho Anchetae, nostris seculis, quod nonobstat admiraationi, tygrides; Paulo scorpiões, & cornutae aspides*” (“vimos muitos sem formosura, muitos com pobreza, muitos desarmados. Heleno e Pacômio e o pequeno crocodilo; Beno e o hipopótamo; Antonio e Macário e o asno; Gerásimo, Sérgio, Heládio, João e Simão Prisco e os leões; Filipo e Amônio e dragões; Alexandre Macário e as hienas; Teófilo, Sérgio e Higinio e as pombas; Hélio e Bento e os corvos; Nicéforo Petenense e os ursos e patos; Adão Firmano e os lobos e andorinhas; José de Anchieta, deste nosso século, o que não nos impede a admiração, e os tigres; Paulo e os escorpiões e víboras com chifres”), até chegar ao exemplo em que o tradutor se deteve.

<sup>50</sup> Trata-se de Santo Hilário (c.291-c.371), fundador da vida anacoreta na Palestina, seu biógrafo é São Jerônimo; não encontramos, porém, nenhuma relação de Santo Hilário com um dragão; sabe-se apenas que viveu na Dalmácia, em Epidauro, onde, por ocasião de um grande terremoto, em 366, prestou muitos serviços.

<sup>51</sup> No original latino, a referência é mais completa: trata-se de “*Thoae Achaici*”, ou seja, o aqueu. Sabe-se que, na antiguidade, os gregos eram conhecidos como aqueus. Nesse caso, o autor faz referência, provavelmente, a Toas, filho de Andrémon, que foi rei dos etólios. Porém, mais uma vez, não encontramos referência a dragão.

nos pôde dar; ela tenta, se esforça a no-la oferecer tanto quanto lhe é possível. Ela faz, certamente, muito na sua impotência, contribuindo com seus desejos e sua afeição. Mas faz mais do que pode, contribuindo com seus cuidados e sua pena. Ela nos conserva, pelo menos, esta liberdade nas coisas que ela não nos deu, a fim de que dependa de nossa escolha admiti-las ou rejeitá-las. E, por medo de que elas estejam inseparavelmente ligadas a nós, caso não fôssemos constrangidos a nos servirmos delas, ou não tivéssemos um vínculo e uma obrigação necessária a elas.

A Natureza nos conserva a liberdade até mesmo nas coisas que dela recebemos, ainda que leves e de pouca importância – sinal, inclusive, de que ela preferiria perder uma parte de seu próprio direito sobre nós a nos arrancar esta liberdade, nos sujeitando a seu uso. Ela também submeteu inteiramente à nossa discricção os bens que dela recebemos, e ela não quis de forma alguma nos impor a necessidade. Mas, a fim de tornar perfeita a obrigação que nós lhe devemos por um tão excelente privilégio, ela não o concedeu apenas ao espírito, não o encerrou em um único lugar, mas o concedeu também à imitação do corpo. Assim, ela não reduziu o homem a ter apenas um mesmo gosto, como o resto dos animais, ter apenas um tipo de alimentação. Os animais não conhecem nada fora daquele tipo de alimento para o qual ela lhes ordenou; ela lhes restringiu, para isso, a um espaço muito pequeno de ação: os Leões e as Águias não saberiam se alimentar de outra coisa senão de carne; os bois e as ovelhas de ervas e raízes. Mas, ela não prescreveu nenhum limite para o homem. Ela lhe abriu uma grande e vasta carreira, no qual seu sentido se alegra pela liberdade de escolha do que mais tenta seu apetite, do que mais toca e lhe é agradável, sem ser constrangido a se determinar por uma coisa particular. Consideremos, eu vos peço, leitores, com que favor ela nos trata. Ela é cuidadosa e até mesmo ciosa, e nos quer manter na nossa liberdade, e cuida muito bem, sem dúvida, de que nada a possa violar. Ela quer que nós nos constituamos da maneira que mais nos agrada, e quer também que nada nos impeça de contentar plenamente a nossa fantasia. Por esta razão, é possível dizer que ela apenas começou o homem, que apenas o esboçou com os traços mais simples, e só lhe deu a matéria. Isto é compreendido entre o vulgo como uma injúria; é, diz-se, uma evidente marca da pouca consideração que ela tem por nós. No entanto, é certo que isso é uma graça; e podemos recolher disso o quão altamente ela nos considera. Ela se comportou discretamente e com respeito quanto a nós. Não quis se meter em nossos negócios. Dir-se-á que parece suficiente não nos reconhecer como seus filhos; o contrário se justifica pelos devotamentos que ela testemunha por nós, e pela bondade que tem de não nos constranger a nada. Isto, sem dúvida, é suficiente para destruir esta calúnia; e quando formos forçados a confessar que não temos obrigação alguma com ela por causa de nossa liberdade, seríamos muito ingratos se não reconhecêssemos que ela nos dá abundantes meios de fazer uso dessa mesma liberdade. Certamente, se não nos foi liberal, não podemos, porém, negar que tenha sido cuidadosa.

Alguém poderia ainda se persuadir de que a Natureza nos obrigaria muito mais nos revestindo de pelos, agulhas, escamas ou penas, como ela revestiu os animais, e nos dando armas e defesa como deu a eles, mais do que deixando-nos nus, sem defesa e sem cobertura? Que aqueles que têm este pensamento saibam que é sobretudo nisso que ficou evidente sua sabedoria e sua bondade. Ela fez aos homens o favor de permitir que o gosto do espírito fosse tão livre quanto o gosto do corpo; não foi sua intenção que o homem fosse mais constrangido em um que em outro. Ela previu que a maior parte deles não queria portar vestimentas; como, com efeito, a metade do mundo não porta; e previu também que o resto queria não apenas usar vestimentas, mas afetaria graça e



ornamento no uso dessas vestimentas. Ela julgou muito bem que haveria homens que se agradariam de estar sempre armados, e outros que desejariam nunca estar; que haveria caprichos de uns em não terem nem defesa nem cobertura, e de outros haveria divertimento no buscá-las em cavernas e florestas. A fim de que nós pudéssemos nos formar como bem nos parecesse, e que pudéssemos escolher o partido que mais estimássemos, ela não assumiu nenhum direito sobre a liberdade de nossa condição; ela quis dar a cada um sua inclinação própria como guia e, como lei, quis dar sua própria fantasia. E, de fato, nos é necessária outra razão, além da experiência cotidiana, para justificar que todas as coisas não são agradáveis a todos; e que elas não satisfazem o tempo todo às mesmas pessoas. Imaginai que incômodo seria estar sempre vestidos e armados, não poder sair de casa, como as tartarugas e as ostras não saem das suas! Certamente, como durante uma guerra, seria necessário e bem adequado portar armas; mas seria inútil e ridículo carregá-las durante a paz. Os forros a que o rigor do inverno nos obrigam a procurar com tanto cuidado, se tornam importunos tão logo a bela estação chega, e todo mundo, então, faz o possível para se aliviar desses forros. Como há um tempo para se vestir, há um para se colocar nu. É preciso ficar nu, pelo menos, para apreciar adequadamente a doçura do repouso ou tomar banho. Se considerarmos seriamente com quanta prudência a Natureza se comportou conosco, e a razão que teve de nos deixar no estado em que nos encontramos, encontraremos razões para acreditar que ela satisfaz perfeitamente a todos os nossos desejos, e para acreditar também que possuímos gratuitamente tudo o que nos custaria muito procurar. Nossas casas nos garantem contra as injúrias do ar: nós entramos nelas quando ele se complica e nos ameaça com uma tempestade; nós nos trancamos nelas, sem sermos seus prisioneiros; elas nos cobrem sem que as precisemos carregar; a comodidade que delas recebemos não tem nada importuno e servil. É-se também, algumas vezes, contente de estar no campo e se maravilhar na contemplação das diversas belezas da Natureza. Nesses momentos, parece-nos estar saboreando, por antecipação, a felicidade da outra vida, tendo, desde a terra mesma, como que a inteira posse do Céu. A Natureza nos tornou mestres de todos os bens, não nos dando nenhum daqueles que partilhou com os animais. Deixou seu emprego à Razão, e seu direito à nossa liberdade. Submeteu todas as coisas ao espírito, a fim de que, buscando-as todas, ele se cultive, ele se embeleze. Não quis dar um ponto final no homem, para que ele completasse, por sua própria vontade, o que pudesse faltar à sua perfeição, para que os defeitos que ela lhe tivesse destinado fossem consertados de forma mais vantajosa por ele mesmo.

A Natureza formou o corpo para o espírito. Este maravilhoso Operário não poderia ser tão bem munido de um instrumento como o espírito, para poder responder à sua postura e atividade. Não poderia haver nada mais adequado para seguir à prontidão de seus movimentos e para servir à diversidade de suas operações. Pela indústria deste nobre artesão, o homem pode dizer que tem, sem muita dificuldade, o que lhe permite ter todos os bens. Ele pode se gloriar do fato de ser rico de uma única coisa que enriquece todas as outras. E do que mais ele deve cuidar – inclusive para a estrutura perfeita de seu corpo – se esta coisa não se preocupa muito com os favores e com as graças da Natureza – ou seja, se ele tem a vantagem do bom tamanho ou a boa aparência – mas se o homem tem a constituição de espírito sã e feliz? Será que o homem não sabe que esta coisa conserta a tristeza e os limites da outra? Será que não entende que ela apaga, ou pelo menos recobre, as imperfeições? E, para dizer bem a verdade, de que serve aos Centauros ter um corpo duplo se lhes falta luz e

inteligência? E não teríamos razão em dizer que, com uma e outra, as Graças<sup>52</sup> não estão nuas ainda que estejam sem roupas? Recolhamos disto que o espírito vale infinitamente mais do que todas as vantagens que a liberalidade da Natureza tenha dado aos animais; e que, sem outra recomendação do que aquela que ele tira do espírito, ele é de um valor inestimável. E, com certeza, quem diz o espírito diz o que compreende e encerra em si todos os bens, como quem, falando do dinheiro, fala do que significa, em geral, todas as riquezas; fala, em uma só palavra, do valor das coisas juntas. E podemos mesmo dizer que aqueles que têm dinheiro em abundância, não tendo coisa alguma, possuem todas as coisas, já que, com o dinheiro, podem ter todas as coisas, e que a aquisição delas só depende de sua vontade. Há também, certamente, mais vantagem na posse do dinheiro do que na posse de todas as outras coisas; e vemos ainda mais valor em uma única moeda do que na quantidade de outra, de forma que a unidade prevalece sobre o número, porque a unidade contém o número, e o preço de cada uma está gravado em si. Nisso se justifica, sumamente, a excelência da pobreza, já que as riquezas se formam sobre o seu exemplo, e já que elas [as riquezas] são maiores quando consistem em poucas coisas – tanto isso é certo que a opulência afeta a simplicidade, porque ela aumenta o preço dessa última, e a pobreza é, então, a verdadeira imagem da riqueza. Assim, portanto, uma só coisa nos permite possuir todas as outras coisas: o espírito sozinho nos faz adquiri-las, nos dá todas as outras coisas, e para tê-las todas, sem dúvida, nos é suficiente ter o espírito.

Com isso, nós os temos duplamente: o divino Benfeitor no-los distribuiu com duas mãos. É assim que eu nomeio estas duas faculdades: o Entendimento e a Vontade. Certamente podemos, pela assistência de uma das duas, nos curar completamente de nossos males; podemos mesmo preveni-los e contorná-los; há vezes, inclusive, em que não nos é difícil converter, com sua ajuda, em felicidade nossa própria miséria, já que a felicidade é justamente o remédio da miséria – se é que podemos chamar de remédio o que, mais apropriadamente, deveria ser a saúde mesma. É-nos suficiente, portanto, para obter tudo aquilo de que precisamos, e eu diria ainda mais, que nos é suficiente para não termos necessidade de coisa alguma; ficando certos de que nisto consiste a verdadeira riqueza, e que ela é muito mais não ter necessidade alguma do que nos livrarmos das necessidades. O entendimento supre, através de sua arte, os defeitos dos bens que recebemos da Natureza; ele é abundante em invenções excelentes e raras que nos impedem de estimar os dons que ela deu aos animais e de querê-los para nós. Ele nos dá, sumamente, o suficiente para nos satisfazermos e não invejarmos a condição dos animais. Ele nos preserva do erro de acreditar que eles foram mais felizes do que nós. Mas, apesar de ele nos haver munido suficientemente de tudo o que nos é necessário, seu poder não se estende a nós de forma a podermos combater a inconstância e a malignidade da Fortuna. Ele supre, verdadeiramente, os defeitos da Natureza, mas só o faz em parte: ele não seria capaz de consertar esses defeitos. Por maior e mais comprovada que seja a virtude de um medicamento, não ultrapassa ou adoça a violência da doença, não produz sempre e em todo o tempo a cura inteira. Tudo o que esta arte pode nos ensinar – e é, sem dúvida, muito – é não cair num desejo tão baixo como aquele que o vulgo tem pela condição animal, e não cometer a injustiça de caluniar nossa mãe comum.

<sup>52</sup> Refere-se à representação das *Cárites* da mitologia grega – Aglaia, Tália e Eufrosina, seguidoras de Vênus e dançarinas do Olimpo –, que são representadas por três mulheres nuas.

Eis as vantagens que nos vêm disso. Conhecemos sua utilidade, é-nos ainda necessário, daqui em diante, conhecer seu emprego. Após haver concebido a opinião de nossa felicidade, e nos termos feito a imagem de sua posse infalível e próxima, encontramos-nos, com admiração, diante do fato de que estamos ainda muito distantes de possuí-la, e de que fazemos nós mesmos a nossa miséria na medida em que dedicamos muitos cuidados na busca por coisas supérfluas, ou pelo desgosto que temos pelas que nos são realmente necessárias, e pelo sofrimento moral com o qual suportamos nossa condição que, porém, não é insuportável. Após todas essas considerações e toda a nossa invenção<sup>53</sup>, restam-nos ainda certos cuidados. Ainda que estejamos na abundância de todas as coisas, que tenhamos nossos contentamentos e comodidades, e que possamos dizer que nossa ambição esteja satisfeita, ela não está totalmente saciada. Por isso, não conseguiríamos ter repouso. Por isso, concebemos, sem parar, esperanças e desejos. E como só nos lembramos de imputar a causa de nossas dores à Natureza, ressentimo-nos de que ela seja culpável, e criamos novas inquietudes, porque, procurando outros bens que não os seus, apreendemos os inconvenientes que nos podem vir desses outros bens, ou sofremos impacientemente os sofrimentos nos quais já caímos. Porque, para bem dizer, o entendimento sozinho não conserta nossa miséria: todos os seus artifícios, todos os seus esforços não são capazes de nos livrar dos males que nos incomodam. O entendimento precisa, para isso, do socorro da Vontade: esta é a chave de leitura desta obra, seu maior empreendimento. Seguramente, nosso mal não é sem remédio; o que o entendimento não pode nos dar seremos capazes de obter da Vontade, desde que ela não esteja corrompida e misturada com as volúpias; mesmo que, nesse estado, ela produza a maior de todas as volúpias: uma volúpia purificada de toda ambição, que não é frágil nem decrépita como a do corpo, mas que é sólida e permanente; uma volúpia que a Filosofia não teve nenhum escrúpulo em honrar com o nome de Virtude, que opera a paz e a alegria do espírito, em meio às mais violentas dificuldades e os mais cruéis ultrajes que recebemos da Fortuna. Foi a propósito dela que um Poeta me parece ter dito razoavelmente *que a paz é a completa e inteira obra da Virtude, o feliz fim dos trabalhos, o preço da guerra cumprida, a recompensa das penas e dos perigos; que, por ela, os Astros mesmos conservam seu posto e seu brilho; que ela é o firme vínculo que ajunta e mantém as coisas do mundo; que ela é o que Deus ama e aquilo que Lhe permite trazer o título que tem*. Há um método que nos conduz, como que pela mão, à posse de um bem tão grande: implorando, antes de tudo, os favores do Céu, sem os quais todos os nossos trabalhos serão inúteis, e não saberíamos nunca manter o caminho da virtude. Com essa assistência do alto, nossa vontade pode, comodamente, ser instruída, porque a graça se acomoda a ela e não lhe tira sua liberdade. Há ainda uma excelente maneira de usar de nossa vontade para impedir que a Fortuna abuse do poder que nossa fraqueza lhe concede. E esta maneira tem preceitos que nos ensinam a moderação, o desejo ou a aversão que devemos ter por todas as coisas, a fim de podermos erguer um bastião contra as adversidades, uma tranquilidade nos problemas, uma alegria nas dores, e até mesmo uma felicidade na miséria.

<sup>53</sup>*Inventio*: segundo a retórica aristotélica, a *inventio* é a primeira parte no processo de composição de um discurso. Nesse momento, deve-se estabelecer o conteúdo do discurso, o orador deve recolher e selecionar os argumentos necessários e adequados para a exposição e a defesa de sua causa. A respeito da estrutura retórica do texto cf. Pacheco, Costa e Teixeira (2013); também Gontijo, S.; Massimi, M. (2008). Persuasão: arte retórica e conhecimento psicológico em sermões do advento de Antônio Vieira. *Mnemosine*, 4(2), 98-114; Massimi, M. (2008). Delectare, movere et docere: retórica e educação no barroco. *Per Musi: Revista Acadêmica de Música*, 17, 54-59.

A Vontade bem regrada é a soberana causa de todos estes efeitos. Há grandes máquinas que são postas em movimento com um pequeno instrumento, e aquelas que venceram a força cedem muito facilmente à indústria. A Vontade é capaz também de elevar e de governar a massa inteira de nossa felicidade, de destruir a grandeza de nossa miséria e de fazer parar os movimentos inconstantes da Fortuna, o que não poderia ser possível sem um milagre. Para adquirir inteligência nas artes, é preciso atenção e estudo. Por que não trazer ao conhecimento o mais importante e o mais necessário de todos? Seríamos nós insensíveis à excelência do bem que ele produz? Não nos despertaria ele de nossa languidez e nossa preguiça? Certamente não recolheríamos uma vantagem menor do que conquistar uma inteira vitória sobre elas. Está aqui a ruína, e por assim dizer, a morte de nossa miséria. Não é verdade que inventaríamos qualquer coisa que aliviasse por algum tempo que fosse o rigor de nossos problemas, que enganasse um pouco a nossa tristeza, e que suspendesse em nós, de alguma maneira, o sentimento de sua amargura? Mas, para nos afastarmos totalmente disso basta-nos apenas a nossa vontade. Esperar dos divertimentos ordinários, que os homens buscam para se desfazer de seu mau humor e dissipar sua melancolia; esperar das conversações, dos jogos, dos espetáculos, da música, um efeito tão grande como esse; é falho, porque, sem dúvida, eles são muito fracos para isso. Eles até conseguem impedir um pouco algum tipo de violência do mal, mas eles não conseguem afastar o mal inteiro. Podemos mesmo dizer que essas coisas são muito mais obstáculos do que remédios contra os efeitos da miséria, eles não seriam capazes de resistir à impetuosidade de nossas paixões. E estes furiosos Tiranos que nasceram e cresceram conosco não se rendem a tão suaves artifícios, mas, pelo contrário, eles são capazes de torná-los inúteis e vãos. Nossa tristeza os ultrapassa; seu azedume muda e corrompe todas as doçuras com as quais nós os tentamos encantar. Se nos separamos por um momento que seja dele, e se ele nos dá um pouco de descanso, ele retorna depois com muito mais força sobre nós: uma pessoa com febre, seguramente, encontra algum alívio ao beber um pouco de água, mas ao invés de apagar o ardor que o queima, a água o reacende com mais força; é como lançar uma chama sobre uma brasa. Triunfar sobre a Fortuna não é uma glória que o entendimento deve se atribuir totalmente. A Vontade bem ordenada tem a melhor parte. Tudo o que buscamos fora disso, para opor à nossa miséria, é igualmente inútil. Temos dentro de nós o verdadeiro remédio, que é tão soberano que opera nossa inteira cura; este remédio é a saúde mesma.

Nós o temos em nossas mãos, trazemos em nosso coração este excelente antídoto contra nossa miséria, mas nós o negligenciamos porque ele está em nosso poder, a comodidade de seu uso nos é causa de desprezo. Nós buscamos antídotos difíceis e distantes que não têm nenhuma virtude; e quando eles se mostrarem muito fracos para ultrapassar a violência de nossos males presentes, e muito limitados para igualar ao seu número, eles não poderão mais prevenir o que nos suscita nossa enfermidade. Consideremos, aqui, seriamente, nossa condição. Façamos uma revisão geral do estado de nossa vida: estamos sempre perdendo ou necessitando alguma coisa, não segundo a Natureza, mas segundo a nossa ambição. O temor dos perigos nos quais podemos, a qualquer momento, cair nos dá trabalho; as injúrias, os desprezos que recebemos nos afligem; os incômodos que invadem naturalmente o nosso corpo; tantos acidentes complicados, tantos desencontros; tudo isso nos faz pensar que não será possível encontrar remédios para tantos males. E quando nós os encontramos, o cuidado de colocá-los em prática será um novo mal para o qual, porém, não haverá remédio. Imaginemos, eu vos suplico, um homem feliz a tal ponto que não tenha jamais havido um igual – um homem que seja considerado como o perpétuo objeto dos favores da

Fortuna, e que não tenha nem mesmo aspirações mais, visto que lhe parecerá que sua vida não será mais atravessada por nenhum problema, que todos os dias lhe serão sem nuvens e todas as rosas lhe serão sem espinhos: a um homem desses, ainda assim, lhe restaria o medo de que sua felicidade mudasse; ele seria como que atingido pela preocupação de uma secreta apreensão, a de que a Fortuna só o elevou tão alto para o lançar no precipício, para cumprir a infeliz tarefa de mostrar a ele todos os traços de sua cólera e o deplorável exemplo de sua inconstância. Reconheçamos, portanto, que há muito menos remédios que doenças, que nossa pena será extrema e, às vezes, até mesmo infinita, na medida em que nos dedicarmos a nos curar em partes. Reconheçamos que a melhor coisa a fazer é recorrer ao remédio universal que trazemos dentro de nós e que consiste na vontade bem ordenada. De outra forma, seremos como alguém que, saindo nu pelos campos, durante uma grande chuva, quisesse não se molhar e cresse poder evitar se molhar por sua própria força. As calamidades desta vida são tão abundantes que podemos mesmo dizer que elas chovem sobre nós. Seria uma extrema loucura pretender evitá-las todas. É preciso, para isso, procurar uma cobertura e se colocar sob uma poderosa proteção. O que diríamos nós do soldado que fosse nu a um assalto? E que, tão logo o ferro e o fogo começassem a cair de todos os lados, se cresse em segurança só porque não sofreu ainda o primeiro golpe? Para ser invulneráveis é preciso ter armas experimentadas. Nossa vida não é somente uma guerra, é um combate: se nós não nos fortalecermos com uma boa resolução, se nós nos portarmos indignamente, sem dúvida, os aborrecimentos nos sobrecarregarão, seja por sua grandeza seja por sua quantidade. Não há nenhuma outra defesa que nos possa garantir contra a má sorte. Isso cabe apenas à Virtude. Isso é próprio apenas da Vontade que sabe prevenir todas as coisas capazes de a desregularem.

A mão é o instrumento dos instrumentos e o primeiro dos órgãos, segundo Aristóteles, porque sem ela todas as coisas das quais o homem faz uso seriam absolutamente inúteis, já que seriam como que desprovidas daquilo que, para as coisas todas, cumpre o papel da Alma, dando-lhes vida e movimento. Galeno transfere este elogio para o espírito, estimando que ele é mais próprio do homem, porque foi ele que inventou as Artes, porque ele governa, ele guia a mão e ele é incomparavelmente mais nobre que tudo o que recebemos da Natureza. Mas, para falar bem a verdade, esses Filósofos dão a uma e a outro a glória que furtam à Vontade. É a Vontade que deve ser chamada o instrumento dos instrumentos e ainda mais justamente, sem dúvida, visto que nos dá aquilo que a Natureza nos daria, quer dizer, aquilo que se pode pretender das ternuras de uma boa mãe, mas que a Vontade ajunta novos bens àqueles que nos vêm da Natureza, e que ela aumenta infinitamente sobre as mais notáveis vantagens que deles possamos tirar. E para não mentir em nada, devemos muito mais à sua moderação [da Vontade] e, por assim dizer, à sua economia do que à liberalidade da Natureza, do que à prodigalidade da Fortuna, do que a todas as invenções e toda a indústria de nosso espírito. Ela encontrou o meio de nos dar todas as coisas, dando-nos um privilégio tão raro que é aquele de não ter necessidade de nada. Ela nos é liberal para além de tudo o que as outras poderiam ser. O que mais poderíamos dizer de todas as riquezas da Natureza? A Vontade é magnífica sem estrondo e sem pompa; nos fez adquirir sem maiores cuidados e penas toda a indústria do espírito; sem nada nos dar, com efeito, nos enche, nos satisfaz com todas as futilidades da Fortuna; é, certamente, a justo título, o instrumento dos instrumentos, não porque ela tenha nos enchido de raras vantagens, mas por aquilo que, pela excelente prerrogativa de sua moderação, faz em nós que tem o efeito de, sem nada, sermos ricos, às vezes até mesmo, à opulência, porque faz com que não tenhamos necessidade de nada. Com isso temos, uma vez mais, a possibilidade de justificar a Natureza por ela ter sido liberal com os animais, pelas coisas



que lhes ofereceu como próprias, a fim de compor sua felicidade – já que a felicidade dos animais deve ser exterior e submetida à discricção de outros –, por ter dado a força aos Leões, a velocidade aos Cervos, a fineza às Raposas, e conseqüentemente a todos os outros os diversos meios que têm para poderem se conservar e se defender. Mas, já que a felicidade do homem deve vir de dentro dele, e já que só depende dele mesmo, poderia, eu vos pergunto, leitores, ter ele razão em se queixar de que ela o tenha excluído desse tipo de bens exteriores? Visto que, sem ter tido parte com ela, ele tenha tudo o que lhe é necessário para ser perfeitamente feliz. Visto que tenha, não apenas como os animais, com o que se garantir dos perigos que o ameaçam, e de se garantir a partir de vias muito mais nobres e seguras do que a força, a velocidade ou a esperteza. Visto que, além do mais, ele tenha algo com o que afastar a apreensão que precede todos os perigos. Visto que, em uma palavra, podemos dizer que ele tenha muito mais do que a metade de si mesmo, já que a felicidade não depende em nada de seu corpo, e reside inteiramente em sua vontade.

Todavia, pervertemos o uso de um tão nobre e raro instrumento. Por um estranho e cruel abuso, nos servimos dele contra nós mesmos, ao invés de nos servirmos dele contra a Fortuna. Fazemos daquilo que deveria ser a nossa salvação a causa da nossa ruína. É por isso que o Poeta Menandro<sup>54</sup> assumiu como tema principal a deploração de nossa condição, estimando-a mais infeliz que a dos animais. Ele teve piedade do homem, quando se deu conta dos cuidados com os quais o homem trabalha para construir sua própria aflição, tornando-se assim o operário do próprio mal. Porém, ele não foi tão injurioso contra a Natureza, acreditando-a culpável: ele não chegou nem mesmo a pensar que a nossa miséria fosse um efeito do ódio da Natureza. E quando ela não quis que participássemos de seus favores, sendo mesmo seu desígnio nos excluir inteiramente deles, qual a necessidade que podemos ter, se somos ricos por nós mesmos e não pelas vantagens que vêm dela? E se, pelo benefício do espírito, temos mais bens do que ela nos poderia dar, e que ela nem sequer quis nos dar, visto que ela ama nosso repouso, e teme nos dar matéria para problemas e inquietudes, teme nos fazer uma liberalidade ruínosa. Além do mais, como um alaúde bem afinado, tocado por uma boa mão, oferece um maravilhoso prazer e alegra os que o escutam; e como um alaúde desafinado, entre as mãos de um ignorante, é extremamente importuno, que causa sofrimento; assim também o instrumento do qual queremos aprender o uso e que tem a felicidade como objetivo e como termo de sua operação – nossa vontade bem composta e bem ajustada a si mesma – nos oferece uma singular alegria; enquanto que, estando desordenada e não tendo nem regras nem justeza, ela nos causa uma grande aflição, elas nos dá um extremo aborrecimento. Todos os Operários buscam, curiosamente, os melhores instrumentos para sua arte, eles estudam para se valer adequadamente desses mesmos instrumentos, eles sentem prazer nisso e se gloriam disso. Por que não teríamos nós o mesmo cuidado na mais necessária de todas as artes? Não há nada de mais natural e de mais ordinário ao homem do que o uso de sua vontade, mas não há nada que ele entenda e faça menos do que usá-la. É por isso que ele tem hábito sem nunca ter ciência. Deve-se a que infelicidade que ele faça tão mau uso de uma coisa da qual ele se serve a todo momento? Deve-se a que infelicidade que ele tenha tão pouca atenção a um instrumento que ele sempre tem nas mãos? Mostramos até aqui a utilidade singular e rara que recebemos do uso da vontade. Em seguida, veremos a certeza; justificaremos também que ela não é menos infalível que maravilhosa, e porque não é uma Obra da Vontade apenas, e que ela não a produz sem ser poderosamente ajudada nisso pelo

<sup>54</sup> Que viveu na Grécia entre c.342 a.C. e c.291 a.C.

entendimento, nós nos reservaremos a assinalar em seu lugar os notáveis ofícios que ela recebe dele.

## SEGUNDA PROLEPSE

### *A alegria é estranha às coisas*<sup>55</sup>

Está, portanto, claro que o meio de nos tornarmos felizes está inteiramente em nosso poder, não há dúvidas de que somos os próprios artesãos de nossa alegria e de que a composição de nossa felicidade depende absolutamente de nós. Mas, antes de começarmos este trabalho, antes de trabalharmos em uma obra tão necessária e tão preciosa, é importante aprender onde se encontra a matéria: se, segundo nossos princípios, ela se encontra em nós ou fora de nós. Se ela reside em nosso coração, podemos esperar um feliz sucesso de nosso desígnio, podemos pretender que nossos cuidados não serão inúteis. Mas, se ela vem de longe, e se é um produto de coisas que estão fora de nós, nos será tão difícil estabelecê-la que não poderíamos ignorar que elas não são de nossa jurisdição e que não somos sequer capazes de reger seus acontecimentos. Sem dúvida, não temos sobre a Fortuna o poder que temos sobre nós: não a governamos em nada e não somos em nada mestres de seus caprichos. Ela tem o espírito menos constante ainda e menos quieto do que o cérebro de Zoroastro<sup>56</sup>. A Fortuna tem um cérebro, assim como ele, num movimento perpétuo, e alguém poderia encontrar aqui um motivo para se divertir, ao saber que o que nele era uma marca de saber, nela é um sinal de insanidade. A Natureza não está de tal forma dentro de nós que, com ela, façamos uma mesma coisa. E tudo o que podemos nisso é sofrer o império e as irregularidades da primeira; sofrer as leis e ceder às necessidades da outra. Se a felicidade consistisse nas coisas que estão fora de nós, se ela procedesse, de fato, delas, poderíamos ter melhor meio para obtê-la do que nos ligar àquelas que são as mais férteis em prazer, e do que nos afastar e nos defender de tudo aquilo que causa dor? Mas qual a segurança, eu vos pergunto, leitores, nós poderíamos ter nisso? Como poderíamos saber, com tanta certeza, qual a diferença? Como colocar de um lado as agradáveis e de outro as importunas, as dividir em duas ordens separadas e distintas? Somos, todos os dias, agitados por paixões contrárias que não nos dão nenhum descanso, e é isso o que faz a nossa tristeza. Quase não somos sempre os mesmos: o que nos chocava mais cedo, agora nos agrada; o que condenávamos ontem, aprovamos hoje; e a experiência comum torna supérfluo o cuidado que poderíamos ter de justificar que, o que é matéria de alegria para um, é motivo de tristeza para outro. Os sentimentos do espírito são infinitamente mais diversos do que os do órgão que serve ao paladar: é preciso que as carnes pareçam bastante mais diferentes a este do que as coisas se mostram àquele. Não há razão mais poderosa, discernimento mais claro, experiência mais segura que possa estabelecer os fundamentos disso, que seja capaz de separar as boas das más. Elas estão misturadas e numa grande confusão: não há nada de mais incerto do que a certeza daquelas nas quais consiste a felicidade. Elas têm um rosto duplicado, brincam conosco com duas mãos, nos sacodem, por assim dizer: na medida em que nos recebem com uma das mãos, nos lançam fora com a outra.

<sup>55</sup> Videl traduziu assim o título desta prolepse: “QUE as coisas que estão fora de nós não nos tornam em nada felizes e não produzem nenhuma alegria”.

<sup>56</sup> Profeta persa, nascido no século VII a.C., também conhecido como Zaratustra.

Assim, portanto, se é necessário que as estimemos, se quisermos examiná-las e reunir num mesmo conjunto suas diferentes ordens, nós nos descobriremos, mais cedo ou mais tarde, enganados. Quem acreditaria falhar, eu vos pergunto, e não dar a cada uma o seu posto e o caráter que lhe é peculiar? Visto que enumera as que são agradáveis e que nos trazem alegria, vida, riquezas, honras, volúpias. Visto que chama de odiosas aquelas cujo simples pensar nos causa aflição, morte, pobreza, infâmia e dor. Encontraremos, porém, erro nesta nossa conta, será mesmo necessário que reconheçamos que ela não é justa; seremos constrangidos a consertar o erro que cometemos. Viram-se muitas pessoas que não somente amaram a morte e a consideraram como sua felicidade; mas viu-se também a quem a vida foi odiosa, mesmo até ao ponto de lhes ser insuportável, e de lhes dar uma extrema impaciência dela se livrar. A posse das riquezas tornou a muitos tristes e desgraçados. Elas trouxeram dor para muitos, inquietude e cuidados a todos. A pobreza, pelo contrário, foi não apenas agradável a outros; mas também foi querida: eles a abraçaram com alegria e a procuraram com ardor. Sabe-se que eles fugiram das honras e dos lugares onde elas se encontram, da mesma forma com que fugimos dos ares infectos e contagiosos. E sabemos que se quis mesmo rir deles, desde o momento em que foram vistos desprovidos de sua dignidade, a quem as feridas não causaram nenhuma tristeza e que mesmo zombaram de sua infâmia. Alguns eram melancólicos em meio a delícias, outros se lançaram nas aflições e nos tormentos. Poder-se-ia, depois disso, não ter uma inteira persuasão desta verdade, de que a alegria e a dor não procedem em nada das coisas que estão fora de nós? E de que, falando bem a verdade, se elas permanecem sempre as mesmas ainda que os eventos sejam diversos, se elas não mudam em nada a sua natureza ainda que mudemos de paixão, é preciso para justificar bem isso que o que nos alegra ou nos aflige certamente tem seu assento no coração e que é em vão se esforçar por procurar a causa em outro lugar? Se as coisas que estão fora de nós produzissem a alegria e a tristeza, sem dúvida elas a produziriam necessariamente e em todo tempo. E, dessa maneira, uma mesma coisa nos deixaria incessantemente felizes ou tristes. Não é a morte sempre dura e inexorável? Por acaso, ela é desprovida do louvor a que pretende na igualdade que tem por todos e que permite a derradeira consolação àqueles que se empenharam contra a desigualdade da Fortuna? Como é que, sendo temida por todos, foi desprezada por Sócrates e ridicularizada por Terâmenes<sup>57</sup>. Como, com esta abordagem terrível, com este rosto assustador com o qual ela assusta os homens, ela não fez medo a Cânio<sup>58</sup>? O mesmo Cânio que, para além de sua constância e de seu terrível temor em recebê-la, considerando-a com curiosidade como algo que ele nunca acreditou merecer lançar os olhos e pensar a respeito, parecia, por este mesmo cuidado, lhe honrar, lhe infundir dignidade; e de vil e desprezível que ele a considerasse a tornar estimável e preciosa. As Riquezas eram sem graças e sem charmes quando Cúrio as recusou? Pareceriam elas tão ruins a Crato<sup>59</sup> que ele devesse temê-las? Terá ele crido que elas valessem tão pouco quando as jogou no mar, a fim de trocar sua perda pessoal pela perda daquilo que excita as maiores tempestades na vida dos homens, que ele abandonou ao naufrágio? Não era a Pobreza tão feia e tão assustadora, quando

<sup>57</sup> Político ateniense, que viveu no século IV a.C.; foi um dos principais idealizadores do golpe de Estado que instaurou o governo dos Trinta Tiranos; foi morto, após se opor aos excessos do tirano Crítias.

<sup>58</sup> Bispo e mártir do século III.

<sup>59</sup> Não encontramos referências seguras acerca deste personagem; há, porém, um personagem da mitologia grega – Crato – filho de Estige e Pallas, irmão de Niké (vitória), Bias (força) e de Zelo (rivalidade), Crato seria a personificação da força e do poder.

Antístenes<sup>60</sup> a abraçou? Estariam as dignidades sem seu brilho, quando Fabrício se desculpou delas? E a ignomínia teria mudado de rosto, revestindo maquilagens e ornamentos, para causar amor a Aristídes<sup>61</sup>? As Volúpias foram de mau gosto, quando foram rejeitadas por Diógenes<sup>62</sup>? E a dor terá perdido seu azedume e sua amargura, para ser considerada doce por Anaxárcos<sup>63</sup>? Certamente a morte é sempre e em todos os lugares a mesma, ela não mudou em nada sua condição para estes homens, nem mesmo para Sócrates ou para Décio<sup>64</sup>; ela não admite nenhuma diversidade em si, mas somente na maneira como é recebida, e assim como ela, as Riquezas, a Pobreza, as Honras, as Volúpias, a Dor e a Infâmia.

Além do mais, esta diversidade de sentimento pelas coisas não foi menor naqueles que, por cima das luzes da razão, foram esclarecidos pelas luzes da Fé. Quem terá tido maior paixão pela Vida do que a generosa Virgem Apolônia<sup>65</sup> teve pela morte? A quem ela desejava, buscava sempre impacientemente; para quem ela corria com um amoroso e divino ardor; que ela previu e admirou muito mais do que ela mesma era admirada. As Riquezas não saberiam oferecer tão pura e perfeita alegria como aquela que Serapião Sindonita<sup>66</sup> recebeu da sua pobreza. Ele não tinha do que viver e nem mesmo do que cobrir a nudez de seu corpo. Para ter menos ainda, e não ter nem mesmo em seu poder a sua pessoa, ele se vendeu e não crendo que nada pudesse, daí em diante, estar à sua legítima disposição, ele deu o dinheiro de sua venda, e quis ser possuído gratuitamente; e, por causa desta restituição, ele se vendeu ainda uma vez. As mais eminentes dignidades não trazem nenhuma glória comparável àquela que Santo Aleixo<sup>67</sup> tirava do opróbrio: ele não creu que fosse suficiente ser desprezado geralmente por cada um se não fosse desprezado em particular por aqueles que tinham mais obrigação de honrá-lo. Que poderíamos dizer das Volúpias se não o que a experiência nos ensina todos os dias? Que o desgosto nos vem delas antes mesmo que tenhamos saboreado a

---

<sup>60</sup> Filósofo grego, nascido em c 445 a.C.; foi pupilo de Sócrates e advogou em causa da vida ascética, vivida de acordo com as virtudes; é considerado o fundador da Filosofia Cínica; faleceu em c 345 a.C.

<sup>61</sup> Estadista e estrategista ateniense, nascido em c.535 a.C., morreu, apesar de sua grande influência na cidade de Atenas, em extrema pobreza, em c.468 a.C.

<sup>62</sup> Conhecido como Diógenes, o Cínico (c.404 a.C.-c.323 a.C.), foi um filósofo da Grécia antiga, discípulo de Antístenes.

<sup>63</sup> Anaxárcos de Abdera (c.380 a.C.-c.325 a.C.) foi um filósofo grego, cuja inimizade com Nicocreon de Salamina, um tirano do Chipre, o levou a um fim trágico, submetido a uma tortura cruel. Conta a tradição popular que, certa vez, durante um banquete, foi indagado por Alexandre, se estava gostando da festa. Ele respondeu, voltando-se para Nicocreon: “Tudo, ó grande rei, está magnífico; somente falta uma coisa, a de que a cabeça de um sátrapa seja servida sobre a mesa”. O tirano nunca o esqueceu e, quando depois da morte do rei, o filósofo teve de aportar, contra sua vontade, no Chipre, tendo sido reconhecido, foi preso e, diante de sua placidez e comentários irônicos, Nicocreon mandou que lhe cortassem a língua. Colocado em um almofariz, foi impiedosamente pilado até a morte. Apesar deste massacre, manteve-se imperturbável durante todo o suplício, como se estivesse seguindo tudo aquilo que pregava em sua filosofia.

<sup>64</sup> Trata-se do imperador romano Caio Méssio Quinto Trajano Décio que, no ano 251 d.C., foi morto pelas mãos dos bárbaros.

<sup>65</sup> Virgem e mártir da Alexandria, considerada a padroeira dos dentistas.

<sup>66</sup> Monge egípcio que viveu no século IV, que possuía apenas um manto (síndone) como guarda-roupa, mereceu também o título de “O impassível”, por causa de seu total controle sobre si mesmo e seu desapareço por todas as coisas, até da própria liberdade, visto que se vendeu como escravo a uma família de comediantes, com o único fim de instruí-la na fé cristã.

<sup>67</sup> Santo da tradição cristã, muito conhecido pela Igreja Ortodoxa.

metade de seu gosto. Que não respondendo à opinião que temos de sua doçura e sua duração, e encontrando-se sempre menor do que nossas esperanças, elas nos deixam muito mais confusos do que contentes. Ninguém as buscou com tanta paixão, ninguém soube ser tão ávido por elas como São Lourenço<sup>68</sup> foi pelos tormentos. Vendo que seu corpo só estava cozido pela metade, para nos servir de seus próprios termos, ele pediu a seus carrascos que o virassem do outro lado e que o deixassem mais tempo sobre o fogo; ele quis terminar de se assar, a fim de encontrar um martírio tanto mais doce e saboroso quanto mais longa a dor o temperasse, por assim dizer. O grande servidor de Deus, Eman, não foi menos faminto deste tipo de carnes; ele bebia água salgada para reprimir o ardor de sua ambição; ele queria apagar sua sede com aquilo que a acende. Ele pensava que a simples abstinência não teria gosto algum se ele não colocasse sal nela; e por uma delicadeza de sua austeridade, ele quis misturar sal abundantemente na água, a fim de aumentar seu prazer por sua aflição. Encontrando as mais encantadoras delícias de seus mais rigorosos sofrimentos, ele praticava todos os dias novos sofrimentos, os buscava, estudava curiosamente as diversas maneiras de causá-lo a si, a fim de se excitar bastante o apetite por eles; parecido com os delicados e gulosos, que despertam seu apetite com novas invenções de guisados e de molhos. Conrado<sup>69</sup>, passando também para além, e estendendo para mais além os rigores de sua austeridade, esperava, ordinariamente, que as carnes estivessem estragadas para comê-las; como ele não poderia tomar refeição sozinho e sem companhia, ele só comia aquilo que os vermes pudessem comer com ele.

De onde procede esta diferença? Que maravilha que dois efeitos tão diferentes, tão pouco compatíveis, a alegria e a tristeza, venham de uma mesma causa! Que dois riachos de uma qualidade tão contrária, corram com uma mesma força! Que o que queimava, agora gele, que de um mesmo canal saiam o gelo e o fogo? Considerando assim as coisas, se poderá dizer que elas são da natureza daquele famoso Rochedo que lançava chamas e vertia água, que se tornou, ao mesmo tempo, fonte e fornalha. Sem dúvida, esta diversidade não vem delas, que são incapazes de mudança e que permanecem sempre no mesmo estado. É preciso, portanto, que esta diferença proceda dos movimentos da Vontade. Ela não deve vir de outro lugar. É nela que está a verdadeira sede da alegria e da tristeza. É a vontade sozinha que lhes dá o ser, pelo privilégio e pelo direito de sua inteira e plena liberdade. Com a mesma razão que se pode dizer que elas são produzidas pelas coisas que dependem das leis de sua natureza, da mesma forma que um escravo depende de seu mestre, elas não poderiam mudar de condição, nem aparecer com um outro rosto senão o que têm – seus rostos são sempre os mesmos e o são igualmente para todos. Somente a Vontade é franca e livre. Só pertence a ela se pronunciar sobre a natureza das coisas. Ela as determina como mais lhe agrada; ela faz a elas o que bem lhe parece. Assim, não é delas que vem nada desta diferença, mas tão somente da Vontade, que vai para onde quer e não conhece nada que a limite ou que a constranja. Assim, as coisas só têm as qualidades que recebem dela; está absolutamente em seu poder torná-las boas ou más, fazer com que elas nos agradem ou nos choquem. Alguém disse, certa vez, acerca do fogo *que ele tempera as carnes*. Pode-se também dizer o mesmo da Vontade: que ela prepara e tempera as coisas; que ela é bastante capaz de lhes mudar a própria natureza; que, por ela, a doçura mesma pode se tornar amarga e a amargura se tornar doce. Em uma palavra: que é puramente

<sup>68</sup> Mártir do século III, que foi queimado vivo.

<sup>69</sup> Conhecido como São Conrado de Placência, morreu em 1351, depois de ter ingressado na Ordem Terceira de São Francisco; assediado por sua santidade, passou o resto de sua vida numa gruta.



ela quem faz delas o que são; que dependem soberanamente dela; e que só têm o caráter e o preço que a estima dela lhes dá.

Qual é, portanto, nossa cegueira quando insistimos em cuidar das coisas que são estéreis e infrutíferas? Qual é a nossa loucura quando as abraçamos com tanta paixão e nos ligamos a elas como a trepadeira se agarra ao rochedo; visto que não seríamos capazes de nos manter ligados a elas por muito tempo e nem com tanto firmeza como a trepadeira sobre o rochedo? A trepadeira se conserva por si mesma, se mantém verde pelo seu próprio humor. Porém, a raiz de nossa alegria se seca muito rapidamente, porque não queremos alimentá-la a partir de nós mesmos, mas gostamos que ela receba seu alimento de fora de nós, que ela tire seu alimento de uma pedra, ou de algo que não poderia dar nada a ela. Ignoramos ainda que as coisas que estão fora de nós não produzem nenhum contentamento e que a tristeza também não vem delas? Assim como os terrenos ruins só dão origem às ervas daninhas e aos espinhos, será que ainda ignoramos que apenas a vontade é a mãe da alegria e que é ela que faz nascer a alegria, por assim dizer? As coisas podem, verdadeiramente, ajudar de alguma maneira no nascimento da alegria, elas podem servir a isso, mas elas não são capazes de dá-la à luz. É o nosso coração que produz nossa alegria. Por que abusamos de nós mesmos, fugindo dos sofrimentos e da pobreza – que são, para nós, asilo e muralha contra os assaltos da Fortuna e nos lembram, constantemente, de sua inconstância e sua fúria? Por que nós nos enganamos com o desejo das riquezas e das volúpias, imaginando que elas devem nos tornar felizes – visto que esse desejo nos suscita uma tristeza dupla, a de ter desejos ridículos e de tê-los inutilmente? Aprendamos que a riqueza e a pobreza não têm caráter certo pelo qual as podemos conhecer e distinguir uma da outra. Sem dúvida, elas são iguais; e onde há igualdade não há superioridade, não há eleição. A alegria será encontrada mais certamente numa cabana onde a pobreza resida que num Palácio onde reine a opulência e o luxo. Não é por acaso que as coisas nos agradem ou nos causem mal estar. Relembremo-nos sempre de que a alegria e a tristeza são estranhas a estes lugares, que elas não têm ali nem sua morada nem seu país, por assim dizer. Para nos fazer uma verdadeira imagem, representemos os errantes e vagabundos, que não têm nem caminho nem abrigo certos, que viajam por capricho e apenas para ver o país, mais do que com um objetivo formado de fazer uma viagem. Saibamos, com isso, que eles habitam muito mais o lar do pobre que o do rico, nas choupanas que nos grandes pavilhões, sob uma palhoça que sob lambris dourados. Eles ficam onde a noite os segura. No dia seguinte, eles retomam o caminho e continuam sua rota incerta. Não há nada a que a alegria se ligue particularmente, não há nenhuma amarra capaz de pará-la, apenas o nosso coração, ele sozinho, é capaz de retê-la e colocá-la entre correntes. Não há também lugar de onde possamos banir a tristeza, não há lugar tão bem fechado em que ela não possa entrar, ela tem a liberdade de entrar em qualquer lugar, ela não pode ser expulsa por Guardas de Palácios de Reis, nem por seus oficiais, de seu gabinete; não há nenhuma proscricção para ela. Que extravagância ir, com propósito deliberado, buscar a alegria onde estamos seguros de que só encontraremos a tristeza, onde não sabemos qual das duas encontraremos primeiro? O que diríamos daquele que fosse comprar pão num açougue, e carne numa padaria? É se desagradar da mesma forma que procurar alegria nas coisas. A alegria não está nelas, se a Vontade não as faz serem encontradas. Poderá haver maior loucura que correr mar e terra para procurar aquilo que temos dentro de nós? Fazemos esta loucura quando buscamos a alegria fora de nós, quando procuramos algo que está em nossas mãos. Esperamos de outro o que podemos nos dar a nós mesmos. Por que, portanto, iremos buscá-la por tantos caminhos e com tantos cuidados? Ela está ligada à nossa pessoa, não às coisas, e é nisso que consiste a

excelência de nossa felicidade. Quando elas todas acabarem, nossa alegria não acabará; ela se encontrará inteira e sã após as ruínas mesmas do mundo. Ela só pode acabar quando acabarmos nós também, pois nós a carregamos dentro do nosso coração.

Não há lugar mais apropriado para guardar e conservar este tesouro. Sem dúvida, só mesmo dentro do nosso coração haveria um espaço tão precioso. E, no entanto, todo mundo a procura como se fosse algo perdido. Reviramos céu e terra, atormentamo-nos, matamo-nos para encontrá-la. O que poderia ser capaz de reparar nossa perda? Não seria muito mais perigoso arruinar o próprio espírito do que o corpo? Enquanto trabalhamos para estabelecer nossa alegria, nós nos destruimos. Enquanto estamos em busca da felicidade, perdemos o que deve possuí-la. Não acontece que procuremos algo que temos nas mãos e achar que perdemos algo que está cuidadosamente guardado? Nós temos uma aflição enorme por encontrá-la, e não saberíamos ter uma aflição mais desagradável e inútil. Nosso trabalho e nossa dor crescem tanto mais, quanto mais buscamos aquilo que não podemos perder jamais; quanto mais buscamos a felicidade onde ela não está, e onde é impossível encontrá-la – fora de nós –, tanto mais a perdemos dentro de nós. Nossa esperança é duvidosa e nossa aflição é certa. Fazemos a alegria morrer em nosso coração, dissipamos este tesouro com nossas próprias mãos e, depois, vamos procurá-lo em outras plagas. Podemos guardar em nós a felicidade; sem dúvida, está em nosso poder conservar esta Divindade doméstica. Cada um é o autor e o Pai de sua alegria. Nós a temos em nós sem nenhuma dificuldade, e a procuramos em outros lugares com inquietudes e desgosto.

Experimentamos sempre como a alegria que as coisas nos prometem é falsa e enganadora e como somos infelizes de tirar proveito delas. Todo dano que nos chega não é suficiente para nos desiludir, toda a nossa experiência se torna inútil por causa de nossa fraqueza. Não acho que isso seja estranho: que tenhamos medo do mar depois do primeiro perigo por que nele passamos; porque, se ele é tempestuoso uma vez, não é estranho que esperemos que, da outra, ele seja tranquilo; mas, para não mentir em nada, eu não me admiraria suficientemente, tendo visto tão frequentemente a nossa alegria acabar nas tempestades que a Fortuna suscita, de ver que não temos medo algum, que não perdemos a confiança nela, que nos asseguramos em suas promessas, e nela embarcamos de novo tão logo ela se acalma e a vemos como que recolocada na bonança. Nós nos lisonjeamos com este pensamento: que sua cólera se apagou, que só queria nos colocar à prova, que sua verdadeira intenção não era nos fazer mal, mas apenas nos fazer medo. Será que devemos nos surpreender com o fato de que ela, depois de ter corrido o mundo inteiro, *com a mesma rapidez que a chama corre pelas florestas e que o vento do Sul corre sobre as águas*, para dizer com o Poeta, repousa por um momento, a fim de retomar o fôlego e, então, se recolocar em sua corrida? Saibamos que se, alguma vez, ela para, ela repousa, é muito mais por cansaço que por um desígnio seu de nos deixar repousar. Alguém<sup>70</sup> disse, com muita razão, que acusamos Netuno sem razão, após um segundo naufrágio. É melhor dizer que aquele que chora uma segunda desgraça acusa a Fortuna injustamente, que ele merece o que ele chora, e que apenas ele é culpável por aquilo de que se lamenta. Um mercador da Sicília que encheu seu barco de figos, tendo sido obrigado pela tempestade de lançá-los ao mar, e vendo do barco que o mar se tornou tranquilo outra vez após isso, disse: *veja bem o que aconteceu: quereis os meus figos*; sua chacota foi agradável, mas sua conduta foi adequada, pois ele não quis trazer os figos de volta para o barco, ele se guardou de exigir piedade de quem não tem nenhuma. Se fôssemos sábios, troçaríamos e desejaríamos também que a

<sup>70</sup> No texto original, Nieremberg se refere a um certo sírio: “*dixit probe syrus*”.

fortuna troçasse de nós, culparíamos apenas a nós mesmos dos males que nos chegam, visto que eles só procedem de nós mesmos e que nós somos unicamente sua causa. Quem pedisse um fruto a um Olmo não seria muito ridículo? Não é possível ser liberal com aquilo de que se tem necessidade. Quem nada tem nada pode dar. Se a felicidade não vem das coisas que estão fora de nós, é uma extrema loucura a esperar delas. Elas são impotentes, não saberiam beneficiar ou nutrir; se elas só sabem fazer a última, isso quer dizer que elas são suficientemente a outra<sup>71</sup>. Não podemos receber bem algum delas se nossa vontade não as ajudar; nem mal algum se ela não nos trair: certamente, não há nada do que se louvar ou se lamentar. Elas não merecem nem cólera nem reconhecimento; elas não nos poderiam dar nada que não venha absolutamente de nós mesmos.

Nós lhes fazemos, no entanto, a injustiça de lançar sobre elas a causa de nossas infelicidades; nós lhes condenamos contra todo tipo de razão. E aqui nós também, como aqueles que não agravam seus crimes se desculpando, mas acusando os inocentes, e que se comportam como delatores para não serem cridos como culpáveis. Se não há nenhum motivo para atribuir a uma pintura os defeitos da mão que a fez e de tomar por ignorante o artesão, também não é razoável imputar às coisas que estão fora de nós o mal que elas não fazem, e que, na verdade, somos nós que cometemos. Não podemos imputar as desordens à vida que não vem, absolutamente, de nós. Tudo o que nos chega procede de nossa vontade, ela, sim, culpável e cúmplice. Como os furiosos e as crianças se machucam com o mesmo ferro com o qual querem ferir alguém, como eles só servem dele para a própria ruína, nós também recebemos danos de tudo aquilo de que nos servimos contra a Fortuna: tudo o que nela jogamos recai sobre nós, fazemos, por nossas próprias faltas, com que o antídoto se torne veneno. Certamente, apenas a nossa Vontade é criminosa: as coisas que estão fora de nós são não apenas inocentes, mas também nos são favoráveis; e podemos mesmo dizer que elas nos fazem o bem naquilo em que não são más. Seja lá de onde for que se as peguem, as coisas que estão fora de nós são tão unidas e iguais que não há nada que pare ou crie temor à mão. Nelas, a alegria se parece com a tristeza; elas não têm nem característica nem marca que as distinga umas das outras; e, sem dúvida, isto foi uma falsa visão de Epícteto<sup>72</sup> que imaginou que as coisas tinham duas asas – uma leve e fácil, a outra rude e pesada; esta a dor, aquela a alegria. Ele, seguramente, se enganou ao acreditar que, na medida em que as pegamos por uma ou outra das asas, elas nos podem trazer contentamento ou aborrecimento. Seu pensamento foi mais razoável ao dar dois braços à Vontade, um que torna pesado e desagradável tudo o que ele toca, e outro que a tudo torna leve e agradável; este é o Arquiteto de nossa felicidade, aquele é o operário de nossa miséria. E alguém também imaginou, sabiamente, que a Vontade traz uma chama em uma das mãos e um vaso cheio de água na outra. Com efeito, uma de suas mãos é defeituosa e infeliz e a outra, pelo contrário, é de tal forma feliz e bem composta que pode, sem se fazer mal algum, pegar as coisas mais rudes e desagradáveis justamente pelo lado em

<sup>71</sup> Frase obscura, que precisa ser comparada com o original latino que diz – a partir da comparação com o olmo até o final do parágrafo: “*Qui fructus, & remedium famis quaere retab ulmo, non istam, sed se accuset. Nemo prodiget, quod mendicat. Nemo potest dare, quod non habet. Debet petere ab habente. Sinon habent res gaudium, stultum est, illas flagitre importuno voto. Non itaque reae nostri angoris sunt, quas absqueiu recriminamur. Ipsae innocentes adamnis nos vexantibus: ipsae illiberales bonorum, quibus perfrui mur. Non valent benefacere, nec sciunt noscere: satis licet in hoc beneficae praeterea ineptae, nisi nostra; erudiat, opemque ferat voluntas, nos veprodat. Nec gratiam merentur, nec bilem. Nihil dare possunt, quod sibi cor non praecipiat*”.

<sup>72</sup> Filósofo grego, que viveu entre c.55 a.C. e c.135 a.C. Era seguidor da escola estoíca e viveu parte de sua vida como escravo em Roma.

que nos machucam ou nos queimam. Ela pode tirar prazer de tudo o que causa dor. Ele converterá em bem para nós tudo o que ele toca, por uma propriedade mais maravilhosa e infalível ainda do que a desse famoso Rei dos Lídios<sup>73</sup> que produzia ouro apenas tocando com as mãos, que eram como outras mãos da Índia e uma nova da Arábia. Por esta feliz mão, a Vontade muda em ouro tudo o que lhe agrada. Ela faz uma coisa infinitamente mais nobre e preciosa, uma coisa que vale mais que todo o ouro do mundo e que nem mesmo ele nos poderia adquirir. Ela faz nosso soberano bem, ela é, verdadeiramente, para nós, as Índias e a Arábia<sup>74</sup>.

Se alguém nos vem dizer que se nos estão sendo preparadas honras, que uma boa fortuna nos espera, que uma grande sucessão nos está chegando, nós o escutaremos com prazer; e mesmo que, de fato, ele nos impusesse esta notícia ou que ela fosse falsa, ela nos seria muito agradável. Não temos dúvida portanto de que as coisas não fazem nossa alegria, não nos é necessário apontar nenhuma outra justificativa que comprove como ela não vem delas, visto que todas essas honras, todas essas vantagens não serão reais e que só subsistirão apenas em nossa opinião. Se esta mentira nos desse contentamento, por que nossa razão não causaria o mesmo efeito? Por que a verdade não teria tanto crédito e autoridade sobre nós como a que damos a uma coisa imaginária e vã? Façamos, pois, aqui, por resolução e por sabedoria, aquilo que faríamos por fraqueza e imprudência. Aqueles que abusaram desta sorte e que se entretiveram dessas visões agradáveis, alegrem-se com ainda maior facilidade, abandonando todo seu crédito à impostura que faz sua alegria. Persuadimo-nos, sem dificuldade, daquilo que recebemos; não hesitamos em nada; o assumimos, de início, como constante; e só quisemos como caução a vantagem que nos foi prometida. Ser-nos-á, portanto, muito fácil conceber a alegria, as seguranças que nos dão, de que possuímos todos estes bens, possuindo aquilo que vale mais do que todos eles juntos, possuindo o meio infalível de produzir a felicidade; e esta alegria será tão mais justa que a causa dela é real e certa. Mas, quando ela não for mais, a notável vantagem que tivemos em acreditar-la como tal será, seguramente, bem digna de que não duvidemos em nada; é bem merecido que acrescentemos fé inteiramente.

### TERCEIRA PROLEPSE

#### *Cada um tem o suficiente para a própria letícia*<sup>75</sup>

Eis, portanto, como tudo o que se chama felicidade não o é em nada e só carrega o nome. Eis como, frequentemente, é mais uma armadilha enganadora e perigosa, da qual a miséria mesma se serve para nos enganar. Eis como só é uma aparência e uma máscara que ela emprega para nos surpreender. É disso, certamente,

<sup>73</sup> Trata-se do rei Midas, citado expressamente no texto original latino: “*Maior haec gratia, quam Midas, cuius digiti fodinae eran tauri; cuius palma, India, aut Arabia aliqua*”.

<sup>74</sup> Diz o texto latino: “*Non minus manu alis est laetitia, manum habet voluntas convertendi omnia, sinon in aurum, in id, quod auro non emitur. Ipsa est sibi felix Arabia, ipsa India, ipsa aurisodina, & vena locupleti spacis, non indigae rebus laetitiae*”.

<sup>75</sup> Videl traduziu assim o título desta prolepse: “QUE cada um encontra, suficientemente em si mesmo, do que fazer sua alegria”. Optamos por manter o termo letícia devido ao seu significado diferente do termo alegria (*gaudium*). Enquanto o primeiro revela uma alegria que se manifesta exteriormente, o segundo implica exclusivamente num sentimento interior.

que procede toda a nossa aflição, é desta fantasia e desta impostura que vêm nossas dores e tormentos. Não há ódio mais cruel do que aquele que se fantasia de amizade. Esta se vale do fato de que não se desconfia para golpear; e alguém disse a este respeito que a cólera que se esconde dá seu golpe, mas a que aparece perde a ocasião de dá-lo. Quem é o homem tão simples, eu vos pergunto, que não acha suspeita a segurança que seu inimigo lhe oferece? Os bens e as outras vantagens que o mundo estima e considera como os mais dignos de esperança e de desejo são muito mais armadilhas e traições que a Fortuna nos prepara, são muito mais astúcias e artifícios que ela coloca em prática para nos enganar. Ela nos apresenta esses bens e vantagens sob um especial e magnífico título de felicidade; mas, na verdade, esse título é uma cobertura para as desgraças que ela nos prepara em seguida; e que lhes é muito menos conveniente e mais inadequado, pois não há nada de mais ridículo do que se glorificar de vantagens que não se tem e que, conseqüentemente, não poderiam ser comunicadas a outros. As grandezas do mundo, as riquezas, as volúpias, se apresentam, se repartem a nós como verdadeiras causas de nossa felicidade; elas querem nos persuadir que são elas que a compõem; mas, a partir exatamente disso, elas nos asseguram do contrário, elas excitam nossa desconfiança; o seu próprio testemunho desmente e destrói o que ela pretende estabelecer. Somos, porém, frágeis e crédulos ao dar fé dela. E fazemos a mesma insanidade que seria não acreditar em um homem que fosse mudo e não no-lo dissesse ele mesmo. Se alguém em cólera nos batesse, acreditaríamos que ele estivesse brincando ou nos fazendo carinhos? Tomaríamos uma coisa tão rude e tão desagradável como um favor ou como uma injúria? As riquezas podem nos dar a tranquilidade que é o fundamento da alegria, ou podem ser consideradas como a alegria mesma, sendo, como elas são, eternas matérias de temor e de cuidado, e, sem dúvida, os meios mais ordinários de que se vale a Fortuna para nos causar aflições. Como é que aquilo que enche nossos cofres não pesará em nosso coração? Como uma coisa que ocupa, que cria impedimentos em nosso quarto, não criará impedimentos também em nosso espírito? E como não tornará escravo, por uma justa revanche, aquele que tem tantos cuidados em mantê-la bem guardada? Pelo contrário, é indubitável que aqueles que não têm riquezas, têm verdadeiramente e, com efeito, a felicidade; eles a têm em espécie, eles a têm, por assim dizer, contando com o tipo. Como é que as honras e as volúpias, que desregulam a nossa vontade, que a agitam incessantemente, poderão acalmá-la e torná-la tranquila? As honras, semelhantemente a certas carnes, nos incham mais do que nos satisfazem, irritam a ambição, lhe abrem um amplo caminho, justificam esta máxima de um Filósofo Cristão<sup>76</sup>: que a felicidade que produzem as honras e que procede da falsa glória que o mundo oferece é igualmente falsa e danosa. Mas que o sábio considerará toda a terra como a mais eminente sede da honra, visto que ela é igualmente feita para ser seu trono e sua tumba. Por mais doces e agradáveis que possam ser as Volúpias, elas nos incomodam e nos abandonam cedo demais, elas não seriam capazes de nos satisfazer. E, além do mais, esta é uma verdade constante e perpétua: a alegria só se forma da vontade, não outra matéria de que se componha a felicidade. Tal como é o estado da vontade, assim será, seguramente, o estado da alegria. Ela não poderá ser verdadeira, não nos satisfará se não vier de nós, se não for obra de nosso espírito. Uma das Províncias da Grécia, outrora, representou este mistério através de uma estátua da Fortuna abraçando o amor. Não seria isso dizer que a verdadeira felicidade deve ser nossa pura produção?

<sup>76</sup> No texto latino aparece a referência a Jorge de Pisídia.



Não seria isso dizer que ela é falsa e imperfeita se algo de estranho entrar em jogo? Não seria isso dizer que é preciso, necessariamente, que ela venha da Vontade?

Trata-se de uma verdade que não é necessário, de forma alguma, justificar que cada um ama mais aquilo que mais seu é; mais uma coisa nos pertence, mais ela nos é cara. E nada nos pertence a mais justo título do que aquilo que fizemos nós, que é fruto absoluto de nossa produção. Nós amamos, sem dúvida, todas as nossas obras; e a natural paixão que temos por elas é tanto maior, quanto mais se deve apenas à nossa indústria, e quanto menos somos obrigados à ajuda de outros. Se, portanto, a felicidade é o que cada um ama sobre todas as coisas, não seria preciso inferir disso que ela seja o que cada um tem de mais próprio? Que ela seja nossa produção pessoal e não das Riquezas, que não vem de nós, que não são nossa obra, mas puramente obra da Fortuna? Nós nos lamentamos, agora há pouco, do fato de ela ter tornado difícil para nossa aquisição as riquezas, de que ela colocou um abismo entre as riquezas e nós, afastando-nos delas com uma distância enorme, tão difícil de ser vencida. Mas, o que pensamos que foi feito por ela contra nós é, seguramente, para o nosso bem; ela o fez para nossa instrução. Assim, portanto, as riquezas estão longe de nós para que aprendamos a mantê-las distantes, como malvadas e perniciosas, de medo que, por um efeito que lhes é tão ordinário, elas nos alienem da razão, nos distanciem de nós mesmos. É ainda o mal que nos causam as delícias e as volúpias. Por elas, somos distraídos da jurisdição da Natureza, reviramos suas ordens e seus estabelecimentos, destruimos sua economia. A Natureza fez as coisas exteriores para servir ao corpo, o corpo para servir à alma, a alma para servir a Deus. Esta excelente ordem é pervertida pelos desregramentos que chegam ao espírito. A paixão que temos pelas Volúpias arranca da alma a superioridade que tem sobre o corpo. A paixão faz com que aquele que deveria apenas obedecer se comporte com a insolência de quem comanda e mestre absoluto do outro. O ardor com o qual abraçamos as riquezas é ainda mais perigoso e maléfico: ele sujeita o corpo e a alma, fazendo deles miseráveis escravos, entregando-os a um terceiro, a um metal abjeto e vil e, conseqüentemente, a tudo o que está fora de nós. Se, portanto, elas causam uma tão estranha desordem, afastando-nos de nós mesmos, e se nada é nosso senão aquilo que é propriamente nosso, como elas podem compor nossa felicidade, que é uma coisa propriamente nossa? Certamente isso nos ajuda a entender que elas só nos prometem coisas falsas, isso nos traz às claras a impostura das riquezas, e justifica ainda mais que, não somente a alegria verdadeira não consiste em possuí-las, elas não conhecem nem mesmo o desejo. O que poderíamos dizer das Honras? Senão que estão ainda mais distantes de nós do que as Volúpias e as Riquezas, e que são ainda menos obra ou produto nossos; visto que, para guardar as riquezas, não precisamos da ajuda de ninguém, enquanto que as honras nos chegam por operação de outros, são a obra de quem no-las dá e não de quem as possui. É por isso que, assim como as Volúpias e as Riquezas, elas não podem compor nossa felicidade, que precisa ser nossa própria obra. Mas, ao mal que elas nos causam, ao nos afastar de nós mesmos, se junta um novo e ainda pior, quando, para que nos vinculemos bastante a elas, nos afastamos de Deus, comportamo-nos desgraçadamente, resistindo a Suas vontades. Ao nos tornarmos rebeldes Àquele a quem pertencemos, não tanto por Seus benefícios, mas por Seu poder, caímos nessa deplorável loucura que é não nos submettermos às ordens de Sua suprema sabedoria. Eis o que produzem em nós as Honras, as Riquezas e as Volúpias que, por um extremado abuso nosso, acreditamos serem capazes de produzir a felicidade. Umhas e outras nos desviam do caminho de obediência a Deus, corrompendo, no seu princípio, a mais excelente e necessária de todas as ciências.

A Felicidade se conduz e se rege inteiramente pela Vontade. Pode-se dizer que ela caminha sob seu ensinamento, e que ela embarca em seu navio sem nenhum bem ou honra. Ela não vai acompanhada de nada que esteja fora de nós. É uma verdade da qual podemos nos glorificar: que, na passagem que temos que fazer neste mundo, somos abundantemente supridos de tudo o que é capaz de compor a felicidade. Trazemos suficientemente conosco o equipamento necessário para nossa alegria. Sem dúvida, Deus e o homem são suficientes, sozinhos, a si mesmos: cada um é suficientemente rico de si mesmo; e o mais rico é aquele que se substitui a todas as coisas, que conserva sua riqueza e sua felicidade na posse de sua pessoa. A cidade de Mégara, após ter sido tomada por Demétrio<sup>77</sup>, foi palco de uma cena importante: tendo Demétrio um cuidado particular em devolver a Estilpón<sup>78</sup> tudo aquilo que a injúria da guerra poderia ter tirado dele, ouviu deste Filósofo: *eu não perdi nada*. Belas palavras, certamente, e que teriam toda a sua dignidade na boca de um Cristão; mas que tiveram pouca dignidade, tendo sido pronunciadas por aquele que se encheu de honra ao recusar as honras que lhe foram oferecidas por um grande Príncipe e que fez uma obra-prima de si mesmo, tendo corrigido suas más inclinações pelo estudo da sabedoria. A Natureza teria sujeitado este excelente homem a um dos mais perniciosos vícios, que podem destruir o conjunto do corpo e do espírito, pela simples corrupção da boca. Como se ela tivesse como desígnio colocar à prova a força da Virtude, e verificar do que é capaz uma alma alta e generosa; ela lhe suscitou este perigoso adversário, ela o colocou nas mãos com um poderoso inimigo. Certamente, ele não creu ser suficiente reprimi-lo e enfraquecê-lo, o venceu absolutamente no início, obteve uma inteira vitória sobre o vício, apagou completamente esta mancha de sua vida a tal ponto que, nunca mais, puderam reconhecê-la. Bias<sup>79</sup>, este Filósofo tão grande e tão Real, foi o único dos Cidadãos de Priene que não quis salvar nada quando sua cidade foi tomada, ele não carregou nada, ele saiu vazio e nu, dizendo que ele trazia todos os seus bens consigo. Ele sabia que não há nada de mais cômodo, que cause menos aflição para carregar, do que a felicidade. Outro, que poderíamos nomear como um segundo Aristipo<sup>80</sup>, por causa da conformidade de seus sentimentos. Em uma situação muito parecida, chegou nu em Rodes, após um naufrágio, e, diferentemente de todos aqueles que estavam com ele e lamentavam ter perdido tudo, testemunhava alegria, como se tivesse salvado tudo, visto que ele havia salvado sua pessoa. Quer dizer que o sábio se encontra de pé e firme em meio às maiores tempestades que o pudessem atingir e, bem longe de o abaterem, elas não têm a força sequer de o sacudirem. Ele é para si mesmo um porto seguro contra todas as tempestades da Fortuna; e, verdadeiramente, aquele que é agitado pelas águas do mar e está em perigo de naufrágio pode se garantir de que seus bens não correm perigo, de que tem, como se

<sup>77</sup> A tomada de Mégara por Demétrio I (337 a.C.-283 a.C.), da Macedônia, se deu em 307 a.C. Demétrio I, conhecido também como “Demétrio Poliorcetes” (que significa, em grego, o tomador de cidades) foi um rei macedônio, filho de Antígona Monofalmo.

<sup>78</sup> Estilpón de Mégara foi discípulo de Diógenes, sobre quem já comentamos em nota anterior, é um dos representantes mais importantes da chamada Escola Megárica, que criticava a filosofia platônica, especialmente no particular sobre a imitação que a realidade sensível faz do Ser.

<sup>79</sup> Trata-se de um dos Sete Sábios do Oriente, nascido em Priene, hoje Güllübahçe, na Turquia. Conta a história que, quando Priene foi sitiada pelos persas, Bias permaneceu imóvel, enquanto todos os cidadãos tentavam proteger suas riquezas. Perguntaram-lhe, então, qual era a sua riqueza, e ele respondeu: “a minha riqueza está na minha cabeça”.

<sup>80</sup> Há dois personagens na Grécia antiga com este nome, ambos pertencentes à chamada Escola Cirenaica. O primeiro Aristipo foi discípulo de Sócrates e, como este último, se interessou quase que exclusivamente pela ética, e defendia o controle racional sobre o prazer. O segundo Aristipo, é neto do primeiro, e é conhecido como Aristipo, o Jovem. Segundo Eusébio de Cesareia, este último foi quem sistematizou o pensamento do avô na chamada Escola Cirenaica.

estivesse em terra firme, tudo o que há de mais precioso, e de que não perderá nada, na medida em que não perder a tranquilidade de seu espírito. Aquele que sabe conservar esta tranquilidade de espírito conserva, com isso, sem dúvida, tudo o que lhe é necessário, tudo o que precisa e merece cuidado; está coberto contra todos os tipos de inconvenientes e desgraças; não recebe nem as ameaças do Céu irritado nem as fúrias mesmas do inferno; não tem medo de nada que eles lhe possam fazer. Não foi com outras armas que este Atleta audacioso, para não chamá-lo arrogante, Epícteto, que desafiou a Fortuna tão frequentemente, teve a segurança de desafiá-la nestes termos: *Que todos os deuses juntos façam a guerra contra mim; que eles derramem sobre mim todos os traços de sua cólera e de sua vingança; eu não serei em nada atingido, eu não perderei nem meus bens nem meu repouso. Tudo o que há de mais terrível e de mais insuportável, os trabalhos, os perigos, as dores, a infâmia, a pobreza, tudo isso não conseguiria me incomodar. Minha alegria não será em nada abatida, minha tranquilidade não seria sequer perturbada. Elas estão em um lugar impenetrável, que está coberto contra todas as suas empresas e ridiculariza todos os seus esforços.* Assim, certamente, pode-se dizer que, nesta ocasião, não há nada que faça guerra mais corajosamente do que a paz mesma. Sem mentir, aquele que tem a paz em si tem tudo o que lhe é necessário para não temer nada e para conquistar tudo. A paz permanece como maestrina em todos os combates da Vida. São as verdadeiras armas com as quais é necessário se defender contra a Fortuna. Não é necessário, em nada, aqui, que a cólera anime a coragem, mas sim que a alegria a anime. Nada nos é mais necessário para conseguir vantagem neste combate do que a paz e a moderação da Vontade.

Que não sejam apenas os profanos a nos ensinarem a confiança que devemos ter na paz de espírito, visto que eles não nos poderiam dar exemplos e provas desta verdade tão excelentes quanto aqueles que temos da pessoa do grande Apóstolo [São Paulo] que, sem outras armas, se comportou de tal forma que se glorificou: nem a vida, nem a morte, nem os Anjos, nem os Principados, nem as Potências, nem o tempo presente, nem o futuro, nem a altura, nem qualquer criatura que seja, nada o separou de Seu amor e de Sua Vontade, que ele elegeu sobre todas as coisas do mundo. Há certos bens da aparência que, porém, como uma coragem ordinária, não seriam capazes de lhe inspirar pensamentos tão altos, não seriam capazes de lhe fazer conceber desígnios tão grandes, não seriam capazes de levá-lo a querer combater as maiores calamidades da vida – a fome, a pobreza, os sofrimentos, a perseguição. Por mais poderosos e perigosos que sejam esses inimigos, eles não lhe pareciam dignos de que se ocupasse deles; ele os considerava muito abaixo de si, e os olhava com desprezo. Os perigos, os fracassos, as aflições, as dores e qualquer outro tipo de traços que a Fortuna utiliza nas suas mais cruéis vinganças não seriam suficientes para a sua ambição: ele queria abordar as forças do Céu, ele se opunha, ele desafiava todos os exércitos dos Anjos; eu vos pergunto, com o quê? Apenas com a confiança que ele tinha em si mesmo, com a segurança que tinha em sua paz e em sua caridade. Como seu poder deveria ser grande! Como coisas desarmadas tiveram tanta força para resistir tão corajosamente à Fortuna, ao mundo e ao Céu! Mas, ele não quis permanecer somente nisso, ele disse ainda mais altamente que não havia nenhuma criatura capaz de separá-lo de Seu amor. Talvez ele quisesse falar de criaturas inferiores e baixas. Não, não. Ele nomeou claramente as mais altas, as mais excelentes: os Anjos, os Principados, as Potências – toda a força e todo o ornamento do céu. Que coragem é essa capaz de desafiar coisas ainda maiores, capaz de buscar novos inimigos e desejar inimigos mais fortes? Vedes até aonde vai a paixão daquele que ama perfeitamente: ele desafia o que não é, tendo já vencido todo o resto. Alexandre [o Grande] não conhecia nada superior a ele, mas tão somente a sua ambição. Este mundo, não lhe parecendo suficientemente grande para suas conquistas, lhe motivou o desejo de

novos. Assim também, este Herói, não tendo nada além de sua paz como força, não considerou este mundo como um justo inimigo; ele quis outro mais digno de seu valor, tão forte se considerava e tão assistido por Deus que combatia com ele. Certamente também, com uma vantagem tão rara, ele se considerava maior do que tudo pode ser, tudo que tudo é, tudo que tudo não é, de tudo que poderia ser, mais do que este mundo e um outro mundo ainda. Este grande Discípulo do Céu era poderoso e rico de si.

Deus não tem nenhum tesouro como o têm os homens. O Mestre de todas as riquezas do mundo não possui nenhuma fora de si mesmo. Ele compreende, Ele encerra em si tudo o que pode haver de bens; Ele sozinho é todos os bens juntos. Sua felicidade é pura e não recebe nada de estranho, nada a compõe além dela mesma. A beatitude rejeita o luxo; ela é frugal, ela ama a simplicidade. É sobre isso que está fundada a Filosofia: na resolução que ela tomou de dar a um dos seus a glória de poder disputar a felicidade com Júpiter, porque ele não tinha necessidade de nenhuma outra coisa além de si mesmo. Será ainda mais adequado dizer que Deus basta a si mesmo; mas que, por mais imensa e infinita que seja a Sua riqueza, ela não é em nada superabundante, ela é, todavia, sem superfluidades. Tudo o que a compõe é necessário. Assim, o homem é suficientemente rico de si – assistido, porém, pela graça de Deus, fora da qual seria pobre no meio de todas as riquezas do mundo. Mas, há muito mais coisas de que ele não precisa. Ele tem muito de seu corpo; seu espírito sozinho lhe é suficiente. Julguemos, a partir disso, quão fácil é para ele se tornar feliz, visto que ele o pode ser não apenas sem o benefício da Fortuna, mas ainda sem as vantagens que vêm da Natureza. Que ele possa perder, se quisermos, uma boa parte de si mesmo, que separemos seus membros de seu corpo, que arranquemos suas mãos e seus pés, que o privemos das funções mais nobres dos seus sentidos, da ajuda da visão, ainda assim não arrancaremos nada daquilo que serve para torná-lo feliz; ele salvará dessa ruína a tranquilidade de seu espírito. Ele não deixará, depois de tudo isso, de ser inteiro. Seus olhos, seus pés, suas mãos, não são em nada necessários para a sua verdadeira perfeição. Eles podem muito bem lhe faltar, sem que a felicidade lhe falte. O que pertence à Fortuna não é em nada capaz de fazer a nossa alegria. O que podemos perder não pode, verdadeiramente, ser considerado como algo que nos pertence; porque, como um grande Santo disse<sup>81</sup>, a sabedoria conserva seu bem, sem diminuição e sem dano. Tudo o que ela tem lhe vem dela mesma, ela não toma emprestado de ninguém. Esta foi a opinião de um Filósofo<sup>82</sup>: *o cúmulo da felicidade é não dever a ninguém*. Não teria ele mais razão em dizer que é não dever em nada à Fortuna, estando certos de que o menos feliz é aquele que lhe deve tudo o que possui, mesmo que possuísse o mundo inteiro? Seguramente, os que têm tudo dela podem muito bem dizer que nada têm ou que, pelo menos, que possuem muito pouca coisa. E podemos muito bem ser felizes sem a ajuda de outros, visto que não temos quase necessidade nenhuma de nós para isso, e visto que podemos muito bem nos servir apenas da metade de nós mesmos.

Saibamos um pouco, eu vos peço, acerca de Antípatro, o Cireneu<sup>83</sup>: a perda de sua visão significou sua ruína ou apenas a diminuição de sua alegria? Ele nos ensinou que não depende em nada da bela composição do corpo, nem do inteiro e livre uso de seus sentidos

<sup>81</sup> No texto latino, aparece a referência a São Próspero (c.390-c.465), que foi discípulo de Santo Agostinho.

<sup>82</sup> O texto latino faz referência a um certo Automedón, poeta da antiguidade grega.

<sup>83</sup> Não encontramos nada de consistente acerca deste personagem – no original latino aparece como “*Antipater Cyrenaicus*” –, a não ser uma referência a ele nas Tusculanas de Cícero.

a produção da felicidade, mas tão somente da tranquilidade do espírito. Ele sabia bem que, por estar em trevas perpétuas, não deixamos de ser felizes. Ele não ignorava que a noite, como o dia, tem seus prazeres e suas delícias. Ele também se consolava com aqueles que se afligiam com sua cegueira, ele ria do fato de eles chorarem tendo olhos, sendo que ele, que não os tinha, não era, porém, nem triste nem cheio de dor, nem cria que sua felicidade tivesse sido diminuída de alguma forma. Os parentes e os amigos de Pardulfo<sup>84</sup> sentiam um enorme desprazer ao vê-lo em tamanha desgraça, e ele, porém, sentia enorme alegria; podendo obter de Deus a graça de recuperar a vista, que ele rezava para que outros obtivessem, ele nunca pediu isso para si mesmo, visto ter recebido algo que nunca havia pedido: ele se contentava com o fato de possuir a felicidade que aliviava sua miséria. Saibamos também de Epícteto: por acaso, ele se afligiu desejando uma boa perna, esperando que dela dependesse sua alegria? Certamente, uma volúpia constante e, por assim dizer, bem assentada e repousada, tal como a que ele possuía, vale incomparavelmente mais do que estas Volúpias inconstantes que, cedo ou tarde, se afastam de nós mais rapidamente do que o mais veloz dos animais; que são sensuais e brutais como os animais; que, não sendo menos temíveis que os mais selvagens e mais cruéis animais, são mais perigosas e mais maléficas. Múcio Escévola<sup>85</sup> não achava em nada que sua glória fosse imperfeita; a felicidade se comunica voluntariamente para os virtuosos. Ela vem até a eles de muito bom grado; eles não têm nenhuma necessidade de pegá-la à força. Com a mesma mão que Barlaam<sup>86</sup>, este nobre e generoso homem rústico, preferia abandoná-la ao fogo que prostitui-la oferecendo incenso aos Ídolos; por isso, mereceu a palma do martírio, se coroou de louros muito mais dignos do que os do famoso Romano. Os céus olharam atentamente o sacrifício de um homem que só queria fazer por eles; para ele, eles abriram todos os olhos; eles pareciam testemunhar, por seu ardor, a alegria que sentiam por ver esta mão ardente. Antígono – o de nariz quebrado –, Filipe – o de boca danificada – e Filopémen – o sem ventre –, que carregavam marcas de defeito em seus corpos não puderam, no entanto, nunca ser felizes? E o corajoso Zenão<sup>87</sup> terá sentido alguma dor mesmo depois de ter cortado sua língua? Amón terá se condenado a uma miséria perpétua depois que lhe arrancaram uma orelha? E Santa Águeda<sup>88</sup> terá sido melancólica por toda a sua vida depois que perdeu, pelo martírio, uma graça, um ornamento natural do corpo tão caro às pessoas do seu sexo e que elas conservam com tanto cuidado? Apesar da violência dos suplícios que seus carrascos a fizeram sofrer ter sido muito acima de suas forças, ela não esteve abaixo de sua coragem: ela expôs com alegria seu corpo a todo tipo de pena e, pela constância maravilhosa com a qual ela suportou o opróbrio feito aos seus seios, ela deixou transparecer que carregava verdadeiramente um coração generoso. Ela se gloriou de suas cadeias, ela tornou a prisão causa de suas delícias. Guardemo-nos bem de acreditar que seja um lugar onde a alegria não se encontra e de onde ela não ousa se aproximar. Os mais cruéis Tiranos não têm uma prisão tão estreita e tão rigorosa na qual a alegria não se sinta à vontade e onde, se se quiser,

<sup>84</sup> Trata-se de São Pardulfo, monge eremita, conhecido por ser taumaturgo, que viveu no século VII, na França, num lugarejo conhecido como Guéret.

<sup>85</sup> Trata-se de Quinto Múcio Escévola (final do século III a.C.), político da antiga República Romana, que foi governador da Sardenha por cerca de três anos.

<sup>86</sup> Trata-se de São Barlaam, mestre de São Josafá, que parece ter vivido no século III ou IV, na Índia.

<sup>87</sup> Trata-se de Zenão de Eléia (c.495 a.C.-430 a.C.) que, após ter sido capturado e torturado pelo tirano que reinava em Eléia, a quem combatia abertamente, cortou com seus próprios dentes a língua e a cuspiu no rosto do tirano, para mostrar-lhe que jamais delataria seus companheiros.

<sup>88</sup> Santa Águeda de Catânia (c.230-c.254) foi martirizada durante as perseguições de Décio ou de Dioclesiano, tendo sido açoitada e torturada até à morte; segundo consta, teve os seios arrancados por tenazes.



ela não possa plenamente habitar. Certamente, se se pode ser feliz no mundo, se pode sê-lo também na prisão, já que o mundo também é uma prisão de onde a Justiça de Deus tira, todos os dias, criminosos para os fazerem responder diante de seu trono. *Se minha prisão não é tão grande quanto a dos Príncipes*, dizia de forma excelente o Católico e Ilustre Chanceler da Inglaterra<sup>89</sup>, *eu me acredito ainda mais feliz por ter escolhido, entre os males, o menor*. Depois de tudo isso, o que importa se nos dilacerarem o corpo? E por que devemos nos preocupar quando o dividem em pedaços? Visto que nós sabemos que ele é a metade do homem que é supérflua para fazer sua alegria; visto que sabemos que é o espírito que lhe dá todo o necessário para isso. Paulino<sup>90</sup> e Serapião se fizeram escravos; eles não tinham nenhuma parte de si mesmos em seu poder, seus corpos eram todos de outro, mas seus espíritos eram inteiramente seus; e mesmo que um poder alheio a eles lhes possuísse absolutamente, eles possuíam inteiramente sua felicidade.

E para nada subtrair da extensão dessa verdade, e para nada limitar do privilégio do homem, é preciso dizer ainda mais: quando todas as partes que compõem o homem forem não somente desconformes à sua natureza e inteiramente repugnantes, quando o homem tiver todos os seus membros como inimigos, seus nervos, suas artérias, suas veias como carrascos, quando tudo aquilo que trabalha para mantê-lo vivo começar a trabalhar para fazê-lo morrer, não se verá perecer nenhum um pouco de sua alegria, tudo isso não será capaz de arruinar sua felicidade. Este Filósofo que acusamos de ter feito consistir a alegria no prazer dos sentidos, encontrando-se, no fim de seus dias, assolado por dores cruéis, que pareciam querer se vingar daquilo que ele sempre assumiu como Volúpia, suportava-as com uma admirável constância. Aquilo que lhe atormentava sem parar, aquilo que desolava seu corpo, não agitava em nada o seu espírito. Certamente que ele tentava colocar em prática suas máximas e seus sentimentos; ele justificava, com sua própria experiência, a doutrina em que sempre acreditou e que sempre ensinou, que *o Sábio nunca será infeliz, mesmo se estiver sob tortura*. Assim, qualquer que seja a agitação e a pena que chegue ao corpo, a paz de espírito permanece firme e não pode ser em nada abalada. Ela sai, ela triunfa de todas as tempestades que a Fortuna suscita; ela não pode ser violada por nenhum de seus atentados e esforços. *Não é pelas pernas, mas pelo espírito que vivemos*, respondeu sabiamente Espeusipo<sup>91</sup> a Diógenes, que o vendo pressionado pelas violentas dores da gota, o aconselhava a procurar um remédio para o remédio de todos os males. Sem dúvida o que faz viver o homem é o que permite que ele viva de forma feliz. É pela alma que vivemos, e por ela vivemos felizes, desde que vivamos segundo a razão. Tudo o que nos é suficiente para a vida nos é suficiente para a felicidade; e não pensemos que ter um corpo enfermo ou mutilado de qualquer uma de suas partes é um obstáculo para possuir a felicidade. Pelo contrário, é certo que, quando as dores afligem o corpo, a alma, ocupando-se menos dele, pode se retirar para o entendimento como que para a sua fortaleza, onde ela pode agir com mais vigor, bem como com mais dignidade. E é então que podemos dizer que ela está verdadeiramente onde deveria estar, onde ela faz suas mais nobres operações, onde ela as produz de forma ainda mais excelente e perfeita; estando totalmente recolhida em si mesma, e não estando, portanto, espalhada pelos sentidos, ela não se rebaixa e não se profana com atos indignos da grandeza de sua origem, ela se conserva límpida e pura das Volúpias que a

<sup>89</sup> Trata-se de São Thomas More (1478-1535), que foi martirizado no dia 6 de julho de 1534, após ter se negado a reconhecer Henrique VIII como cabeça da Igreja da Inglaterra.

<sup>90</sup> Trata-se de São Paulino de Nola (355-431), eremita que, antes de sua conversão era Cônsul; vendeu tudo o que tinha, deu aos pobres e, com sua esposa, fundou uma comunidade monástica em Nola (Itália).

<sup>91</sup> Filósofo grego, nascido em Atenas, por volta do ano 393 a.C. e falecido perto do ano 339 a.C., foi o sucessor de Platão na Academia.

poluem. Além do mais, espero que não se escandalizem com o fato de, aqui, eu fazer menção a Filósofos pagãos, e que ninguém ache estranho se eu repito sem vergonha alguma seus sentimentos. Tomo esta liberdade a fim de que tenhamos vergonha não apenas de não fazer o que eles fizeram, mas também de não fazer o que eles disseram; a fim de que tenhamos vergonha não apenas de não imitar seus exemplos, mas também de não praticar seus preceitos. Eu quero, com isso, que nos retiremos do vício e nos descubramos culpados de desprezo e ingratidão pela Graça, olhando para esses homens que só conheceram imperfeitamente o soberano bem, que não puderam ter uma imagem verdadeira do soberano bem, que possuíram uma sabedoria falsa. Mas por que é necessário que aquilo que eles fizeram em meio às trevas, iluminados apenas pelos lumes da Razão fortalecida pela ajuda e pelas luzes que vêm do Céu – o estudo da virtude – não tenha efeito sobre nós? Por que aqueles que veem claramente e que têm guias não podem caminhar de forma mais correta e segura do que aqueles que não veem nada e que estão cegos?

Passemos agora àqueles de quem é ainda mais justo o exemplo, visto que sua sabedoria lhes vem do alto, visto que, além das luzes da Razão, têm ainda as luzes da Graça. Abade Mirógenes feliz de ver seu corpo todo coberto de chagas, ou para dizer mais claramente, de ver seu corpo como uma terrível chaga, encontrava sua felicidade na sua miséria. Longe de pensar e de se lamentar de que a miséria fosse excessiva, desejava que ela fosse maior; exortava àqueles que testemunhavam compaixão por ele a pedir a Deus muito mais a saúde de suas almas do que a de seus corpos; conjurava-os a desejar muito mais sua salvação que sua cura. *Meu Deus*, ele dizia, *faz que eu sofra por muito tempo, prolonga a duração de minha aflição*. Este era o objeto mais comum de seus votos e de suas orações, visto que sabia muito bem que não apenas as dores e os sofrimentos não eram capazes de destruir a alegria, mas são elas que a causam e estabelecem; visto que via que o espírito daquele corpo enfermo e apodrecido se conservava firme e vigoroso. De que mais ele precisaria para possuir a felicidade, quando sabia que seu corpo não era em nada necessário para obtê-la? Não nos surpreendamos em nada, depois disso, ao sabermos que ele considerava os bens do mundo como supérfluos, que não quis aceitar os bens que lhe foram oferecidos pelo Sofista Eustóquio. Barnabas Anacoreta, tendo um espinho no pé, alegrava-se em si mesmo e nunca conseguiu encontrar razões para tirá-lo dali, respondendo àqueles que lhe solicitavam de tirar – cujas instâncias, inclusive, eram o mais incômodo espinho – *que quanto mais se sofre com o mal que está fora, tanto mais se sente satisfação por dentro*. Ainda que ele corresse o risco de perder o pé, ele não cuidava em nada disso, pois contava cada perda que sofria no corpo como um ganho para o espírito, pois ele amava tanto a sua dor que, nela, ele encontrava a segurança de sua alegria. Estéfano Líbio, num estado muito mais miserável ainda, a tal ponto de podermos quase dizer que estava morto antes de morrer, antecipou a podridão e o fedor da tumba, sobrevivendo a si mesmo por sua paciência. Este grande homem, maior do que a Natureza, com uma constância, sem dúvida, acima do que se possa imaginar, e em quem os milagres da Graça não diminuem em nada a admiração que merece a sua virtude, não interrompeu o seu trabalho e não deixou suas mãos ociosas enquanto ocupava as mãos do Cirurgião: dobrava folhas de palmeira para fazer diversas obras, se entretinha familiarmente com sua assistência e, por mais excessiva que fosse a sua dor, ele não perdeu em nada o bom humor e não era ocioso nem lamentador. Tendo que ter membros inteiros cortados, ele não se emocionava mais do que quando lhe cortavam os cabelos, ou do que quando lhe tiravam as roupas. Não deveria ele ter, pelo menos, algum sentimento de complacência por aqueles que a piedade tornava mais sensíveis a seu mal e que sofriam ainda mais do que ele, visto que sofriam na parte mais tenra deles mesmos (eles recebiam golpes de tesoura no coração enquanto ele os sofria em seu corpo)? Ele estava bem senhor de si, ou melhor, muito em posse de sua dor, não

desejando que ninguém tomasse parte dela. Não sei se posso dizer assim, mas acredito que havia muitos homens neste grande Homem, ao vê-lo fazendo ações tão diferentes e contrárias ao mesmo tempo: agir, falar, sofrer, se alegrar, se desfazer tão bem de todos os deveres da vida civil e, acima de tudo isso, fazer de suas dores apenas um jogo que apenas ele deveria enfrentar e que, por ele, era considerado tão leve. Recolhamos, após estes exemplos, aquele que nos apresenta um sexo frágil e tímido – uma Virgem – que, sem outras armas além de seu corpo sem pele e, em alguns pontos, sem carne, impressionou seus carrascos e lhe imprimiu temor e admiração por sua coragem. É a generosa Esperança<sup>92</sup>, cujo próprio nome era uma promessa da posse do Céu. Este esqueleto vivo e glorioso, tendo por máxima este paradoxo para aqueles que já tiveram em posse de uma tão grande constância, *que não há nada de mais doce e agradável do que o sofrer*, não foi forçada a sofrer os mais cruéis tormentos que o Tirano Antíoco lhe fez suportar<sup>93</sup>. E certamente seu endurecimento, se assim podemos nomear o mais excelente efeito da virtude, foi grande assim porque ela sabia bem que a maior vantagem que este mundo pode dar é extremamente inferior à glória de sofrer por amor de Deus e de sofrer com Ele. Ela começou, naquele momento, a tomar posse do Céu estando ainda na terra. Adquiriu, ainda viva, uma herança da qual ela só teria direito após esta vida e de uma maneira contrária àquela do mundo, que deixa como herança apenas a morte mesma. E visto que não é a carne e o sangue que possuem o Reino do Céu, poderia ela encontrar algum obstáculo não tendo mais nem um, nem outro? É ainda melhor dizer que, antes de sua morte, o Céu foi sua herança e que, depois, ela foi a herança do Céu. O que mais nos é necessário para nos persuadirmos inteiramente desta verdade, que a constância se sobrepõe a todas as coisas, que não há nada de mais forte do que o espírito que possui sua felicidade, que nada é capaz de abalá-la ou de tirá-la de seu lugar? Será que nós daremos esta vantagem aos tormentos, cuja violência mais cruel é apenas destruir nosso corpo e que nada poderia fazer contra o estabelecimento da alegria? Tudo isso, até mesmo a morte, não deve nos fazer medo, visto que o maior mal que isso nos pode fazer equivale a tirar a roupa para deitar na cama.

#### QUARTA PROLEPSE

##### *A alegria é resultado de uma arte*<sup>94</sup>

Eis-nos felizmente desenganados da crença que poderíamos ter de que as coisas que estão fora de nós produzem nossa alegria. Justificamos plenamente que um tão nobre efeito não lhes pertence e que deve vir absolutamente de nós; que as coisas que estão fora de

<sup>92</sup> Mártir cristã do segundo século; filha de Santa Sofia, irmã de Pistis (Fé) e Ágape (Caridade), chamava-se, na verdade, Elpis (Esperança, em grego), foi martirizada no ano 137, em Roma, quando tinha por volta de 10 anos de idade, lançada numa fomalha.

<sup>93</sup> Não encontramos referências a este personagem; no original latino, Nieremberg, faz referência a outros personagens e, na verdade, compara o sofrimento de Santa Esperança a de outros personagens: “*Uma vivens, medicam, cadáver fuit, sed sceletus carnibus denudata. Sine membris, nisi cum membrorum medullis, ossibus constabat, & quod mireris, constans. Non potuit palinodiam extorquere Antiochus inauditi Stoicis, Cynicis, Gymnosophistis, patientiae iactoribus, Paradoxi: Nihil iucundum quam pati, verissime cum pro Deo, & cum Deo*”.

<sup>94</sup> Videl traduziu assim o título desta prolepse: “QUE cada um pode ser o Autor de sua alegria”. Traduzimos *factitium* por “resultado de uma arte” por parecer mais adequado, inclusive, ao argumento utilizado por Nieremberg. Ele quer dizer que a alegria é o produto que se consegue ao se aplicar a arte de conduzir a vontade.

nós não apenas não podem entrar na composição da alegria, como que também nosso corpo mesmo é supérfluo para este fim, e que apenas o nosso espírito é suficiente. O que temos que fazer agora é trabalhar em uma obra muito preciosa e necessária: levar todos os nossos pensamentos e todos os nossos cuidados para o estabelecimento de nossa felicidade. Devemos ficar encantados de aprender que o meio reside puramente em nós; podemos mesmo dizer que ele está em nossas mãos. Mas ainda que sejamos certos disso, não aproveitamos nada, nós deixamos degenerar o único instrumento próprio para esta obra porque não o empregamos; nós o tornamos inútil por causa de nossa preguiça. Todos os outros instrumentos dos quais nos servimos são incapazes de uma operação tão alta, são defeituosos e inúteis. Por que é que deixamos ociosa a nossa Vontade – a verdadeira, a digna causa de um tão excelente efeito? Por que é que deixamos ociosa a nossa Vontade – a única a quem é dado o poder de fazer a alegria? Qual a vantagem em ser suficientemente poderoso sobre nós mesmos para querer as coisas que nos são motivo de salvação? Nós não devemos estimar menos a Vontade do que aquilo que a pode produzir. E, sem dúvida, na medida em que temos liberdade para amar, temos também o poder de produzir o objeto de nosso amor. Por esta excelente liberdade, nos tornamos os árbitros de nossa paz e de nossa alegria, nos tornamos os operários mesmos de nossa paz e de nossa alegria, adquirimos uma felicidade muito mais perfeita, pois vem de nós e não de outros, pois nós a temos como propriedade e não como empréstimo – como é a alegria que as coisas nos oferecem, que, podemos dizer, não valha mais do que a miséria. A alegria e a tristeza não vêm a nós com violência e não ocupam o nosso espírito forçosamente; elas acompanham a Vontade, elas são suas seguidoras, por assim dizer, mas elas não são menos livres do que a Vontade. Quem não poderá ser feliz? Eu vos pergunto. Quem não quererá estar na posse da alegria? Se ela se encontra mesmo no mais baixo e infeliz degrau da condição humana, nas mais audazes perseguições do desejo, em meio das maiores misérias e, para dizer tudo, se os Escravos a conservam para si nos incômodos e nos tormentos e só a perdem quando perdem a vida? Este Bárbaro, de quem não conhecemos o nome<sup>95</sup>, mas de quem a glória é tão conhecida, que, por um exemplo de fidelidade rara e sem igual, sacrificou sua vida para vingar a morte de seu senhor, não apenas não se espantou com os suplícios que lhe haviam preparado, mas espantou, por sua segurança, a crueldade mesma de seus carrascos. Quando eles colocaram as mãos sobre ele, estremeceu de alegria e começou a rir tão fortemente que parecia que eles eram bufões e o aparelho de sua morte uma comédia. Se um infeliz cheio de correntes, que não tinha nada de livre além de sua vontade, brincou com aquilo que há de mais terrível, se não temeu em nada a morte, se a desprezou, se a venceu apenas com a grandeza de sua coragem, qual é a calamidade, qual é a dor que nos poderá arrancar a alegria? Por qual rude e poderoso traço a má fortuna poderá nos abater, se resistirmos a ela corajosamente e opusermos a ela uma firme resolução? Passemos do mais baixo nível que possa existir entre os homens para um mais eminente: acrescentemos o exemplo de um soberano de nascença àquele de um sujeito abjeto e servil. Gelimero<sup>96</sup>, Rei dos Vândalos, vencido pelo Imperador Justiniano, e levado por ele mesmo, junto com toda a sua família, em triunfo, conservou tão felizmente a tranquilidade de seu espírito que, tendo estourado de tanto rir quando lhe colocaram correntes, pensaram que a miséria de sua condição lhe tivesse perturbado os sentidos; mas deixou bem claro que estava perfeitamente são, dizendo

<sup>95</sup> No original latino, Nieremberg escreve: “*Barbarus ille, (excidit aliud nomen, non potuit excidere gloria,) Hispanus ille obruncator Asdrubalis, domini ultor, posthuma (rara avis) fide, qui retina vit nomen immortales in enomine, comprehensus, inter cruciatus ipsos risu exultabat*”.

<sup>96</sup> General-rei de origem germânica que, com suas tropas, invadiu territórios que pertenciam ao Império Romano – a Hispânica Bética, que hoje equivale ao território espanhol. Foi derrotado no período do governo de Justiniano I (483-565), numa campanha liderada pelo general Flávio Belisário (505-565).

que ria da extravagância da Fortuna que, de Rei, o havia feito um Escravo. Certamente, foi a gota d'água para a Fortuna ver-se ridicularizada por aquele que ela pensava ter colocado em desespero. O que poderemos nós, depois disso, temer dela, visto que seus mais violentos esforços fazem com que ela nos pareça ridícula e nos force a rir não somente quando ela ri de nós, mas também quando ela nos persegue? Para não mentir em nada, visto que seu furor é, para nós, muito mais matéria de desprezo que de temor, não nos será nada difícil conservar nossa alegria nas mais fortes tempestades que ela possa nos suscitar.

O que estimaremos mais, eu vos pergunto, leitores, a liberdade de amar e de odiar as coisas; ou o poder de fazê-las e de possuir, em seguida, o que seria o objeto de nosso amor? Se desejássemos um lindo Palácio e não tivéssemos necessidade de outro Arquiteto que nosso desejo e nossa própria imaginação para construí-lo, como se fosse o raro efeito das mais sublimes ideias da Natureza e da Arte, como se fosse seu milagre que, pela riqueza de sua matéria, pela beleza, pela variedade de seus ornamentos, ultrapassasse tudo o que se vê de mais magnífico entre os edifícios. Se quiséssemos que ele fosse acompanhado de um delicioso jardim, onde a diversidade dos compartimentos, enriquecidos de todo tipo de flores, disputasse com as fontes, as alamedas e os canais, a ponto de encher os olhos. Se desejássemos tesouros e, ao mesmo tempo, desejássemos que a terra produzisse tão abundantemente para nós que nos fosse até mesmo difícil transportar tudo o que produzisse, a ponto de nos sobrecarregar. Em uma palavra, se nossas conquistas fossem muito maiores do que nossas expectativas. Fiquemos sabendo que este tão inesperado e tão absoluto poder de tudo realizar, este Caduceu que acreditamos ser responsável por trazer a paz ao nosso espírito seria infinitamente menor do que esta excelente liberdade de amar e de odiar as coisas. Não existe nada além da nossa vontade que seja absolutamente capaz de nos satisfazer. Ela, sozinha, constrói nossa alegria e, de maneira rara e maravilhosa, ela a compõe exclusivamente a partir da moderação. Não é necessário, para isso, nem palácios nem tesouros; ela não precisa ajuntar bens, pois todas as coisas do mundo lhe são supérfluas. A regra que Deus lhe prescreveu faz com que ela tenha a posse de tudo. Este é o verdadeiro caduceu que põe fim, que acaba com a guerra que o apetite excita em nós. E se diz, muito corretamente, a respeito de nosso Salvador Jesus Cristo, *que ele despojou Mercúrio de sua vara de ouro e de seus calcanhares alados; ele fez sair de Sião a vara de seu poder*. Certamente que aqueles que desprezam as coisas do mundo podem se crer muito mais ricos – mesmo que, aparentemente, não pareçam merecer tal título – do que aqueles que, efetivamente tudo possuem. Eles possuem as coisas integralmente, gozam, sem algazarra e sem nenhuma inveja, de uma felicidade pura e perfeita. Foi uma muito pequena glória a desse Imperador Romano<sup>97</sup> que se vangloriava *deter sido tudo*. Aquele que sabe reger seus desejos pode, muito mais justamente, dizer isso de si, visto ser de fato tudo e, de tal forma encerrado em si mesmo, que nada lhe falta. Este Imperador acrescentava: *eu fui tudo, mas isso me é inútil*. Digamos o contrário: eu sou tudo e isto me é muito vantajoso. Hípias<sup>98</sup>, esse famoso Sofista que, por um sentimento bastante razoável, estabeleceu a alegria no se contentar com o que é suficiente para a vida, tendo ido aos jogos Olímpicos em Pisa, deixa ver a inteligência que tinha de todas as Artes ao mostrar publicamente as provas de que ele mesmo havia feito, com suas próprias mãos e sem recorrer à ajuda de nenhum

<sup>97</sup> No texto latino, Nieremberg refere-se a Lúcio Septímio Severo (146-211), que foi imperador de Roma entre os anos de 193 e 211.

<sup>98</sup> Refere-se ao sofista Hípias de Elis, que viveu no século V a.C., contemporâneo de Sócrates e Protágoras. Tudo o que se conhece sobre esse filósofo se encontra em alguns diálogos de Platão – *Hípias Menor* e *Hípias Maior*. Era também matemático.



artesanía, suas roupas e todas as coisas que cobriam sua pessoa. Nós não precisamos de forma alguma dessa capacidade universal, visto que nossa vontade sozinha nos dá tudo. Por ela, temos todos os bens, e com ainda maior vantagem, já que não nos custa nenhum esforço. Ela nos abastece, ela nos enriquece de todas as coisas; ela pode nos preparar uma festa ainda mais magnífica do que aquelas que os antigos Persas faziam para o Sol. A glória desse Sofista foi não ter precisado da ajuda de ninguém; ele foi louvado por ter sido sozinho o autor de tão diversas obras; mas será que ele pode dizer de si mesmo que não pegou emprestado de ninguém a capacidade industriosa de fazer essas coisas? Será que a Fortuna não lhe terá fornecido matéria? Será que ele não recebeu da Natureza o tempo necessário para se dedicar a isso? Certo, nós nos damos muito mais coisas do que, de fato, queremos. Temos, a partir disso, sem nenhuma atenção mais acurada, aquilo que solicita demais, aquilo que não se conserva sem inquietude, aquilo cuja posse é cheia do temor da perda. Aquele que, tendo se elevado de uma baixa condição a uma alta fortuna, se lamentava do favor de seu Príncipe como se lamenta de uma conspiração feita contra seu repouso, esse não ignorava em nada essa verdade. E, para falar de forma mais saudável, pergunto: no que aqueles que possuem as riquezas são diferentes dos que temem as emboscadas de seus inimigos, já que aqueles, como estes, vivem numa constante desconfiança, já que uns e outros são sempre impedidos de dormir? O que mais poderíamos esperar da magnificência dos Palácios, da beleza dos jardins, da abundância dos tesouros, do que a alegria? Nossa vontade, porém, a adquire para nós, não somente sem nada dessas coisas, como também livre dos cuidados que, normalmente, acompanham a posse dos bens. E tenhamos claro que quem se liga ao amor pelas coisas perecíveis não conseguirá evitar, por uma fatal necessidade de sua condição, ser duplamente infeliz, mesmo que ele as deseje e delas goze, mesmo que ele obtenha, ou não, a realização de seus desejos; quando ele as tem em posse, o que ele tem a dizer entre ardendo de ambição e paralisado de medo? Pouco importa se o veneno pareça bonito numa taça de ouro ou num vaso de argila; o apetite não dá menos trabalho para quem é por ele possuído do que a apreensão dá a quem possui. É por isso que a vontade bem dirigida e pura, que não deseja nada, vai, sem dúvida, muito mais diretamente para a felicidade do que aquela desregrada e que goza do efeito de seus desejos. Muitas vezes, a primeira está segura de atingir o objetivo, enquanto que esta última não chega nunca. Não pensemos que é sempre feliz aquela que é plena, mas, pelo contrário, aquela que é vazia, quer ser assim e não pretende se preencher.

A mesma alegria que ela recebe da posse das coisas, pode extrair do desprezo dessas mesmas coisas, na medida em que não estão em seu poder; na medida em que ela muda de paixão, mudou de felicidade. Ainda que, aparentemente, não tenha aquilo que é necessário para estabelecer a felicidade – e, com efeito, não tem menos –, ela tem tudo aquilo que é necessário para se recompor e se satisfazer. Certamente, a Fortuna não seria capaz de nos causar a dor para a qual não encontraremos, aqui, o pronto e infalível remédio. Na medida em que a Fortuna se declara contra nós, e em que nós a vemos preparada a nos fazer mal, pratiquemos esta excelente estratégia: passar de um desejo a outro, formando um desígnio contrário àquele que ela atravessa, mudando a guarda, por assim dizer. Assim, nós a faremos perder suas medidas, nós a colocaremos fora da esgrima, ela se encontrará na desordem onde ela pensava nos colocar. Permaneçamos inteiramente persuadidos desta verdade: que quando estamos diante das coisas, está em nosso poder igualmente amá-las ou odiá-las. Temos a liberdade de tomar o partido que quisermos. Podemos ficar contentes tanto de não as ter, quanto de obtê-las. Se não está em nosso poder as ter, não temos que as possuir; e isso deve ser, para nós, igual que as possuir. A moderação do nosso apetite pode ser, para nós, um grande bem que a Fortuna

nos concede – ela não tem outro tesouro comparável a este. Nós já não teremos experimentado que, frequentemente, é pior perder um bem do que não conquistá-lo, que é mais fácil desprezar um bem que adquiri-lo? Por que, então, somos tão cegos a ponto de não ver que é melhor escolher aquilo que nos faz menos mal, aquilo que não apenas não nos incomoda como também nos é mais vantajoso? Ainda que a maldade da Fortuna possa agir contra nós, sempre nos resta um caminho para ir até à felicidade; o acesso a ela nunca nos é impedido; se o caminho que conduz à posse das coisas está fechado – como é o mais frequente –, nós temos a via do desprezo que está sempre aberto e livre. Não é verdade que saboreamos melhor a doçura da fruta sem sua casca? Por que, então, não saborearíamos a alegria sem as coisas? Estando seguros, como já estamos, de que não é nelas que a alegria consiste, e de que não podemos pretender nada delas, podemos dizer que as coisas são apenas o envelope, a casca, a cobertura. Sem dúvida, o prazer se segue à paixão e não está em nada ligado às coisas. Não está, pois, na posse ou na privação das coisas a consistência da vontade, pois ela nem as abraça nem as rejeita. Se existisse um homem tão feliz a ponto de adquirir tudo o que visse, ele não seria mais feliz do que aquele que não desejasse nada do que visse. Certo, possuir é uma verdadeira felicidade na medida em que a posse fosse firme e constante, e que não fosse seguida dos movimentos da fortuna, e portanto não estivesse à mercê de seus caprichos e ligeirezas. Que necessidade é essa que nos faz correr atrás do primeiro objeto que o nosso apetite nos apresenta? Não vale mais a pena nos ligar a uma alegria tranquila? Àquela alegria que não teme nenhuma agitação nem problemas; àquela alegria que temos dentro de nós, que vem da paz do espírito, que nos eleva até ao Céu e nos torna companheiros mesmo de Deus. Em poucas palavras: àquela alegria que um grande Santo<sup>99</sup> nomeou de forma muito excelente como *uma imobilidade a todo tipo de ação*, como se quisesse dizer que aquele que a possui não vê nada além dela que mereça que ele se mova e interrompa, ainda que por um pouco, a tranquilidade perfeita de que goza. Com efeito, o que é a felicidade senão um repouso que nada pode incomodar, senão o último termo e, para tudo dizer em poucas palavras, a perfeição da quietude?

O quanto nos é fácil fazer inteira e rapidamente aquilo que o ambicioso Monarca<sup>100</sup> – que pensava que a terra não era suficiente para suas explorações – só fez pela metade e com bastante tempo e pena! O quanto nos é fácil conquistar o mundo e submeter todas as coisas ao nosso poder, desde que não as desejemos, ou ainda melhor, desde que as desprezemos! Certamente, sem fazer esforço ou muito barulho, sem nos tornarmos culpados pela ruína de tantos povos, e sem arrancar das mãos dos Reis seus cetros e seus tesouros, como fez esse Conquistador, somos mais poderosos e ricos do que ele foi, desde que regremos nossos desejos, desde que reprimamos nosso apetite, desde que nos contentemos conosco mesmos. Tudo o que temos a mais serve de matéria para a nossa magnificência: abandonemos tudo isso aos outros; nós somos pródigos de tudo; nós temos uma rara vantagem em relação a Alexandre, que só podia dar Províncias e, no máximo, Reinos, e nós damos o mundo inteiro; nós não nos satisfazemos com menos do que o Universo inteiro. Ele teve, assim, o pesar de ver que um Filósofo<sup>101</sup> antecipou todas as suas conquistas, teve o pesar de ver que ele, vencedor de tantas nações, foi

<sup>99</sup> No original latino, Nieremberg se refere a São Justo – “*Non sine magno sacramento apostolicus, & caelestis Vir, S. Iustus; cuius meminit divinus Lucas...*” – que viveu no século VII da era cristã, tendo falecido provavelmente no ano de 631. É conhecido como São Justo de Canterbury.

<sup>100</sup> No texto latino, Nieremberg se refere a Alexandre, o Grande (356 a.C.-323 a.C.).

<sup>101</sup> Refere-se, no original latino, a Diógenes de Sínope (c.404 a.C.-c.323 a.C.), filósofo cínico que viveu na Grécia.

constrangido a ceder a glória de seus triunfos àquele cuja ambição estava toda encerrada num barril; e para dizer em uma só palavra, teve o pesar de ver que Diógenes adquiriu muito mais coisas do que ele – que tudo adquiriu através de batalhas e do derramamento de tanto sangue –, de forma inocente e através da simples moderação de seu apetite. O que mais nos acontece depois de uma longa posse das coisas, mesmo daquelas que são as mais charmosas, do que o desgosto e o tédio? Nós já temos esse desgosto e esse tédio mesmo antes de possuí-las. Não as querer nem estimar, não as tocar e só olhá-las com desprezo vale mais do que gozar delas por muito tempo. O que acontece quando possuímos e quando não possuímos é a mesma coisa. Quantos Heróis secretos essa excelente liberdade produz? Quantos Alexandres muito maiores ela faz, simplesmente desprezando o mundo como se fosse uma conquista indigna de sua ambição, e preferindo sua alegria mais do que tudo aquilo que ele tem de riquezas, de forma que não é em nada tentada, visto que nem sequer lança o olhar sobre elas, lançando-os em outras coisas mais dignas? É nisso que a avareza tem – por imitação, em alguma medida, da virtude – uma vantagem maior sobre a Fortuna; seja porque aquela deseja muito mais do que esta é capaz de dar, seja porque é preciso muito mais favores e liberalidades da última para que se iguale em desejos e satisfações à primeira. Por que não quereríamos que a virtude tivesse a mesma vantagem de poder desprezar mais coisas do que a Fortuna fosse capaz de dar, e de reinar sobre ela através de generosos desprezos, assim como a avareza reina através de desejos infinitos? É da natureza dessa última nunca se saciar, desejar ainda mais coisas, mesmo quando parece que nada lhe falta e que ela possui todas as coisas já. Nossos desejos são como os números: não há nenhum que não tenha outro em seguida. E, a este respeito, aplicaremos o que Sêneca<sup>102</sup> disse a Nero<sup>103</sup> ao ver o furor com o qual ele perseguia todos aqueles que ele suspeitava de aspirar ao Império: *ainda que consigas matar a muitos, não conseguirás matar o teu sucessor*<sup>104</sup>. Assim, mesmo que nosso apetite obtenha muitas coisas, ele nunca se contenta, ele exige ainda mais coisas. Pelo contrário, a virtude é muito satisfeita de si mesma; ela delimita, ela encerra em sua própria posse todas as suas esperanças e todos os seus desejos. Será que isto não é suficiente para provar que a verdadeira alegria consiste somente na liberdade de amar e odiar as coisas? Sem dúvida, há muitas pessoas cuja felicidade seria maior se sua fortuna fosse menor, há muitas pessoas que seriam muito mais satisfeitas não tendo bem algum, do que há outras que o são por terem bens depois de terem sofrido por muito tempo para desejá-los e adquiri-los.

Por que nós nos lamentamos com o fato de que as coisas mudam e passam? É certo que as que mais nos alegram nos seriam desagradáveis se fossem fixas e permanentes. Imaginemos um homem com quem a Fortuna tenha se associado de forma perpétua e não se separasse dele de forma alguma, mais cedo ou mais tarde, ela lhe seria importuna e, sem dúvida, ele teria problemas. O famoso Tirano de Samos possuía o favor da Fortuna no mais alto grau que se possa desejar; teve razão quem afirmou que *ela tinha por ele as ternuras que uma Mãe tem por seu filho único; que o tratava da mesma maneira; e que o resto daqueles para quem fez algum bem era considerado apenas como filhos de outro leito; enquanto que a ele, ela tratava como uma criança para ser amamentada*. Um tratamento tão bom e constante o aborrecia, dava desgosto; uma felicidade tão constante e equânime era um peso; ele quis ou se desfazer da boa

<sup>102</sup> Trata-se de Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 d.C.), filósofo estoico romano, filho de Sêneca, o Velho. Foi preceptor de Nero (37-68), filho de Agripina (neta de César Augusto) e de Cneu Domício Enobarbo.

<sup>103</sup> Nero Cláudio César Augusto Germânico foi imperador de Roma entre 54 e 68 da era cristã.

<sup>104</sup> No original latino: “*Licet plurimos occidas, at tamen non potes successorem tuum occidere*”.

sorte ou, pelo menos, interromper o seu curso: jogou no mar um de seus mais preciosos anéis, a fim de que a evidente impossibilidade de o reaver lhe desse, pelo menos uma vez, o prazer de não ser feliz. Mas, ele não pode ter esse prazer: o anel voltou para suas mãos, tendo sido encontrado no ventre de um peixe que devia ser servido em sua mesa. Ele o tinha perdido voluntariamente, mas o reencontrou contra a sua vontade. Ele tentou, inutilmente, lutar contra a Fortuna: ela se reservou, inclusive, o direito de mostrar-lhe outra vez os seus efeitos. De todos os homens que já houve dos quais ela se encarregou de cuidar, ele foi o único que, contra o seu costume, ela procurava publicamente, perseguiu e correu atrás com todas as suas forças, por assim dizer. Porque, costumeiramente, ele quer que aqueles que pretendem receber suas boas graças, e que podemos chamar de seus amantes, lhe rendam todos os cuidados e deveres, que eles a sigam e a busquem. Às vezes, ela lhes decepçiona, mistura um pouco de amargura às suas esperanças, para lhes fazer, em seguida, achar que suas carícias e favores são mais doces. Imaginemos ainda que ela tenha sido obrigada por alguém a conseguir o sucesso de seus desígnios pessoais; seria uma espécie de miséria ver que sua felicidade está ligada a si mesmo e às coisas, portanto, que vêm de fora de nós, e não poder nunca mais se separar delas. Certamente seria uma tremenda má sorte não poder ser triste. Muitas pessoas sofreriam com muita dor uma felicidade perpétua. Muitas pessoas sentiriam como algo infeliz e insuportável aquilo que o mundo estima como o máximo da felicidade, como comandar soberanamente, carregar uma coroa... Essas pessoas entendem como uma grande tristeza uma felicidade desse tipo, elas se criam miseráveis por se tornarem Reis. A vontade livre vale, portanto, mais do que a prosperidade necessária, e a felicidade é ainda maior quando desprezamos a Fortuna mais do que os Reinos. Muitos recusaram os Reinos; outros, não tendo podido recusar, se descobriram extremamente infelizes, ao mesmo tempo em que o foram de fato. A miséria não engana ninguém, ela se encontra verdadeiramente onde se acredita que ela esteja; e sem dúvida é-se miserável desde que se imagine que o seja. Por que não acreditamos que a miséria é mais feliz – se é que podemos dizer dessa forma – do que a felicidade necessária? Sobretudo nós que sabemos – como já sabemos – que Genúcio preferia se banir de Roma do que reinar sobre ela; ou que Gordiano só aceitou o Império sob muita pressão e com o punhal na garganta. Ele cria que o comando soberano era a pior coisa do mundo, e que a boa sorte era a maior infelicidade. Ele teve que decidir entre o punhal e o Cetro, entre a morte e a Realeza; sobre aquilo que ele deveria fazer ele duvidava do partido que deveria tomar. Para dizer de forma mais saudável – e não pararmos no sentido corrompido do homem – é exatamente aqui onde há lugar para deliberação e dúvida, e isso não pode ser diferente de uma grande tristeza: ver o destino e o Império concorrer em uma só pessoa com uma igual necessidade.

Encontraremos, sem dúvida, bastantes exemplos para justificar esta verdade; e antes de tudo, não temos motivo para nos espantar com aqueles cujo conhecimento não para em nada como o conhecimento do povo que, normalmente, para diante da simples aparência das coisas e não consegue penetrar o fundo mesmo das coisas, não vendo que o esplendor das Coroas esconde espinhos, que não há nada de mais pesado do que um Cetro e todo o enorme esforço que se faz para mantê-lo. Mas, sempre veremos como uma grande maravilha que uma pessoa de um sexo para o qual a ambição não parece menos natural do que a vida, tenha não somente não se deixado incendiar pelo brilho das honras soberanas que lhe foram oferecidas, mas tenha tido a coragem de as rejeitar e as tenha evitado com uma constância invencível. Os Portugueses, querendo se assegurar da conquista das Ilhas

Molucas – e seu destino tendo sido mesmo este – e entregar a Coroa de Ternate<sup>105</sup> a um jovem garoto de dez anos, escolhido entre as mais nobres famílias do país, foram pedir à sua mãe que, inicialmente, recusou e, vendo-se pressionada até onde podia e resistindo por muito tempo com as armas típicas de seu sexo – orações e lágrimas – até ao ponto de beijá-los com todas as suas forças, não querendo mudar de opinião de forma alguma, obstinada a ponto de parecer pouco razoável e até mesmo injuriosa, irritou-os de tal forma que, passando da dor à violência, eles arrancaram dela, de uma só vez, seu filho e sua vida. Ela preferia morrer a se resolver por sofrer em vê-lo Rei; visto que, seguramente, para dizer de forma mais exata, uma felicidade necessária é uma miséria infalível. Certamente a ambição desta mulher, Bárbara, vale mais do que a de Agripina<sup>106</sup>. Esta última preferiu a felicidade de ver seu filho se tornar Imperador, do que a própria vida. Enquanto que a primeira, por um sentimento contrário e, sem dúvida, mais razoável, preferiu sua própria morte mais do que o desprazer de ver seu filho sendo coroado. Ela acreditou que se tornaria culpada, com isso, da infelicidade de seu filho; ela o amava demais para consentir com sua ruína. O Patriarca Jacó<sup>107</sup>, tendo sabido que seu filho José, que ele cria morto, não estava, teria sentido uma grande alegria por não ter que pagar com sua vida, não fosse o fato de ter, em seguida, descoberto que ele era muito poderoso entre os Egípcios. Pensar-se-ia que sua alegria cresceria, mas diminuiu. Era suficiente saber que seu filho estava vivo, bastava isso, mas ele se afligiu ao saber que ele reinava. Esta segunda novidade foi uma correção para a primeira. Ele descobriu que a Grandeza, que quase sempre tem como companheira a licenciosidade, não mudou as boas inclinações de seu filho e não corrompeu a integridade de seus costumes. Ele tinha medo de que sua prosperidade fizesse com que sua inocência se perdesse. Ele tinha motivos justos para temer que a Fortuna o provasse com seu ódio e seus favores, como normalmente ela faz; que ela não lhe fosse propícia e que, segundo seu costume, ela só o tivesse elevado para fazê-lo precipitar-se. Ele não pôde, talvez, receber separadamente essas duas notícias sem sucumbir à alegria ou à tristeza, sendo que esta última moderava a primeira. Assim, ele evitou os inconvenientes nos quais ela poderia fazê-lo cair também.

Vale mais, portanto e sem dúvida, que a Fortuna seja livre na disposição de seus bens, e que nos conceda aquilo que mais lhe agrada, do que nos conceder bens segundo a nossa fantasia. É infinitamente mais vantajoso para nós que ela nos distribua seus bens segundo a sua discricção, do que nos deixar eternamente gozando de seus favores, fazendo-nos solene promessa de nunca os pedir de volta. Certamente seremos indignos de seus favores se não reconhecermos que se ocupa abundantemente de nós. É preciso admitir que ela nos dá muito; mas, por mais liberal que nos seja, a Vontade é muito mais vantajosa para nós, visto que esta última nos dá tudo aquilo que nos é necessário, e faz com que não sintamos necessidade de nada. Ora, há muito o que dizer entre ter muito e ter o suficiente. Aqui estão os limites do apetite, que são, para este último, apenas o primeiro prato. O apetite irrita incessantemente consigo mesmo; está numa constante busca e numa avidez perpétua; o último bem que ele obtém sempre o excita a buscar um novo. Todas as partes de um corpo infinito se encontram igualmente distantes do fim; e como as extremidades

<sup>105</sup> É uma ilha vulcânica do arquipélago das Molucas, na Indonésia. Os portugueses chegaram à ilha em 1512, e viveram relações tensas com os seus habitantes. Em 1535 o sultão Tabariji foi deposto e a ilha passou para as mãos da Coroa Portuguesa, que deteve o domínio sobre Ternate até o ano de 1575; ndt.

<sup>106</sup> Mãe do imperador Nero, conhecida como Agripina Minor, ou Agripina, a Jovem.

<sup>107</sup> O terceiro patriarca da Bíblia, filho de Isaac e Rebeca, irmão gêmeo de Esaú, e neto de Abraão; teve doze filhos e uma filha: Rúben, Simeão, Levi, Judá, Dã, Naftali, Gade, Aser, Issacar, Zebulom, José, Benjamim e Diná.



não estão em lugar algum, o meio está em todos os lugares, cada pedaço, cada ponto é o centro. A extensão de nossos desejos é tão vasto que podemos dizer, seguramente, que é infinito. Todo o progredir do apetite não a leva a parte alguma, ele sempre está no primeiro degrau, ele sempre começa. Depois de ter tido muitas coisas, ele ainda exige; depois de uma parte, ele quer a outra; ele não é contente; ele quer tudo. Ele pode estar todo preenchido, e ainda assim não estará saciado. Quando parece que ele tem o bastante, ele acha que não tem nada. Nossa vontade é feita de uma forma muito perfeita: quanto mais ela é restrita e apertada, mais ela abraça coisas; menos ela é capaz, mais ela recebe. Não há nada que mais mostre a capacidade de um pintor do que reduzir uma grande figura sem lhe fazer perder nada de sua aparência, e nada eliminar de suas justas proporções. É a excelência da Vontade que torna pequenas todas as coisas; reduz nossa alegria sem nada diminuir de sua grandeza. Ela tem uma virtude infinitamente mais maravilhosa do que a daquele famoso anel por meio do qual um Pastor se tornou Rei da Lídia<sup>108</sup>. Todas as vezes que ele girava o engaste do anel para dentro de sua mão, ele se tornava invisível e protegia-se de seus inimigos; mas quando ele girava no sentido contrário perdia esse excelente privilégio. Sem dúvida, se nós nos mantivermos em nosso apetite, escaparemos da vista da má sorte: não só não nos acontecerá mal algum, como também conseguiremos adquirir toda sorte de bens; e nos elevaremos a uma condição mais eminente do que a dos Reis. Mas, se nós deixamos o apetite ir para fora, nós nos entregaremos como presas da miséria; tornaremos-nos infelizes. Certamente, aquele que reprime seus desejos recolhe disso esta rara vantagem: conservar inteira a sua felicidade, possui-la sem temor e sem desordem, em meio às mais violentas agitações, em meio às mais fortes tempestades, que a maldade da Fortuna sabe nos suscitar.

Não teria sido seriamente e segundo a dignidade de seu ministério que o Grande Apóstolo [São Paulo] exortava os habitantes de Tessalônica a se alegrarem sempre? Estaria ele os coagindo a algo tão difícil que eles não seriam capazes de realizar? Estaria ele lhes dando um conselho cuja prática seria impossível? Estaria ele imaginando que eles eram deuses para terem esse raro privilégio de nunca sentir dor, nunca serem incomodados por nenhum mal, possuir uma alegria que não tivesse interrupção ou desordem? Esse não era, de forma alguma, seu pensamento; ele sabia que eram homens e, conseqüentemente, sabia que eram incapazes, por si mesmos, de uma tão alta prerrogativa; homens enfermos e mortais, incessantemente expostos às malícias da inveja, aos enganos de seus inimigos, ao furor das perseguições, a todas as injúrias da Fortuna, que não apenas é especializada em gastar todas as suas energias contra eles, como também acrescenta vaidade, malícia e ostentação ao que faz. Teria ele acreditado, então, estar fazendo Epicuristas, ou para bem dizer, criando Cirineus que se protegem da tristeza através do prazer e que buscam na Volúpia os remédios para a dor? Ele sabia bem que estava falando aos discípulos de Jesus Cristo, àqueles contra quem, além dos males ordinários da vida, se elevavam poderosíssimos e perigosíssimos inimigos, seus próprios parentes, o mundo e o inferno. Sabia que, segundo a regra que haviam recebido de seu mestre, e segundo o fervor com o qual eles tinham abraçado sua doutrina, deviam renunciar absolutamente à Volúpia, estavam obrigados a se desfazer da posse de todos os seus bens. Sabia que estava falando a um povo que estava numa violenta e geral opressão, entre aqueles cujos suplícios contínuos não seriam capazes de satisfazer a crueldade dos Tiranos, e onde a perda de uma parte não causava a saúde da outra. Acreditou que, em meio a tantas misérias nas quais eram

<sup>108</sup> O “Anel de Gyges” é um mito descrito n’A *República* de Platão. Segundo a lenda, esse anel tinha o poder de tornar seu usuário invisível. Gyges, um pastor da Lídia, valendo-se desse poder, seduziu a mulher do rei e, junto com ela, matou-o e assumiu o poder.

acolhidos e ameaçados, não poderia aconselhar nada de mais necessário e mais razoável do que não se abandonarem à tristeza e se alegrarem incessantemente. Isso, certamente, é obra apenas do espírito; somente ele pode nos dar esta contínua alegria. Como ele poderia não nos dar essa alegria se ele só tem necessidade de si mesmo para formá-la? Se ele não somente está acima dos mais violentos esforços da Fortuna e fora do alcance de seus mais duros golpes, como também de sua visada? Seja lá o que a Fortuna possa fazer, não tem nenhum Governo sobre nós. Por um raro privilégio do qual o espírito não poderia se desfazer, ele conserva uma alegria imortal. Por meio dele, o homem, antes frágil e mortal, adquire a vantagem de se elevar à condição dos imortais.

É através das indicações que a Filosofia dá ao espírito que ele chega a esse ponto. É a Filosofia que faz com que os homens sejam como deuses. Aqueles que têm posse de um tão alto e nobre estudo, são nomeados por um sábio da antiguidade Deuses mortais<sup>109</sup>. Ele os chama Deuses por causa da conformidade que eles têm com a natureza divina; mas ele acrescenta a isso a condição mortal; ainda que eles pareçam não ter mais ligações com a matéria e viver como quem não está sob a jurisdição da morte, eles estão sujeitos às enfermidades da vida, eles não estão protegidos das injúrias da Fortuna – que, se deixando levar por suas impetuosidades e caprichos, e não sendo capaz de se controlar sozinha, atinge frequentemente os bons sem pensar a respeito e, às vezes mesmo, sem querer, e lhes faz mal muito mais por precipitação do que por desígnio. Digamos, sem nada deixar de fora, uma verdade que só foi dita pela metade: a mesma prerrogativa que dá aos Filósofos o nome de divinos lhes atribui, em seguida, o nome de imortais, visto que, elevando-se, através de um generoso desprezo pelas coisas da terra, eles não têm necessidade de nada, eles se bastam a si mesmos perfeitamente, eles se tornam soberanamente independentes, eles possuem, sem nenhuma desordem, uma tão alta e tão pura alegria que não pode haver nada de mais próximo da suprema felicidade. Não há nada de mais razoável do que acreditar que uma tão rara vantagem, como a de se assemelhar a Deus por causa desta absoluta independência, não deixe nada a desejar à imortalidade que é a consequência necessária, assim como acreditar que, na imortalidade, como no resto, a cópia goza do privilégio do original. Apliquemos aqui o pensamento de um Filósofo tal como nos chegou a partir de dois excelentes homens<sup>110</sup>. Segundo se conta, quando Fídias<sup>111</sup> quis terminar a estátua de mármore que ele estava fazendo em Pisa, na qual ele quis estabelecer a segurança da imortalidade de seu nome, a coroou, a ungiu com óleo e acreditou, assim, garantir soberanamente a eternidade de sua duração. Assim também, o grande Artesão do mundo quis tornar eterna a mais excelente de suas obras – aquele que ele formou com suas próprias mãos e que podemos dizer que seja sua obra-prima: ele derramou dentro dele e sobre a mais nobre das duas partes que o compõem um óleo puro e celeste que o conserva e o guarda da corrupção; derramou sua graça; o

<sup>109</sup> No original latino, aparece a referência a Hierócles, o Estóico (c. 120 d.C.), que se dedicou especialmente à moral, em sua filosofia na qual se podem encontrar elementos de Aristóteles, Platão e dos estóicos.

<sup>110</sup> No original latino, Nieremberg escreve: “*Usurpo hoc dictum Procli a divino Epiphanio, & Methodio traditum: quem ad modum Phidias, cum Pisaem simulacrum fabricasset, oleum circumpedes effundit ussit coram ipsa statua, exebore enim erat; ut ipsam immortalem conservaret*”. Refere-se, portanto, ao filósofo Proclo Lício (412-485), que viveu em Constantinopla e era adepto da escola neoplatônica. Quanto aos dois homens a que se refere Nieremberg, tudo indica que um seja Santo Epifânio (315-403) e o outro seja São Metódio (826-885). No entanto, parece haver um erro na referência proposta pelo autor, visto que Santo Epifânio viveu antes do filósofo Proclo a que se refere. O que nos faz acreditar que estamos, talvez, falando de São Cirilo (827-869), irmão de São Metódio.

<sup>111</sup> Fídias (c.490 a.C.-c.430 a.C.) foi um importante escultor grego.

marcou com um caráter que a injúria dos tempos respeita, que o torna inviolável e sobre o qual os tempos não seriam capazes de ter poder, mesmo sendo a causa e o princípio de sua ruína. Consideremos ainda os traços da semelhança que estes imortais Gênios têm com Deus: eles não temem nada da maldade da Fortuna – não mais do que temem a Ele –, eles estão protegidos injúrias da Fortuna, são felizes, ricos da posse exclusiva de si mesmos. Mesmo participando de uma constituição tão elevada e mesmo vendo abaixo de si os tronos dos Monarcas mais poderosos, eles estão tão firmemente estabelecidos que não sofrem nem a queda nem o abalo; gozam de uma paz que nada pode atrapalhar – uma paz que não está sujeita à ordem do destino, que não pode ser interrompida pela mudança ou pela vicissitude das coisas, pela presença mesma da morte. Que maravilha! Um homem frágil e enfermo, que pertence quase completamente à terra, que a calamidade persegue sem cessar, que está afligido, que está oprimido pela miséria de sua condição; esse mesmo homem pode não somente se separar disso tudo, como também pode alcançar sem nenhum desgaste aquilo que há de mais eminente. E para tudo dizer em poucas palavras, esse homem pode se fazer Deus por seu próprio destino e sem outra ajuda que a de sua Vontade apenas. Se há uma arte para chegar à Realeza, se o poder obedecesse a uma capacidade, e a força à indústria; se o espírito pudesse ser adquirido a preço de ouro ou por preceitos; com que cuidados, eu vos pergunto, nós nos dedicaríamos? Haverá alguém tão preguiçoso e relaxado para quem a aquisição de um bem tão precioso não o torne diligente e atrevido? Onde estará o avaro que não se torna liberal? Não há arte para isso. Não se trata de um segredo que não possuímos e que seja infalível para nos fazer Reis. Incomparavelmente maior é sermos Reis de nossas paixões e de nós mesmos, porque está em nosso poder nos tornarmos mestres do mundo e da Fortuna; está em nós a capacidade de nos tornarmos Deuses. Nós é que não queremos: não temos nem paixão nem sentimento por um tão grande bem. Onde estará o antigo ardor do primeiro homem que queria se tornar semelhante a Deus? Seu crime foi pretender sê-lo desejando uma inteligência igual à de Deus. Mas, o verdadeiro mérito é aspirar pelo amor e pela vontade. Adão pecou na maneira de desejar e não no desejo. Nós carregamos a pena de seu pecado, nós temos este desgosto pelo castigo de uma ambição desregrada. Deus dotou o homem de sua semelhança, como se ele fosse sua última e mais excelente produção, como seu bem amado Benjamim, como seu caro Benoni, como o filho de sua direita e de sua dor<sup>112</sup>, para dizer junto com Santo Hilário<sup>113</sup> que, ao dizer isso, eleva ao mais alto ponto a felicidade do homem, ou seja, ser filho da mão do Todo-Poderoso. O que, de fato, é muito mais feliz do que ser filho de sua paixão. Deus fez o homem com suas próprias mãos, mas ele o refez através de suas dores, Deus quis morrer para que o homem pudesse viver. Portanto, não apenas Deus não o abandonou, como, através da maior prova de Seu amor, lhe deu o meio de se fazer semelhante a Ele. E esse meio não tem nada que ver com a presunção de Adão, mas trata-se de uma maneira inocente e rara: pela moderação da Vontade. Certamente, a vantagem de ser conformes à Divindade, pela glória que temos de sermos Sua imagem, e pela graça que ela nos concedeu ao nos imprimir Seu caráter, ser-nos-ia bastante inútil se nós, em seguida, não tivéssemos o poder de A desejar e de A adquirir.

<sup>112</sup> Benjamim, em hebraico, significa “filho da direita”, no sentido de filho da força ou da virtude. Benoni, por sua vez, significa “filho da dor”. Segundo a narrativa bíblica (Gn 35, 18), Jacó mudou deliberadamente o nome dado por Raquel ao último filho que lhe nascera: “E, estando prestes a render a alma – porque estava já agonizante – ela chamou o filho Benoni; o seu pai, porém, chamou-o Benjamim”.

<sup>113</sup> Santo Hilário (?-468) foi o 46º Papa da Igreja católica.

## QUINTA PROLEPSE

### *No que consiste a alegria*

Estabelecemos suficientemente o que havíamos desejado verificar, ou seja, que está absolutamente em nosso poder nos tornarmos felizes. Não é mais possível haver dúvidas a esse respeito, isto é, que cada um de nós é o Autor e o operário de sua felicidade. Importa, antes de começar a nos esforçar para nos instruímos nos meios de adquiri-la, que saibamos no que consiste a alegria. É preciso aprender onde ela se encontra. A alegria é um certo silêncio do apetite, para quem a plena a satisfação de possuir o bem que ele desejou ardentemente não deixa espaço para pedir mais nada, permanecendo fechado como a boca para todas as demais coisas. É uma moderação, uma modéstia da ambição, que prescreveu para si mesma um confinamento e se encerrou dentro de limites. É uma prisão do apetite, que, então, não tem mais o poder de se elevar contra a autoridade soberana da Razão. É uma saciedade do coração sem nenhum desgosto; uma conquista, uma presa da Vontade; o ajustamento do espírito com as coisas; a união e, por assim dizer, o casamento do amor com seu objeto; um feliz reencontro daquilo que se procurava, a presença daquilo que se ama; a realização da esperança; o efeito do desejo; a posse do bem e, para tudo dizer em uma só palavra, um certo Basta. Não pensemos, com isso, que a alegria reside inteiramente nas coisas que estão fora de nós; apenas a metade dela está nas coisas; ela só toca as coisas levemente, com a ponta de um pé, por assim dizer. Ela só pode ser encontrada graças ao consentimento e ao acordo da Vontade, graças ao relacionamento e à correspondência que as coisas têm com a alegria, graças ao fato de ela ser contente e satisfeita. Esse é o soberano efeito da alegria: a perfeição e a satisfação. Ela consiste toda na plenitude da Vontade, que não seria satisfeita se restasse algo ainda vazio, se ela não tivesse aquilo que ela pode conter, se ela não obtivesse o que pode desejar. Certamente que não são as coisas: elas são incapazes de ocupar toda a extensão da Vontade, pois ela é tão grande e tão vasta que apenas Deus pode preenchê-la. Tudo aquilo que pudermos imaginar de maior e de mais eminente depois dEle, é muito pequeno para isso, é, sem dúvida, de uma baixeza e de uma desproporção extremas.

Talvez, estimemos a nossa vontade bem menos do que deveríamos, fazemos talvez pouco caso dela, não cultivando por ela sentimentos e o respeito que ela merece. Aprendamos que ela tem a vantagem de ter sido feita segundo o modelo mesmo da Divindade e, por isso, tem toda a Sua extensão. Assim, por mais que as coisas que os homens consideram de forma mais alta e honram como se fossem bens pudessem fazer alguma coisa, elas nunca se igualariam à Vontade, e tudo o que conseguiriam é se envergonhar de sua pequenez. Sem dúvida, se abrímos inteiramente o nosso coração, ele será ainda maior que tudo aquilo que pudermos colocar dentro dele. Que estranho seria se a roupa de um anão pudesse vestir um gigante! Se o Oceano estivesse seco, seria suficiente um pouco de água para enchê-lo? Esse abismo só poderia ser preenchido pela posse de Deus. Nossa vontade poderia se satisfazer com uma gota de mel, com um fio de vento, com um pedaço de barro? Não é assim que se devem nomear as honras, as riquezas e as volúpias? Certo, visto que ela foi formada num tão alto padrão, como é a Divindade, não é de se estranhar que tudo aquilo que seja menos do que Deus seja menor do que ela. Uma vez mais: como é que esse espaço infinito, esse vazio tão grande e vasto, nossa vontade, poderia se satisfazer com coisas vãs e vazias? Certamente ela não conseguiria se sentir satisfeita senão de Deus. Somente Ele, que é todas as coisas, tem a medida do nosso

coração. Se Ele não for suficiente, certamente as demais coisas todas serão ainda menos suficientes, visto que elas só poderiam enchê-lo por meio dEle, visto que Ele é todas as coisas juntas. Assim, portanto, nossa Vontade é extremamente extensa; é de uma capacidade e de uma grandeza tal que, para ela, tudo o que há de maior no mundo é muito baixo e muito pequeno; se eleva até ao Céu, pode se igualar à grandeza mesma de Deus.

Mas, ainda que somente uma posse tão alta seja capaz de contentá-la, ainda que ela só se preencha de Deus, e ainda que só possa tirar disso sua plena e perfeita satisfação, se não deixa de buscar sua satisfação nas coisas do mundo, ela pode mesmo encontrar nisso um prelúdio da soberana beatitude, desde que as siga sem a elas se ligar; pode se colocar num estado que pelo menos adoça os problemas desta vida, que compensa de alguma maneira as tristezas e os defeitos da condição humana e que, de certa forma, a sacia, já que não a pode satisfazer absolutamente. A tranquilidade do espírito se adquire dessas duas maneiras: ou quando o apetite se repousa inteiramente, quando não tem tentação e inquietude diante de coisa alguma, quando nada o agita ou o toca, ou quando, estando na sua meta, encontra o bem que procurou e só se move para carregá-lo, mantendo-se firme na sua posse e não sendo capaz de nenhuma inconstância. Esta primeira felicidade é tão pouco conhecida de nós, porque depende do reino da Razão livre e soberana, porque depende de um estado no qual a imperfeição da nossa Natureza e os problemas ordinários que as paixões nos causam nos impedem de chegar. Mas nós podemos chegar à outra, determinando-nos pela escolha dos objetos que nos podem dar aquela felicidade desejada, não hesitando e não nos confundindo com a incerteza das coisas capazes de produzi-la. Nós a obtemos seguramente e sem nenhuma dificuldade quando moderamos nosso apetite, quando paramos nos limites, quando colocamos um freio que não lhe permite correr atrás de todos os objetos que se lhe apresentam, um freio que o mantém submisso e o impede de se extraviar. O trabalho daqueles que viajam não é caminhar, quando eles sabem aonde vão, mas é não ignorar o caminho que devem seguir; e quando estão seguros de não desviar e de estar no bom caminho, caminham não apenas sem dificuldade, mas com prazer. Nós também seguimos com alegria as coisas que sabemos que produzem a felicidade, quando não as seguimos com dúvida e quando as conhecemos com certeza; não ficamos incomodados com o caminho que fazemos, não sentimos nem cansaço, nem tédio; para nós, é uma Volúpia e não uma submissão.

Entretanto, se é verdade que as coisas são tão pequenas em comparação com a Vontade, como não há mais lugar para dúvidas? Se é verdade que seja qual for o esforço que elas possam fazer, lhes é impossível chegar sequer ao tamanho da Vontade, como elas podem se ajustar e se unir à ela para produzir nossa alegria? Este inconveniente se encontra justamente reparado por nossa vontade mesma: como ela pode se estender até ao infinito, ela pode se apertar também num espaço bem pequeno; ela é feita com esse maravilhoso artifício – grande como é, se abaixa e se encurta, se faz tão pequena quanto os menores temas aos quais se acomoda. Não seria possível tornar iguais duas coisas de diferentes tamanhos, a não ser diminuindo uma ou ajustando a outra. As coisas do mundo são tão frágeis, têm tão pouca consistência, tão pouco corpo, são tão pouco capazes de crescer e se estender que, por menor que fosse o esforço feito para isso, elas se destruiriam, cairiam no nada. E, além do mais, por menos que as ajustemos e consigamos aumentá-las, elas não suportariam, se encontrariam sobrecarregadas. Como, portanto, se pode fazer esse ajustamento e essa união, que deve compor a nossa felicidade? É para isso que a Vontade, felizmente, é chamada, é onde ela tem algum poder por sua capacidade. Ela é feita de uma matéria flexível e obediente; se alonga e se encurta segundo a ocorrência e a necessidade; e por uma espécie de compaixão que tem



pela pequenez das coisas, que não a podem preencher, que não conseguiriam se ocupar de sua capacidade, ela se restringe e se recolhe toda em si mesma, se faz de seu tamanho para que elas lhe possam bastar e é o suficiente para produzir nossa felicidade. Eis, certamente, o maior e mais nobre efeito de sua liberdade, de poder se abaixar até às coisas, já que lhes é impossível se erguer até ela.

Pode ser que nós nos crêssemos soberanamente felizes se nossos desejos fossem realizados tão logo fossem concebidos; se não fizéssemos pedidos inúteis; se todos os nossos desígnios fossem seguidos de um sucesso favorável; e para tudo dizer em poucas palavras, se nosso poder se estendesse tanto quanto nosso apetite, nós tomaríamos isso, talvez, por uma felicidade suprema. Saibamos, porém, que esta felicidade seria extremamente imperfeita, visto que, fazendo-nos receber novos bens a todo momento, ela excitaria sem cessar nosso apetite. Ao invés de nos dar repouso e de causar o efeito que lhe é próprio, seria o contrário, ela manteria nosso espírito numa perpétua inquietude e não nos daria descanso, chamar-se-ia muito mais uma miséria do que uma felicidade. Nosso apetite se dirige para muito distante, visa a objetos tão diversos que seria incapaz de alcançar a todos. Seria impossível para nós satisfazer à sua grandeza, à multidão de nossos desejos. No entanto, acreditamos que está em nosso poder conseguir, abusamos da esperança de encontrar um fim naquilo que não tem, visto que é incapaz de crescer até ao infinito; ao invés de procurar a infinitude, que, por excelência de sua natureza, não pode crescer; ao invés de procurar a Deus, que deve ser a meta e o termo de todos os nossos desejos, e em quem se encontra a plenitude e a satisfação de todos os bens, uma inteira e perfeita quietude. Ora, é a isso que o homem pode chegar, se não pela prerrogativa da natureza divina, pelo menos pela grandeza e pela força de sua virtude; ele pode, de tal sorte, limitar e regar seus desejos, de forma que eles não cresçam e permaneçam parados e fixos como em um ponto; pode chegar, por sua moderação, aonde seu poder não seria capaz de chegar; e como não há dúvida de que a alegria não está nas coisas a não ser que elas se ajustem à Vontade e que elas estejam unidas a esta última, conseqüentemente é infalível que, seja lá do que ela estiver cheia, ela encontre nisso sua inteira satisfação, goze de um perfeito repouso, tanto na pena quanto no prazer, um e outro a preenchem igualmente, como um vaso se preenche tanto com um licor amargo e desagradável, quanto com um licor saboroso e doce; ela não tem escolha, tudo o que a ocupa a contenta, se acomoda às mínimas coisas e, para as abraçar e se unir a elas, se encurta da mesma maneira que fez Eliseu sobre o filho da viúva<sup>114</sup>. Ela não quer nada acima do que tem ou pode ter; seja aborrecimento, seja dor, seja qualquer coisa mais dura ainda. Sem dúvida, o sofrimento não é nada exasperante para quem o sofre voluntariamente, mas para quem não o quer sofrer. Não parece nada estranho se dissermos que as coisas importunas e desagradáveis podem, assim como as mais doces e mais encantadoras, contentar a Vontade e serem capazes de fazer sua alegria; ela pode encontrá-la na amargura e na miséria; quem quer que seja que esteja satisfeito com sua tristeza não é de forma alguma infeliz; e não é nada contra a razão acreditar que seja feliz aquele que é infeliz se ele o quer ser. Não é pela opinião de outros, mas pelo nosso próprio sentimento que se estabelece nossa Alegria. Quem é mais contente que aquele a quem as coisas chegam como as desejou? Foi por essa razão que esses generosos Romanos Fábio, Régulo e Camilo não sentiam nenhum incomodo diante de sua pobreza, foi por isso que eles a suportaram não somente sem dificuldade, mas com alegria. Quem impede o pobre de ser satisfeito, se quer ser pobre? E aquele que recusa as honras pode ser infeliz? Porque nada possuem, todos os dois têm aquilo que querem. Está aqui o princípio e o fundamento

<sup>114</sup> Refere-se ao episódio narrado no segundo livro de Reis, capítulo 4, quando o profeta Eliseu ressuscita o filho da viúva sunamita, aquecendo o seu corpo e rezando por ele.

da Alegria. Os desejos expandem e dilatam a Vontade, removem sua proporção natural. Assim, quando a miséria mesma fizer sua plenitude, ela fará sua felicidade, visto que é certo que ela se satisfaz e fica feliz com qualquer coisa que a preencher.

Por que, eu vos pergunto, Átalo, esse magnífico rei de Pérgamo<sup>115</sup>, deixando a suntuosa maneira de viver daqueles de sua condição, deixando o luxo e as delícias nas quais ele poderia ter se abandonado licenciosamente, preferiu o contentamento de cultivar seu jardim à glória de ficar sentado sobre seu trono? Por que ele passou de uma vida impressionante e Real a uma vida escondida e rústica? Por que ele encontrou mais alegria em cultivar plantas do que em reger povos? E, para dizer em poucas palavras, por que ele trocou seu Cetro por uma enxada? Por que, tornando inútil a pompa de seu Palácio e desocupado o seu ouro, se dedicou mais à arte de trabalhar o couro? Ele arrancou todas as forças de sua cobiça para gozar das doçuras da dominação soberana; abandonou a cobiça inteiramente para possuir suas grandezas e suas riquezas, ou seja, para possuir a esperança da felicidade que elas prometem, felicidade essa que, para dizer bem a verdade, é quase o único bem que elas produzem, visto que ela é enganadora e vã, apesar de se fazer parecer bela e infalível e prometer coisas que não é capaz de dar. Este Príncipe, tendo deixado o caminho aberto para os seus desejos, quando tinha a Realeza como objeto, restringiu, em seguida, seu acesso e os confinou em estreitos limites, para poder saborear o prazer da cultura e o de talhar imagens, para se exercitar na arte do jardineiro e na do escultor. Para vós, de onde pode vir o fato de esse ilustre Romano que a necessidade pública tirou do arado para colocá-lo na Ditadura, não ter querido aceitar o cargo por mais de um ano<sup>116</sup>? Como ele entendia bem da arte de usar sua Vontade, ele só lhe deu a extensão necessária para abraçar as funções desse cargo. E tendo sido absolvido de um dever ingrato – pela impiedade que seria recusar um serviço à sua pátria –, soube muito bem, depois, se reduzir à mediocridade de sua vida privada e voltou aos campos. Também foi assim onde acabou com honra a ambição do grande Africano<sup>117</sup>, que assegurou toda a glória de suas atividades passadas não querendo mais se empregar em nada. Sua virtude foi igual tanto no merecer quanto no recusar as honras, e não foi maior do que quando ela se escondeu sob sua modéstia. Ele acreditou mais suficiente as possuir, do que deixar de se tornar digno. A Grandeza, a Majestade mesma, foi lhe oferecer o trono; ela se desproveu de todo o seu brilho, abandonou todas as suas vantagens para comunicá-las a ele; ela o teria procurado se não acreditasse que seria rejeitada. A Fortuna reconheceu, com tristeza, que tudo aquilo que tem de mais eminente era inferior a um tão grande mérito. Não é bastante justificar que esse homem é verdadeiramente digno de honras, lembrando que as honras mesmas parecem não se estimar dignas? Certamente, agiu nesses grandes homens uma soberana sabedoria, que deverá servir de exemplo, para sempre, àqueles que podemos nomear os amantes e os favoritos da Fortuna. Qual exemplo? O de descer

<sup>115</sup> Átalo I (269 a.C.-197 a.C.), conhecido como Átalo Sóter, foi rei da cidade grega de Pérgamo (hoje, situada na Turquia) entre os anos de 241 a.C. e 197 a.C., e é o primeiro membro da Dinastia atálica. É conhecido por ter vivido de forma simples, desfrutando da vida doméstica com sua esposa Apolônide e seus quatro filhos, Eumenes, Átalo, Filetero e Ateneu. Morreu aos 72 anos, tendo sido sucedido por seu filho Eumenes.

<sup>116</sup> No original latino, o texto faz referência a *Titus Quinctius Pennus Cincinnatus* – Tito Quincio Peno Cincinato, que foi cônsul em 431 a.C. e nomeado ditador no ano 430 a.C., permanecendo apenas até 428 a.C. Não encontramos mais dados sobre sua biografia além dessas.

<sup>117</sup> No original latino, assim como na tradução francesa e na italiana, não há referência específica acerca desse Africano. Assim diz o texto latino: “*Ibidem Africani ambitio desivit: inglorio tunc qui evit tuta gloria laborum: ille in merendis honoribus praemia duxit, labores in recusandis*”.

voluntariamente do lugar para onde a Fortuna os levou; o de evitar, dessa forma, a infalível tristeza a que a maior parte daqueles que ela eleva acabam chegando, de ser vergonhosamente lançados por terra e cair em um precipício. Nesse ponto, a felicidade desses homens foi não se deixarem vencer pela sua felicidade mesma. Sem dúvida, é um ato de alta virtude não correr atrás dos bens e de outras vantagens da Fortuna, saber se defender de seus favores e de suas carícias; fugir dela quando vem em nossa direção; virar-lhe as costas quando nos mostra seu rosto; rechaçá-la constantemente quando nos quer abraçar. É preciso expulsá-la e bani-la; e se não temos força suficiente e resolução bastante para isso, se não está em nosso poder considerá-la como uma inimiga, é preciso, pelo menos, ser indiferente a ela e não ter nenhum comércio com ela. Não há nada que o comum dos homens estima mais e deseja mais fortemente do que as grandezas e a Realeza; mas não há nada do que os sábios fujam mais e mais frequentemente ensinam fugir do que disso. Pensemos em por que Sólon<sup>118</sup> recusou se assentar no trono. Ele não ignorava o quão bom seria ocupar esse lugar, mas sem dúvida ele sabia também que não nenhum degrau do qual não se possa descer, ele sabia que a queda, ordinariamente, é mortal; ele não foi nem tentado nem cegado pelo esplendor de uma condição eminente; ele preferia mais uma condição medíocre porque ela seria mais conveniente, além de mais segura. Será que não ouvimos falar de Audêncio que também não quis ser Rei? Sua vontade foi restringida, por assim dizer; sua cobiça foi restringida. Mas, o que diríamos do Imperador Severo<sup>119</sup> que duvidou se deveria ou não ter nascido ou morrido, visto que sua vida foi ao mesmo tempo perniciosa e útil? De onde vem que, estando repleto de bens, adorado por seus adutores, acariciado pela Fortuna, estando na fonte mesma das delícias, ele tenha sido tão sóbrio a ponto de viver apenas de legumes e tenha tornado esse alimento tão natural a ponto que todos os outros alimentos lhe parecessem estranhos e perigosos, a ponto tal que mesmo a carne lhe parecesse um veneno e tenha mesmo servido para o desígnio de sua morte? Onde procuraremos a causa dessa austeridade tão maravilhosa? Tão somente na moderação de sua Vontade; e seguramente não há outra coisa que tenha tornado Antístenes<sup>120</sup> e Zenão, o Cínico<sup>121</sup> satisfeitos e felizes, na maneira de viver rigorosamente a mais dura e a mais cruel miséria.

Passaremos aqui sob silêncio por esses grandes luminares da fé, esses Anjos mortais, esses divinos Gênios, que se contentando com pouco foram soberanamente contentes, que vivendo de tão pouco pareciam viver apenas do espírito, que nada possuindo possuíam o que vale todos os bens e todas as vantagens do mundo, a Paz e a

---

<sup>118</sup> Sólon (638 a.C.-558 a.C) foi um poeta, reformador, jurista e legislador ateniense, conhecido como um dos Sete Sábios da Grécia – Cleóbulo de Lindos, Sólon de Atenas, Quilôn de Esparta, Bias de Priene, Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene e Periandro de Corinto.

<sup>119</sup> Lúcio Septímio Severo (143-211) foi Imperador romano entre os anos 193 e 211, e foi o primeiro cidadão sem ascendentes romanos a atingir o trono do Império Romano. Quando de sua morte, foi proclamado Divus pelo Senado romano, o que significa que passou a ser cultuado como deus. Foi muito popular entre o povo por ter conseguido conter a corrupção do período de Cômodo, Imperador entre 180 e 192.

<sup>120</sup> Antístenes (445 a.C.-365 a.C.) foi um filósofo grego, pupilo de Sócrates, que adotou e desenvolveu a ética de seu mestre, insistindo sobre a necessidade de se viver uma vida ascética e de acordo com a virtude.

<sup>121</sup> Zenão de Cítio (334 a.C.-262 a.C.) foi um filósofo grego, fundador da escola estoica, baseada nas ideias dos cínicos que enfatizavam a bondade e a paz de espírito, conquistadas por uma vida de virtude e de acordo com as leis da natureza.

Alegria<sup>122</sup>. Eles foram plenos de Deus. Qual o motivo de espanto que, tendo um anfitrião tão grande entre eles e que se ocupava deles inteiramente, nada restasse de vazio e não houvesse espaço para abrigar as coisas? Reduzir-nos-emos, portanto, àqueles que não tendo essa rara vantagem, que não agindo por uma causa tão nobre, mas apenas por seus movimentos da razão, souberam tão bem acomodar sua vontade a ponto de ela se conservar sã e pura de tudo aquilo que excita a cobiça, e se manteve firme e inviolável a todas as coisas capazes de desordená-la. Sem dúvida, não teríamos inimigos mais perigoso do que os apetites desordenados; eles estão em nós como animais selvagens e cruéis prontos para nos destruírem, a quem nós damos a vida para nos destruir e a quem nós devemos infalivelmente a escravidão se não tomamos o cuidado de mantê-los rigorosamente sob as rédeas. Pensemos, de uma vez por todas, que a Vontade nunca é tão infeliz que quando não tem nada que a ocupe, que quando ela não se encontra em sua plenitude ou se encontra plena apenas de cobiça; que quando os desejos tomam o lugar daquilo que verdadeiramente a deveria preencher. Eles a estragam da mesma maneira que o cupim estraga a madeira; fazem-na se entreabrir, criam, por assim dizer, fendas e rachaduras, dividem nosso espírito e é disso que procedem nossas dificuldades. A mesma dor que o corpo sofre quando é cortado, nosso coração resente diante de tudo aquilo que o parte e que, continuamente, o separa. Assim como a fome procede do estômago vazio, o apetite, que é como uma fome, como uma avidez que temos pelas coisas, vem da inanição da Vontade. O estômago nos incomoda até ao ponto de ser satisfeito, a Vontade nos atormenta até que esteja plena. Um acidente de nada frequentemente causou a perda de uma tão grande coisa. Basta uma gota de vinagre para estragar um barril de excelente vinho; a malignidade de nosso apetite é tão grande que pode atralhar nossa felicidade a partir de sua fonte, pelos mínimos desejos que nos suscita. Assim como a mínima fenda que se encontre em um vaso de água é capaz de esvaziá-lo inteiramente, por mais que nossa Vontade seja cheia de alegria o apetite a desperdiça e a faz se perder por menor que seja a abertura que o apetite crie. Não há nada que escape mais facilmente do que a alegria; por pouco que ela saia de nosso coração, tão logo a miséria entra em seu lugar. Se algo falta à Vontade daquilo que ela tem, quando ela tem o mundo inteiro, seguramente seremos miseráveis. Para sermos felizes é preciso ou tudo possuir ou tudo desprezar; o primeiro é extremamente difícil, o outro é extremamente fácil. Nós encontraremos a felicidade muito mais rapidamente através desse caminho que pelo primeiro; nós a obteremos infalivelmente e chegaremos a ela sem nenhuma dificuldade.

### **PRIMEIRO CÂNONE<sup>123</sup>**

#### ***Adequar a faculdade da vontade<sup>124</sup>***

Visto que é indubitável que a alegria não se encontra nas coisas que nos são estranhas, que é uma pura produção de nosso coração, que consiste na união da Vontade

<sup>122</sup> O tradutor uniu dois parágrafos do texto original latino em um só, resumindo o parágrafo sétimo nessa primeira frase daquele que seria o parágrafo oitavo do texto original de Juan Eusébio Nieremberg. Nesse parágrafo sétimo, no texto latino, o autor se refere basicamente ao jesuíta Francisco Lúpio.

<sup>123</sup> Traduzimos *canon* optando pela similaridade vocabular. A partir daqui, Nieremberg pretende apresentar algumas “regras” fundamentais tendo em vista o que foi apresentado até este ponto do primeiro livro.

<sup>124</sup> Videl traduziu assim o título deste cânone: “QUE é preciso ordenar a vontade pelo poder”.

com seu objeto, e que podemos ser nós mesmos os seus operários, resta-nos aprender a arte de torná-la firme e segura, é preciso que, de agora em diante, trabalhemos na aquisição perfeita dessa arte. Só há duas maneiras: ou que nosso poder seja igual à nossa vontade, que ele vá tão longe quanto ela e não tenha menor capacidade de extensão do que ela; ou que nossa vontade tenha sua medida e sua ordenação feita pelo nosso poder. Uma e outra dessas maneiras nos conduz igualmente à felicidade. Nós podemos chegar a ela pelos dois caminhos; porém, para falar de forma mais saudável, o primeiro deles pertence apenas a Deus, e um Filósofo<sup>125</sup> teve razão de dizer que a mais nobre prerrogativa da Divindade é *poder tudo o que quer, assim como o caráter de humanidade mais natural é desejar o que lhe falta*. Certamente este alto ponto de felicidade é impedido ao homem, se deseja muito, porque ele tem muito pouco poder. Disso vem que os desejos crescem e se multiplicam até ao infinito; do defeito de suas forças procede a imensidade de seus apetites, e sua impotência acende o fogo de sua cobiça. O outro caminho é, sem dúvida, o mais curto e o melhor. Por ele nos tornamos emuladores da felicidade de Deus mesmo, e quase ousaríamos dizer que nós partilhamos dela com Ele. E certamente, seja que obtenhamos tudo que podemos desejar, seja que desejemos apenas o que podemos obter, somos igualmente felizes, não há mais vantagem para um do que para o outro. Esses dois caminhos têm como meta um mesmo termo. Se não está em nós fazer tudo o que nos agrada, está em nós, pelo menos, querer apenas aquilo que podemos fazer. Dois pequenos bastões de mesmo tamanho são tão iguais quanto duas grandes vigas. A Vontade daquele cujo poder tem pouca extensão se ajusta tão bem àquilo que deseja, se ele deseja pouco, quanto a Vontade daquele que deseja muito, porque tem muito poder. É extremamente abusado acreditar que a felicidade consiste em poder fazer grandes coisas; ela não está de forma alguma na grandeza do desejo, mas em sua união com o objeto. O que importa que o poder seja pequeno, se a Vontade não é grande, visto que o que faz agir a alegria é a igualdade do poder e da Vontade? Eis aqui a fatal causa de todos os nossos problemas, a origem e o princípio de nossa miséria, de sermos frustrados numa espera que concebemos temerariamente e de ver acontecer algo diferente daquilo que desejamos. É por isso que somos necessariamente infelizes, pois tudo isso nos causa pena. O objeto de nossa cobiça passa e escapa de nós; mas a cobiça permanece e, não podendo produzir nossa alegria, não podendo gestá-la, por assim dizer, ela empreende esforços inúteis, produz e gesta apenas a dor e a calamidade.

O remédio infalível para este mal é só querer aquilo que podemos. Assim, nossa esperança nunca ficará decepcionada. Assim, sempre teremos nossos desejos realizados. Não poderíamos desejar melhor garantia para o estabelecimento de nossa felicidade. Aí se encontra o fruto da Vontade que se ordena pelo poder. O que temos dentro do coração não nos pode ser roubado, não é de forma alguma sujeito à inconstância e aos caprichos da Fortuna, não foge e nem se nos escapa com ela. Se colocarmos nisso os limites de nossa esperança e de nossas pretensões, não seremos infelizes, nada será capaz de nos arrancar aquilo que amamos, a liberdade mesma de amar não nos será tirada. Traremos nossa paz e nossa alegria dentro de nós, num lugar estável e bem seguro, dentro de um asilo inviolável. Não começaremos nada que não pudermos terminar. Teremos tudo o que quisermos, visto que só iremos querer aquilo que pudermos ter. Não seria essa uma coisa bastante cômoda e maravilhosa: nutrir-se pelo jejum. A Vontade nutrida assim se preenche com a abstinência. Quem não creia ser um raro privilégio da Natureza se satisfazer sem carne? Seguramente não há homem que seja tão escravo de sua boca a ponto de não achar importuno o tributo que ela exige dele todos os dias – e, para alguns, todas as horas. Nisso, ela é bem injusta,

<sup>125</sup> No texto latino, o autor se refere a Aristóteles.



pois perverte o uso da vida: ao invés de fazer como o restante dos homens que comem para viver, esses homens que são escravos da boca vivem para comer. Pode existir exemplo mais famoso do que a desse infame Romano que consumia, graças à sua dissolução, todos os rendimentos do Capitólio? Esse glutão insaciável, Marco Apício<sup>126</sup>, que pagou mais para a sua barriga do que todo o Universo pagou para a sua cidade; que tendo engolido todas as coisas e não encontrando mais com o que encher a sua despensa, serviu o seu próprio desespero para os seus excessos e, por um veneno, engoliu a morte – tanto para ter a satisfação desse último festim que lhe custou a vida, pagou o preço com a mais cara de todas as coisas; quanto por julgar que ela lhe seria inútil, não tendo mais meios para continuar seus estranhos excessos. Certamente, há pessoas que podem bem dizer que a homenagem que prestam é bem maior do que o feudo que possuem e que a servidão ultrapassa em muito o benefício. Para não mentir em nada, podemos dizer que o cuidado de viver ocupa a vida inteira, às vezes até mesmo aos mais abstinentes e aos sóbrios. É por isso que quase todo o seu tempo é empregado nisso, sem exceção inclusive daquele que eles aplicam em seus trabalhos e exercícios, a quem pertence, de certa forma, esta obrigação natural; estando certo de que a agitação e os cuidados que são inseparáveis do trabalho, não excitando pouco o apetite, redobram desde o princípio a necessidade de alimento. Certamente também que, se esta lei importuna da natureza pudesse ser abolida, mudaríamos com muito prazer a Volúpia do gosto por outra. Nós a deixaríamos com a mesma facilidade que se costuma deixar aquilo que causa mal-estar. Se não apenas estivéssemos livres dessa cotidiana obrigação de comer, que nos acomuna aos animais, como também se o prazer que se encontra nesse ato se encontrasse semelhantemente no jejum, seguramente não seria de se acreditar que esse Imperador<sup>127</sup> que não tinha assunto mais presente e paixão mais forte do que o luxo de sua mesa e que exigia que os alimentos fossem colocados na mesa em ordem alfabética, não teria nenhum arrependimento em renunciar à boa comida? Ou que esses famosos dissolutos, Astidamas, Clódio e Maximino<sup>128</sup> não teriam se resolvido mais facilmente pela mesma decisão. Mas esse raro privilégio pertence apenas ao espírito; por uma graça que só é dada a ele, ele é capaz de se embriagar se abstendo; e se ele não conhece a cobiça, ele conhece, ele saboreia o maior de todos os prazeres, ele se coloca no meio de todas as delícias da boa comida.

O que, portanto, devemos escolher? Este excelente meio de nos preencher através do jejum? Ou esta infeliz plenitude que ao invés de acalmar nossa fome, a irrita ainda mais fortemente e nos deixa eternamente vazios, que ao invés de nos satisfazer e nos trazer alegria, nos causa mal-estar e nos traz apenas a dor? Se é possível matar

<sup>126</sup> Trata-se de Marco Gávio Apício, um gastrônomo romano que viveu no primeiro século da Era Cristã. Era conhecido por suas excentricidades e sua enorme fortuna, que foi dilapidada no seu afã por alimentos refinados.

<sup>127</sup> No texto latino, Nieremberg cita o Imperador Públio Sétimo Geta (189-211). Diz o original: “*Iam cum hac conditione libenter subscriberet Geta ipse sublitterariis ferculis, quae per alphabetum digerebat, quae non poterat stomachus*”.

<sup>128</sup> Sobre o primeiro não encontramos muitas referências, a não ser a menção ao seu nome e uma breve anedota envolvendo-o num episódio de glotonice, no Semanario Pintoresco Español de 1855 (n. 1, de 7 de janeiro, p. 3): “*Gastrónomos célebres. -(...) Clodio Albino fue tan trago, que en una sola cena se comió quinientos higos, diez melones ostienses, más de veinte libras de uvas, cien zorzales ó tordos y cuatrocientas ostras (...). Astidamas Milesio fue llamado por el rey Ariobárzanes á comer, y dándole cuenta estaba dispuesto para los demás convidados, que era bastantes, non dejó nada*”. Como se vê, também Clódio Albino é mencionado. Este último foi Imperador romano entre os anos 195 e 197 da Era Cristã. Finalmente, quanto a Maximino, temos dúvida se se trata de Gaio Júlio Vero Máximo (173-238) – conhecido como Maximino Trácio ou Maximino I –, que foi Imperador romano entre os anos de 235 e 238 e é considerado um dos responsáveis pela Crise do Terceiro Século.

nossa sede com uma gota de água, qual é a necessidade que temos do Oceano? Se nos satisfazemos abstando-nos, por que desejamos ficar cheios? Visto que, por esse meio, caímos em um ou outro desses inconvenientes: ter um desgosto ou aumentar nossa fome. O ardor e a avidez de nossa cobiça é tão grande que nada é suficiente: quanto mais a nutrimos, tanto menos ela se embriaga. Observou-se que aqueles que comem uma ovelha mordida por um lobo sentem uma fome contínua. Quem pensa se satisfazer com as riquezas, as honras e todo o resto das coisas que estão sujeitas a se perder pelas mordidas da Fortuna, sofrem de um mal ainda mais infalível: podemos muito bem estar cheios, mas não conseguiremos ser satisfeitos. O Imperador Frederico, terceiro com esse nome<sup>129</sup>, tendo concedido muitas coisas a um impostor que, porém, não cessava de importuná-lo e o pressionava sem parar a conceder outras coisas, lhe disse com boa vontade, *se tu não puseres fim a estes pedidos, começarei a oferecer-te minhas recusas*. Que cada um de nós guarde fielmente essas palavras, visto que elas podem manter-nos longe da vergonha e sem temor de repreensões. Este é o único meio de impor um limite a nossa cobiça. É por esse caminho que conseguimos pará-la, e conseguimos obstaculizá-la. E certamente se não nos livrarmos dela por meio de uma recusa absoluta, não conseguiremos nos livrar de outra maneira, pois ela nos incomodará incessantemente. Podemos, sem dúvida, receber muito mais de nós mesmos do que da Fortuna; e, por meio de uma nova e rara maneira de liberalidade, daremos a nós mesmos muito mais nos recusando todas as coisas do que se a Fortuna no-las concedesse todas. Não podemos bem julgar o valor de um homem apenas por aquilo que ele possui – assim como, diante de uma árvore estéril, só podemos avaliar o estado da madeira –, mas devemos tomá-lo a partir de suas boas ações e ainda mais pelas coisas que ele não tem quando ele não as tem por vontade própria. Está aqui a melhor forma de avaliar alguém. Podemos ter pouco, mas não podemos ter tudo. Não acreditemos, por isso, ter pouco valor; pelo contrário, asseguremo-nos de que é ter mais valor desprezar todas as coisas e não desejar nenhuma.

Que seja esta, portanto, a primeira Máxima para o estabelecimento de nossa alegria: NÃO ESTENDER NOSSA VONTADE PARA ALÉM DE NOSSO PODER<sup>130</sup>. Certamente, graças a isso, devemos ser extremamente exatos no estudo das diversas condições das coisas, e ter ainda mais atenção do que os Sacrificadores tinham quando consideravam as entranhas das vítimas, porque é disso que deveremos retirar o mais certo augúrio acerca de nosso bem ou de nosso mal. É preciso ver cuidadosamente se as coisas que se apresentam a nós são da mesma ordem daquelas que nós podemos verdadeiramente possuir; que vindo a perecer, perecem absolutamente para nós, ou se pertencem à Fortuna, sem nenhuma dúvida. Às primeiras, podemos confiar corajosamente nosso coração; mas devemos nos guardar muito bem de nos assegurar às outras. Saibamos que elas não têm pega nem fidelidade, tanto quanto quem no-las oferece; saibamos ainda que a alegria que vem da Fortuna está sempre misturada com alguma amargura, que suas mais belas rosas são

<sup>129</sup> Frederico Barbarossa (1122-1190) foi o Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, foi Rei da Itália e, sob o nome de Frederico III, foi o Duque da Suábia, pois sucedeu a seu pai, Frederico II da Suábia, no ducado dessa região administrativa da Baviera, cuja capital é Augsburg.

<sup>130</sup> Em caixa-alta no texto francês. No original latino, Nieremberg afirma: *“Itaque prima lex tranquillitatis esto, compositio voluntatis, & facultatis”* (“Eis, então, a primeira lei para a tranquilidade: a adequação da vontade e das faculdades”). Trata-se, portanto, de considerar, na obra, a palavra “poder” como “faculdade” ou “potência”. É interessante notar como Videll traduziu da mesma forma o título do cânone: substituindo a palavra *facultatis* pela palavra “poder” (*potestatem*), construindo um sentido diferente para o argumento de Nieremberg. Optamos por manter o “erro”, apontando, no entanto, esta diferença, por fidelidade ao texto de origem da nossa tradução.

cobertas de espinhos, que seu açúcar esconde veneno, e que ela, frequentemente, nos faz derramar lágrimas em meio às maiores prosperidades que dela nos vêm. Portanto, é de extrema importância, para nós, examinar de forma cuidadosa e rigorosa a natureza das coisas antes de nos metermos com elas. Aquelas que o mundo estima de forma mais elevada e que ele considera como suas mais raras vantagens, os acontecimentos felizes, o favor público, a reputação, as riquezas, as honras, o luxo, as volúpias, a saúde, a força, as outras graças do corpo, tudo isso deve ser estudado com cuidado particular, para saber de que lado está, e se pertencem ao espírito, à Natureza ou à Fortuna. Quando estivermos certos de que elas dependem da Fortuna, devemos lhes fechar, logo de início, nosso coração, de temor que elas desordenem nossa Vontade e lhe façam se estender para além de nosso poder. Por que queremos tanto admitir em nós aquilo que deve ser a causa de nossa ruína? Aquilo que, por menor que seja o mal que se espera, nos arranca aquilo que temos de mais precioso, o repouso e a paz do espírito? Este é o cuidado ordinário que temos ter: não receber criado algum sem a segurança de sua fidelidade, a fim de não receber em nossa casa ladrões e assassinos. Será que abriremos nosso coração aos desejos imoderados que só podem trazer desordem para dentro dele? Que loucura seria querer possuir o que não apenas não seríamos capazes de manter, como também que não seríamos capazes de ter, o que não apenas não consegue parar, como também é absolutamente incapaz de parar! A história da Ásia nos fala de um homem – de quem a história nos quer ensinar mais cuidadosamente a virtude que o nome, e que é necessário que tenhamos sempre diante dos olhos como um exemplo excelente da Verdade dessa doutrina: ele possuía uma tranquilidade de espírito tão elevada, ele foi mestre de sua alegria de tal forma que ele a conservou soberanamente em meio às mais violentas tempestades da Fortuna, e recebeu todos os traços de sua inconstância e de sua cólera, sempre com um rosto sorridente e igual<sup>131</sup>. Como lhe perguntassem por que ele nunca fora triste, ele respondia, *eu não possuí nada cuja perda me pudesse afligir*. Será possível dizer mais claramente que ele nunca se ocupou das coisas que dependem da Fortuna e que, nunca as estimando, cria nada perder perdendo-as?

Se a Fortuna nos expõe aquilo que tem de mais caro e de mais raro, se ela nos abre todos os seus tesouros e nos concede a liberdade de escolher o que nos agradaria mais possuir, aquilo que, sendo escolhido, nos obrigaria necessariamente a parar sem nada poder pretender para além disso; todavia, com essa vantagem que ninguém nos poderia arrancar, e que nos concederia para sempre, ao invés de escolher todas as outras coisas, não poderíamos conservar nem mesmo aquela escolhida, estaríamos certos de perdê-la. Não há dúvida de que nós nos apegaríamos a esta única coisa e preferiríamos o contentamento de uma posse segura ao desprazer de uma perda inevitável. Eu vos pergunto, leitores, que outros bens como os do espírito podem se gloriar desse excelente privilégio de não perecer conosco, de só cair com nossa queda? Não seria um abuso extremo escolher mais aqueles bens cuja perda nos causa mais dor, do que aqueles bens cuja aquisição nos traz alegria? Não se verá um homem sábio ornamentar-se de roupas estranhas que lhe poderão ser retiradas. Para falar de forma saudável, tudo aquilo que não está absolutamente à nossa disposição não é para nós. Que razão temos para acreditar que o uso de um bem nos faz adquirir sua propriedade? Sem dúvida, é preciso um título de propriedade melhor do que o simples uso. A vida de nossos pais e do resto das pessoas que nos são caras, as riquezas, aquilo que a Fortuna nos empresta, aquilo que recebemos da Natureza, a saúde, a força, a boa disposição, e semelhantes coisas, tudo isso é muito

<sup>131</sup> No texto latino, Nieremberg fala de certo bárbaro da Arábia: “*Abiecit ista dominia, sive famulatum dominantem Barbarus quidam Arabiae, dominus proinde suae laetitiae, hilari semper, & cor ridenti vultu, placidus ad omnem gestum fortunae*”. Não encontramos referência a este personagem.

pouco para nós, e não podemos nem mesmo dizer que nossa mão pertence ao nosso braço e que nossos dedos pertencem à nossa mão, visto que além de uma infinidade de acidentes capazes de nos fazer perdê-los, eles podem, a qualquer momento, cair sob os ferros de um inimigo. Não temos, portanto, nenhum direito de considerar esse tipo de bens como se eles fossem nossos; pelo contrário, sabendo como sabemos que eles são de outros, não devemos nos obstinar em retê-los, e menos ainda depositar neles nossa afeição, já que ordinariamente cada um ama aquilo que é seu e tem por indiferente aquilo que é dos outros.

Mas, pressupomos que os favores e a liberalidade da Fortuna sejam, para nós, inumeráveis e sem limites, que não se contentando de nos confiar tudo que ela tem de bens e nos deixando fazer livre uso, ela se livra da propriedade e converte em dom o que é um empréstimo, e algo que é apenas deposto se torna um presente. Será que somos tão frouxos no sofrimento a ponto de ela ter vantagem sobre nós? Ela nos arruína mais e a menos honesta de todas; obriga-nos vergonhosamente a sua inconstância e a seus caprichos; faz nossa inimiga nossa amante; rouba nossa liberdade e, conseqüentemente, rouba um bem que ultrapassa todos os outros bens juntos, um bem que não poderá ser substituído por nenhum outro. Pressupomos que ela os submeteu inteiramente ao nosso poder e que eles dependem, assim, absolutamente de nós, assim como um escravo depende de seu mestre. Será que não sabemos que há muito pouca segurança na fidelidade dos escravos de quem, como só são mantidos pela força, só se pode esperar o ódio, a ordinária rebeldia e preguiça, a libertinagem e a fuga? Uma família de pessoas livres vale, incomparavelmente, muito mais, sem dúvida. Nela nós podemos confiar inteiramente e tanto mais nos assegurar quanto aos serviços que ela nos presta, visto que vêm do amor que ela tem por nós, que é o princípio e o fundamento. As coisas que dependem a Vontade são como esses criados nascidos de forma feliz, sem nenhuma mancha de servidão. São filhos livres de uma mãe livre, que sentem a alegria de sua condição, que não podem ser sujeitados nem obrigados, que estão numa absoluta independência. Pelo contrário, tudo o que está fora do controle da Vontade, necessariamente, está na condição de servidão, é um escravo perpétuo e, às vezes, é até mesmo sujeitado pelos escravos. Eis o quanto a condição daqueles que a Fortuna liga a si através de seus favores é infeliz e deplorável, visto ser uma condição tão incerta que não pode existir escravo mais fraco que não seja capaz de despojá-los de tudo, que não seja capaz de tirar-lhe a própria vida, tirar-lhes os bens, as honras e todo o resto de vantagens que vêm dela. E, na verdade, que liberdade as coisas podem ter, quando pertencendo a nós, estão à disposição de todos? Podem nos ser tiradas a qualquer momento e passar para a posse de outro? São sujeitas a mil desencontros e a uma infinidade de inconvenientes. Guardemos, pois, muito bem de nos assegurarmos quanto a estes escravos infieis e fugitivos, e não sejamos tão fracos a ponto de nos afligir quando eles nos deixam; é melhor que, antes, nós os deixemos e nos previnamos deles afastando-os de nós. Que cada um diga para si o que um Filósofo disse após a fuga de seu escravo<sup>132</sup>, *seria muito vergonhoso e muito estranho que Manes, podendo viver sem Diógenes, Diógenes não pudesse viver sem Manes*. Assim como os bens da Fortuna podem ser sem a sabedoria, a sabedoria pode ser sem eles. E, para bem dizer, só é quando ela se separa deles que ela consegue verdadeiramente ser feliz. Há desonra para um homem de condição livre subjugar-se àqueles que o servem, ser um criado de criados, pois isso seria como a infâmia de ser

<sup>132</sup> No original latino, Nieremberg se refere a Diógenes, o Cínico: “*Dicat quisque, quod Cynicus, cum servus suus Manes aufugit: Turpe est Manem sine Diogene vivere posse; Diogenem sine Mane non posse*”. Diógenes de Sínope (404 ou 412 a.C.-323 a.C.).

escravo de escravos... Quanta desonra mais seria se o fosse por escolha? Escravizar-se voluntariamente e deixar-se acorrentar por vontade própria?

Há, portanto, essa diferença entre as coisas que nos pertencem e aquelas que dependem da Fortuna: aquelas são livres e essas não o são. É por isso que se quisermos nos conservar essa rara vantagem de só depender de nós mesmos, devemos ter por indiferente aquilo que não está em nosso poder. De outra forma, certamente não conseguiríamos evitar nos tornar escravos; nossa paixão será nossa servidão; ela será o título segundo o qual ficaremos inteiramente no poder de outros. Todavia, nós nos abandonamos, sem discricção e sem escolha, ao amor das coisas que não nos pertencem; nós nos submetemos a esses escravos e não temos vergonha de fazer deles nossos mestres. Nisso, nós nos parecemos com o dissipador que, tendo coberto a cabeça de seu cavalo, o deixou ir ao acaso, deixando que ele fosse para onde a sorte o levasse. Nós fazemos a mesma coisa; por uma cegueira voluntária, tiramos de nós mesmos os meios para escolher nossos mestres, de tal forma que se pode dizer de nós aquilo que um santo disse de um cego abandonado à própria sorte<sup>133</sup>, que ele nada vendo, pelo menos não deixava de manter firme o reto caminho do pecado. Sem dúvida, nascemos para comandar e, por um miserável e cruel instinto de nossa cobiça, que nos domina, que nos cega, nós seguimos um caminho reto em direção à mais vil, à mais vergonhosa de todas as servidões. E, certamente, tornando-nos servidores de servidores, usurpamos indignamente – para nossa grande confusão – esse excelente título do soberano Pastor da Igreja; criamos nossa própria infâmia com aquilo que compõe a glória de sua humildade. Um grande homem disse muito sabiamente que aqueles que se ligam ao amor das coisas caducas e passageiras são os criados que servem a outros criados<sup>134</sup>. Ser servidor dos servidores de Deus é, porém, estar no mais alto degrau da honra; mas é cair na mais baixa infâmia se tornar escravo dos escravos da Fortuna. Consideremos, eu vos peço, leitores, essa grande sequência de criados, que obedecem uns aos outros; vejamos esses diversos estágios da servidão; encontraremos no mais baixo nível justamente aqueles que são escravos dos bens. Cada um deles é obrigado a reconhecer pelo menos dois mestres – um de casa e outro de fora. O primeiro é o apetite sensual e brutal que, se tornando rebelde à Razão, e se sublevando contra ela, lança-a para fora de seu trono, e a entrega, junto consigo mesmo, ao mestre de fora, que é a Fortuna, que também é sujeita à sua própria inconstância e depende de seu próprio capricho. Mas, eis que é ainda pior quando impomos a nós mesmos essa servidão: nós fazemos isso voluntariamente, de nosso bom grado. Os maus criados, frequentemente, executam com lamentos as ordens de seus maus mestres. Nós, ao contrário, obedecemos sem resistência e sem dificuldade alguma ao nosso apetite corrompido ainda que seja para a nossa tristeza, para o nosso prejuízo; vendo que é ele quem nos cega e nos fazer correr atrás desses bens estranhos e fugidios.

É preciso dizer ainda uma vez que tudo aquilo que existe de bens que não venham de nossa Vontade é enganador e fugidio, porque são externos e servis; e nada permanece em nosso coração se não proceder de verdade da Vontade. Para vós, em quanto tempo

<sup>133</sup> No texto latino, Nieremberg se refere a Santo Enódio: “*Perinde caeci mancipamur rebus, ut nec herorum optionem velimus. Dix erim & de libidine nostra, quod de libidinoso caeco beatus Ennodius: Nil videt, & rectum servat iter scelerum*”. Magno Felix Enódio (474-521), nasceu em Arles e morreu em Pávia. Foi bispo de Pávia, sucedendo o bispo Máximo de Pávia, a partir de 511.

<sup>134</sup> No original latino, Nieremberg se refere ao Papa Simplício (c. 430-483).



Dionísio foi expulso do Reino da Sicília<sup>135</sup>, e Tarquínio em quanto tempo perdeu o reinado de Roma<sup>136</sup>? Foi no espaço de apenas um dia: entre a manhã e a noite seus diademas desapareceram, seus tronos caíram por terra, e todo o poder deles foi destruído. A Fortuna conhece bem o meio para fazer Reis vigilantes e magistrados despertos, colocando-os no cargo por apenas um dia. Na verdade, podemos dizer que seus favores são como um Astro que se levanta depois do Sol e não espera que ele se ponha para se retirar. Conhecemos o Cônsul Romano que não dormia durante o tempo em que assumiu o cargo, para que nunca pudesse ver a noite<sup>137</sup>. Nós até poderíamos, de alguma forma, desculpar esses bens estranhos se o seu defeito fosse apenas sua inconstância e se o mal que eles nos fizessem não fosse mais do que simplesmente nos deixarem às escondidas. Poderíamos perdoá-los se sua fragilidade fosse todo o seu crime, mas o pior é que sua fragilidade se degenera muito frequentemente em malícia e, não se contentando apenas em levar consigo nossa alegria, eles levam também nossa vida: através do desespero, eles ajustam ao engano a crueldade. Sem dúvida, um grande homem teve razão em dizer<sup>138</sup> que é uma falsa e infeliz alegria, que procede de um coração orgulhoso, que sente tanto mais tristeza pela queda de sua fortuna quanto mais alto se tiver elevado. O que restou, finalmente, do famoso Tirano de Samos, depois da profusão de favores que a Fortuna lhe concedeu<sup>139</sup>? O que ele pôde mostrar de todos os bens que ele teve o prazer de acumular? A Fortuna teve uma tão grande paixão por ele, que não lhe permitiu uma mínima experiência que seja de tristeza, não interrompendo nem um pouco o curso de graças que lhe concedia. Mas, depois disso tudo, o que lhe aconteceu? Ela o deixou tão prontamente quanto lhe havia seguido constantemente; e por um cruel revés, tendo-o desprovido de toda sua pompa e de todas as suas riquezas, lhe arrancou também a Vida; retirou-lhe esse último bem, devido à usura de todos aqueles que lhe havia emprestado; e só lhe deixou a infâmia do patíbulo onde ele foi pendido. Nisso, de fato, ela não pareceu menos justa que rigorosa, punindo através do suplício de Ladrões àqueles que fizeram seus os bens que não lhes pertenciam, retendo pela força aqueles bens que não poderiam possuir legitimamente. A quantos homens se pode encontrar a quem a Fortuna tenha coberto de ouro enquanto viveram e a quem, depois, deixou faltar terra para

<sup>135</sup> Trata-se de Dionísio I, o Velho (c.430 a.C.-367 a.C.), tirano de Siracusa a partir de 405 a.C. que foi derrotado na guerra de 383 a.C. contra Cartago, sendo obrigado a pagar, como indenização de guerra, oferecendo toda uma região da Sicília para Cartago.

<sup>136</sup> Tarquínio, o Soberbo, é considerado o último rei de Roma, tendo reinado entre 535 a.C. e 509 a.C., quando foi deposto por uma revolta dos cidadãos romanos contra a dominação etrusca em Roma e contra a tirania do rei. Faleceu em 496 a.C.

<sup>137</sup> No original latino, Nieremberg se refere a Rebilio: “*Revilius uno die Consul fuit: quis vigilantior, quam quis omnium non vidit; cum non esset Flamen, fuit Dialis?*”. Segundo consta, Caio Canínio Rebilio foi nomeado cônsul por apenas um dia, pelo Imperador Júlio César. Tudo o que conseguimos de dados acerca desse personagem revela que ele, durante a Batalha de Alésia, no ano de 52 a.C., contra os gauleses, era responsável por uma das legiões que enfrentaram as tropas de Vercingetórix. Plutarco, em sua *Bioi Paralleloi – Vidas paralelas* – se refere a Caio Canínio Rebilio, ao tratar da vida de Júlio César: “*As for the men of high rank, he promised to some them future consulships and praetorship, some he consoled with other offices and honours, and to all held out hopes of favour by the solicitude he showed to rule with the general good-will, insomuch that upon the death of Maximus one day before his consulship was ended, he made Caninius Revilius consul for that day.*”. Cf. Plutarch. (1909). *Plutarch's Lives of Themistocles, Pericles, Aristides, Alcibiades and Coriolanus, Demosthenes and Cicero, Caesar and Antony*. Vol. XII. New York: P.F. Collier & Son.

<sup>138</sup> O original latino se refere a “*sanctus Paulinus*”. Segundo consta, Poncio Ancio Merópio (355-431), conhecido como Paulino de Nola, é conhecido como um dos Padres da Igreja Ocidental. Foi, na juventude, Cônsul romano na Gália. Depois de batizado, abandonou tudo e, junto com sua esposa, foi viver uma vida eremítica. Em 394 foi ordenado sacerdote e, em 409, nomeado bispo de Nola. É venerado como santo.

<sup>139</sup> O original latino se refere a Polícrates que foi tirano da Ilha de Samos entre 538 a.C. e 522 a.C.

sua sepultura? Ela não tratou melhor o favorito insolente de Assuero<sup>140</sup>: como ele gozou dela durante a vida, ele foi seu brinquedo em sua morte. Um fim parecido espera todos aqueles que correm atrás dos bens externos, e devem ser chamados apenas de usurpadores e ladrões da felicidade, e não de possuidores legítimos. Frequentemente, eles morrem pendurados a uma linha de esperança; e como eles só se seguram à Fortuna por um fio de cabelo, que é bastante insuficiente para mantê-la quando ela se lhes escapa, isso é suficiente para lhes tirar a vida, e seu desespero lhes tece a corda da qual penderão. Assim, esta infeliz felicidade não apenas enganou a muitos, como também foi a causa da perda de muitos: eles encalharam, naufragaram, tão logo o vento da boa sorte lhes faltou; e como eles só conseguiam respirar com esse vento, eles pararam de viver tão logo ele parou de soprar. Tão logo a Fortuna lhes emprestou uma doçura qualquer na vida, tão logo lhes concedeu o prazer de saborear essa doçura, ao mesmo tempo, lhes retirou. Isso foi como roubar-lhes a vida – roubar-lhes as coisas que lhes eram caras. Isso foi como entregá-los à morte pelas mãos de seu ministro – abandoná-los ao extremo desprazer de serem privados de seus favores. Mas, será que eles não sabiam que por mais força que se empregue na manutenção desses bens, sempre se é incapaz de impedir que a Fortuna se lhes arranquem? Tenta-se de todas as formas agarrá-los e estreitá-los nos braços, e ela não apenas retira tudo o que dá, como também faz muito mais: usando ao mesmo tempo de justiça e de violência, ela tira aquilo que lhe é legítimo e também aquilo que não se deve a ela.

Aprendamos disso que, para amar essas coisas, não as podemos possuir. E ainda que pareça que elas nos pertencem de forma absoluta, lembremo-nos que sua dona será sempre a Fortuna. Verdadeiramente, ela sofre quando nós usamos de suas coisas, mas se reserva sempre a propriedade de tudo o que nos empresta; é uma criança, por isso não pode transmitir nada de seu. Quando nos tiver dado todos os seus bens, ela não deixará de sempre ter o direito de retomá-las para si, a doação será anulada e, segundo os termos da lei, será preciso rescindir o contrato. *Ela é menor de idade – é o que parece quando consideramos seus jogos e brincadeiras – ela dá e toma com a mesma mão, como as crianças*, disse um Filósofo<sup>141</sup>. Além do mais, qual a segurança que podemos ter de nos apoiar em muletas quebradas? Não seria uma loucura nossa querer construir nossa felicidade de maneira tão frágil e ruínosa? Teremos, diante disso, apenas o desprazer infalível de ver não apenas nosso edifício desabar em ruínas, como também de o ver caindo sobre nós e nos encontrando destruídos. E, para bem dizer, não seria estranho que tendo a luz para reconhecer isso, nós não tenhamos capacidade de resolução suficiente para evitar que isso aconteça? Nós nos tornamos dessa forma tão culpáveis de nossa infelicidade quanto de amar aquilo que nos causa a perdição e o engano. Que marca maior de nossa extrema fraqueza poderíamos mostrar? Quando alguém se lamenta da infidelidade da Fortuna, coloca juntas duas coisas que são muito contrárias entre si – ter conhecido, ter sabido que ela é publicamente enganadora e, no entanto, ter se fiado dela. Se, ao menos, esse alguém fosse capaz de pedir desculpas por um dos dois erros, ele seria menos afligido e, por isso, menos condenável. Mas, quem, vendo perecer as coisas que amou e que não ignorava serem caducas e perecíveis, não sente vergonha de ter ligado a elas sua afeição e desprazer de vê-las perdidas? Quem estaria tão pouco à vontade a ponto de ser desenganado da opinião que tinha antes tão solidamente? Porque esta é a maldade do apetite: nos enganar mesmo naquilo que conhecemos com mais certeza. Que estranha contrariedade! Nós nos

<sup>140</sup> Não conseguimos identificar com precisão de quem se trata. Segundo consta, Assuero é um nome usado algumas vezes em relatos do Antigo Testamento e parece estar ligado ao rei persa Xerxes I (c.519 a.C.-c.466 a.C).

<sup>141</sup> O texto latino faz referência ao Abade Felipe de Harveng.

surpreendemos com o fato de que as coisas perecem, acreditando que sua duração é um milagre; e a admiração que ela nos dá vem da segurança que temos de sua infalibilidade. Por que será que sua antiguidade faz com que sejam consideradas com respeito religioso? Quando, ordinariamente, elas são agradáveis mesmo é quando são novas. Isso só pode ser porque, sendo de sua Natureza serem frágeis e caducas, nós achamos que é raro e maravilhoso quando elas ultrapassam os esforços do tempo; e começamos a achar mesmo que sua duração é uma novidade que lhe aumenta o preço e o valor. Não há nada de eterno no mundo. A Fortuna que reina no mundo soberanamente produz nele constantes mudanças, constantes revoluções. Ela submeteu tudo à alteração e à vicissitude; e nós aprendemos pela experiência que não apenas os anos, os meses, os dias, em nada se parecem uns com os outros, ainda que sejam filhos de um mesmo Pai, como também quase os instantes não têm o mesmo rosto e são diferentes uns dos outros. Depois disso, é preciso se perguntar se há alguma coisa sob o Céu que possa ter o direito de pretender a eternidade. Não haveria razão em se afirmar que, se há alguma coisa de longa duração, ela é de Natureza mais excelente que as demais? E, como aquelas coisas que são raras e singulares são tanto mais estimadas, por isso mesmo elas se aproximam da Divindade, que é rara e singular, que é imortal. Assim, honramos muito mais aquelas coisas que a antiguidade consagrou, porque, nelas, descobrimos alguns traços da excelência de seu princípio, descobrimos que elas têm relação com ele, na medida em que ele é singular e imortal.<sup>142</sup>

Portanto, não há mais dúvida de que é necessário considerar seriamente as coisas, e olhá-las de perto e com o mesmo cuidado com que olhamos para uma mercadoria ou para uma moeda: é preciso ter bem clara a sua espécie e verificar bem se são justas antes de recebê-las e alojá-las em nosso coração. Assim, nunca seremos surpreendidos; e nos protegeremos dos enganos que elas nos poderiam causar. Julgaremos se aquelas para as quais o nosso afeto se volta estão na disposição da Fortuna, se podemos encontrar segurança nelas, se não são, de fato, daquelas que ela só nos dá com o desígnio de as retomar para si e que só nos são concedidas para nos serem tiradas, se podem nos afligir com sua fuga. Imitemos, nesse sentido, os Chineses que defendendo muito rigorosamente a entrada de estrangeiros em seu Reino, afastando-os com a severidade de suas leis, o têm, dessa maneira, mantido numa paz eterna. Este conselho é para que consigamos vencer o mais felizmente possível, para que saibamos que a Fortuna não faz nenhum esforço que dure, e que aquilo que age com violência não dura muito tempo. Se quisermos, portanto, estabelecer-nos numa verdadeira tranquilidade, devemos tomar exatamente o cuidado de não receber nada de exterior, nada que nos pareça minimamente capaz de causar problemas e desordem. Todavia, nós fazemos sempre o contrário: abrimos a porta do nosso coração para as paixões desordenadas, recebemos maus desejos; somos tão pouco cuidadosos com a dignidade do lugar onde Deus mesmo escolheu habitar, dando retiro a assassinos e ladrões, que cometemos a indignidade de tornar uma caverna o seu templo. Damos nosso amor a coisas que fogem de nós tão rapidamente quanto chegam a nós, que nos deixam imediatamente e, de forma infiel, escondem de nós a sua partida. Certamente que para adquirirmos nisso uma inteira e perfeita segurança devemos seguir o exemplo daquele Rei da Trácia<sup>143</sup>, que matava seus hóspedes. Cometer um crime como o dele seria a

<sup>142</sup> Nieremberg se refere a Deus, apesar de o tradutor ter usado minúsculas: situação que será muito frequente ao longo de toda obra.

<sup>143</sup> No original latino, Nieremberg afirma: "*Pietas nostri esset crudelitas Diomedaea, omne sistos obtruncare hospites*". Trata-se, portanto de Diomedes da Trácia, gigante, filho do deus Ares e de Cirene, uma ninfa da Tessália.

nossa salvação e motivo de louvor, e não seríamos tão lastimáveis quanto ele foi desumano. Que isso nos ensine o quão importante é pensar seriamente em nós quando de um encontro como esse, e de como é notavelmente vantajoso para nós tomarmos essa precaução. Se é uma grande loucura nos dedicarmos a algo que sabemos que não nos levará a lugar algum, é faltar com o sentido se aplicar na procura de bens exteriores, querer fazer nosso aquilo que é de outros, querer tornar livre o que, por sua natureza, é servil. Nós nos obstinamos num caminho cujo sucesso nos é absolutamente impossível; fazemo-nos operários de nossa própria tristeza. Buscando coisas que estão fora de nós, nos expomos a todos os perigos da terra e do mar; à inveja de nossos vizinhos, ao ódio, ao poder de nossos inimigos, à perfídia de nossos criados, aos caprichos da Fortuna, ao rigor da morte mesma. Nós nos fazemos um estrago irreparável quando nos dedicamos à fragilidade das coisas que, ordinariamente, têm tão pouca pega, são tão enfermas, caem sem que ninguém as empurre. Apoiando-nos nelas, caímos junto com elas; acrescentamos à tristeza de nossa queda infalível a maior de todas as tristezas, que é a de cair na desgraça perante Deus, de fazer dele um inimigo, de lançar sobre nós todo seu ódio e toda a sua cólera. Quem é que seria tão temerário de querer combater contra um adversário tão poderoso, que pretenda resistir a forças tão grandes como são as da miséria humana? A miséria humana nos arranca, com todas as suas forças – que não são nossas –, aquilo que nos pertence legitimamente, aquilo que trazemos no nosso coração, a tranquilidade, a alegria.

Quais são, portanto, os bens que devemos considerar verdadeiramente como nossos? Podemos ficar certos da posse de que bens? Que não poderão nos ser retirados nem contestados por ninguém? Sem dúvida, são os bens do espírito; a bondade, a inocência dos hábitos, as ações honestas e legítimas, as afeições saudáveis, as boas obras e todo o resto de coisas que pertencem à Virtude, que estão em sua jurisdição e sob o seu domínio. Em uma palavra, tudo aquilo que está sujeito à Vontade, tudo aquilo que lhe deve obediência e dela depende soberanamente. É apenas sobre isso que podemos ter poder; porém, não temos poder algum sobre as coisas que pertencem à Fortuna. E certamente ainda que pareça que ela nos deixe, ainda que nos pareça que podemos ser seus mestres e que, com efeito, elas estejam em nossas mãos, elas não estão de forma alguma a nossa disposição. Guardemo-nos de acreditar que, por causa disso, seremos menos felizes. Reconheçamos, pelo contrário, que nossa alegria consiste exatamente em não possuir nada dessas coisas; e que foi partilhado conosco algo de muito mais alto, visto que tudo o que há de nobre e precioso nos pertence, e tudo o que há de abjeto e vil pertence a ela. Assim, ainda que não possuamos seus bens, não devemos pensar que somos menos ricos; pelo contrário, nós o somos ainda mais quando não temos seus favores e sua ajuda. Nossa riqueza é ainda maior, visto que procede puramente de nós mesmos e, conseqüentemente, não é manchada pelo lixo da cobiça – não há, portanto, nenhum pedaço de lama misturado em nosso ouro. Mas, decaímos dessa tão digna e nobre partilha quando nos abandonamos ao amor das coisas exteriores. Eis aqui, certamente, a maior perda que podemos sofrer: buscando bens fora de nós, perdemos aquilo que temos dentro de nós, que vale mais do que todas as riquezas, que todas as superfluidades da Fortuna. Perdemos uma vontade reta e bem ordenada, um desejo legítimo das coisas, que é o bem e como que o patrimônio de cada um em particular. Esta vontade se desvia e se agarra quando se lança na busca das coisas que não dependem dela, e perdemos, em nós, a tranquilidade a partir do momento em que imaginamos encontrá-la em outros lugares. Assim, esse duplo fracasso nos chega: perder nossos próprios bens e não obter os dos outros, ser não apenas desprovido

de toda a nossa posse, como também decair de nossa esperança; um e outro são igualmente cheios de vergonha e de desespero.

**SEGUNDO CÂNONE**  
*Nem esperar nem temer*<sup>144</sup>

Sendo que estamos suficientemente instruídos quanto ao meio infalível para estabelecer firmemente nossa alegria, e estando de posse dos primeiros fundamentos sobre os quais se deve edificar a nossa felicidade, deveremos nos dedicar, em seguida, a conduzi-la à perfeição, falta-nos levá-la à sua satisfação. Para isso, ajustaremos à máxima que nos protege de estender nossa vontade para além de nosso poder, a máxima segundo a qual, para sermos verdadeiramente felizes, devemos nos esvaziar de esperança e temor. Essas são, sem dúvida, as duas paixões que nos possuem com mais poder, e que nos dão menos descanso. Ora, o segredo excelente e raro para nos defendermos da inquietude e dos cuidados perpétuos que essas paixões nos suscitam é fazer uma escolha bem clara, um discernimento bem exato, daquilo que nos pertence e daquilo que não nos diz respeito de forma alguma: é preciso reconhecer cuidadosamente quais são os verdadeiros bens, os que merecem que liguemos nosso coração inteiramente a eles; separá-los das coisas que pertencem à Fortuna, aquelas coisas que são seus brinquedos ou que ela emprega para a nossa ruína. Assim, não cometeremos nem a impiedade de nos queixarmos de Deus, nem a injustiça de acusar os homens; não imputaremos nem a Ele, nem a eles, a causa dos males de que apenas nós somos culpáveis. Assim, estará em nosso inteiro poder não ser jamais nem tristes nem infelizes. Será possível desejar uma felicidade mais perfeita? Como há vários níveis de infelicidade, coloco no primeiro nível, aquele cuja a infelicidade vem do fato de algo acontecer contra o desejo; mas coloco no último, no mais alto nível, aquele cuja a infelicidade vem do fato de que a espera é frustrada. Para dizer mais claramente, aqueles que temem simplesmente são infelizes; mas aqueles que esperam são absolutamente miseráveis. Sem dúvida, não seremos nem um, nem outro, nos esquivaremos de forma muito feliz de todas as finezas da Fortuna, se nos resolvermos a desejar apenas as coisas que podemos ter como nossas, a não desejar aquelas coisas que só podem vir dela e que é seu único poder. Certamente, qualquer um que tenha banido de seu espírito essas duas violentas causas da ruína de nosso repouso, qualquer um que tenha se desfeito, que tenha se purificado dessas duas paixões, pode se gloriar do fato de se ter feito um asilo inviolável contra todos os esforços da Fortuna. Nesse estado, certamente poderemos dizer que conseguimos uma inteira vitória sobre um inimigo igualmente poderoso e pertinaz, que não apenas é forte por causa de sua própria força como também o é por causa de nossa fragilidade. E tão logo levamos em consideração as coisas que ela emprega para combater contra nós, descobriremos, surpresos, que ela as retirou todas de nossas próprias mãos, que fomos nós que lhe fornecemos todas as máquinas e todas as armas que usa para guerrear contra nós. *Por que temos tanto medo do vão furor dos Tiranos?* Disse sabiamente um Filósofo da antiguidade. *Eles só são perigosos quando pensamos que sejam e os tememos. Não tenhamos nem esperança nem temor, e eles não terão nem poder nem força. Mas, se nos deixamos dominar por uma ou outra dessas paixões, para não dizer por ambas, eles se tornam muito poderosos; nós os fortalecemos e lhes damos as armas que serão usadas contra nós mesmos; não haverá salvação para nós; fabricaremos com nossas próprias mãos*

<sup>144</sup> Videl traduziu assim o título deste cânone: “QUE é preciso nada esperar e nada temer”.



*as correntes que nos prenderão e nos tornarão servos*<sup>145</sup>. Não haverá baluarte mais firme do que esse: não ser possuído nem de esperança nem de temor. Isso é como possuir altamente a paz e a alegria. Não nos coloquemos mais em busca da felicidade; não cuidemos mais de querer saber onde ela se encontra; nós já a encontramos – ela está dentro de nós. Saberemos disso quando nos livrarmos das mãos desses Tiranos cruéis que mantêm nossa alma num contínuo mal-estar, que lhe fazem sofrer um perpétuo suplício, seja por causa do insaciável ardor de adquirir, seja por causa de um miserável temor de perder.

Esta é uma infelicidade contra a qual o sábio saberá se garantir, sem nenhuma dúvida. Assim como ele se conservará vazio de toda esperança e de todo temor, não havendo lugar para se ver frustrado em sua espera; nada acontecerá que seja contrário a seu desejo. Na medida em que ele for mestre de sua vontade, será também mestre da Fortuna. E assim como em todas as coisas ele considerará a razão como soberana, elas sempre chegarão até ele segundo seu desejo; ele gozará de uma felicidade incomparável; ele possuirá uma vantagem tão grande nisso que tudo aquilo que há de maior e de mais magnífico no mundo será incapaz de lhe causar tentação, nem será capaz de lhe fazer inveja. Houve Príncipes cuja volúpia era tão cara quanto sua grandeza, a tal ponto que chegaram a considerá-la mais do que a própria Fortuna, a preferi-la mais à própria vida. Quão feliz é aquele que construiu fundamentos sólidos para sua alegria, a ponto de lhe fazer possuir tudo aquilo que os outros desejam sem que, porém, tenha tido sequer o desejo de possuir. Quão feliz é aquele que, se contentando com pouco, ama muito mais o dever a si mesmo do que à Fortuna, e que, para ser rico, não tem nenhuma necessidade dos bens que vêm dela. A verdadeira riqueza deve ser medida pelo coração e não pelo cofre; não depende em nada da opinião, mas da consciência; e nós devemos muito mais nos reportar ao nosso próprio julgamento do que ao testemunho de outros. Há muito mais a se dizer sobre ser rico de verdade, do que somente por reputação. Se estimarmos a riqueza pela aparência, se nós a acreditarmos grande por causa do grande espaço que ocupa, correremos o risco de vacilar. Aquele que, à vista, parece muito grande, será pequeno diante do apetite. Isso é como um homem que tenha muitas filhas para casar: por mais que ele seja repleto de bens, não deixa de se crer pobre, a cada vez que sonha com o que deverá assumir. Como é que aquele que tem muitos desejos para contentar, um dos quais nem a posse do mundo inteiro seria suficiente, poderá ser estimado como rico, visto que não apenas ele não se crê rico, como também imagina que será reduzido à última necessidade? Para dizer de forma mais clara, esse homem não é pobre porque não tem bens, mas porque deseja tê-los. É preciso entender que, para tê-los, não é preciso ter necessidade deles, desejá-los. Sócrates, uma vez, no mercado de Atenas, considerando as coisas que ordinariamente se encontram nesse tipo de lugares, disse: *como há coisas das quais eu não preciso*. Ele tirava essa vantagem – e aqueles que o viam reconheciam que ele não invejava nada – do fato de não desejar nada. Verdadeiramente, não duvidemos disso, é mais rico e mais feliz aquele que não deseja nem espera nada; mais do que aquele que obtém tudo o que deseja. Aquele tudo tem, gratuitamente, graças ao privilégio de sua moderação; o que, para o outro, custa uma infinidade de penas e de desejos.

<sup>145</sup> O original latino cita a seguinte frase: “*Quid tantum miseri ferus tyrannos / Mirantur, sine viribus furentes? / Nec spe res aliquid, nec extimescas: / Ex armaveris impotentes iram. / At, quisquis trepidus pavet, vel optat, / Quod non sustabilae, sut que iuris, / Aiecitlypem, locoque motus / Nec ut, qua valleit trahe, catenam*”. Porém, o texto não está bastante nítido. Na sequência dessa citação, Nieremberg se refere a São Paulino de Nola, citando um trecho que, no texto que possuímos, não se encontra suficientemente claro para ser transcrito. Parece que a citação anterior pode ser atribuída ao próprio São Paulino, no entanto, visto que o Louys Videl trata a citação como sendo de um “Filósofo da antiguidade” e o texto latino não refere nada acerca do autor da citação, temos dúvidas de que se trate realmente desse autor.

Mas, se esse homem que acabamos de imaginar pudesse ser encontrado em algum lugar, se essa raridade original que acabamos de fantasiar existisse na natureza, quem, eu vos pergunto, ousaria pretender se comparar a ele? É suficiente estar no mais alto ponto da felicidade – que é ter atingido a satisfação, que é nada desejar e nada esperar –, ao invés de simplesmente ser feliz ou obter tudo o que se deseja. É nesse nível supremo que se costuma considerar que esteja a felicidade de Deus: Ele é soberanamente feliz, não tanto porque Ele tenha tudo o que possa desejar, mas porque Ele não deseja nada. Ele a possui muito acima da alegria comum dos homens, uma alegria que não se assemelha em nada com o possuir as coisas que Ele poderia ter desejado, mas de possuí-las todas sem ter tido necessidade de desejá-las. Sejam escrupulosos, portanto, depois disso, na estima que fazemos daquele que quer conseguir o que espera – ele é bem menos feliz do que aquele que não espera nada. E se é possível fazer alguma distinção entre aqueles que chegaram a esta alta região da felicidade, que é ser capazes de ordenar sua vontade através de seu poder, será que não chegaríamos a dizer que aquele que só deseja o que pode tem uma vantagem notável sobre aquele que pode tudo o que deseja? Digamos, com isso, que por mais certa que seja a esperança, ela é tão pouco necessária para a verdadeira felicidade que mais atrapalha do que serve a esta última – ao invés de ajudar a crescer, ajuda a diminuir; ao invés de estabelecê-la, causa sua ruína, porque depende dos caprichos da Fortuna, que muito frequentemente brinca com ela; finalmente, ela a destrói pela apreensão do mal e a envia para a fumaça desde o princípio. Eis o eixo fatal sobre o qual gira toda a máquina de nossa miséria: ter as coisas que não queremos de forma alguma e não ter aquelas que gostaríamos de ter. Eis, pelo contrário, o fundamento seguro sobre o qual toda a nossa alegria repousa: querer tudo o que temos e não querer o que não poderíamos ter. Que violência, que rigor seria capaz de nos tirar este bem? Que Tirano poderoso e cruel poderia nos impedir de chegar a este ponto, ou poderia nos fazer perder o que conquistamos dessa forma? Assim, cumprimos nosso principal desígnio pela perfeição de nossa alegria; somos os Operários dessa alegria, nós a construímos com nossas próprias mãos. Assim, nós nos protegemos dos esforços e das malícias da Fortuna. Qualquer um que não espere e não tema nada a desarma inteiramente e tira de suas mãos qualquer possibilidade de fazer mal. Depois de nos ter enganado e nos ter feito perder a esperança, ela se esforça por nos fazer sentir medo, que é uma dor antecipada, que vem fora do tempo, e que nos aflige muito acima da necessidade que teríamos de nos afligir, quando os males que ela nos apresenta serão, então, verdadeiros. Há, assim, essa diferença entre o mal-estar que a perda de um bem nos causa e a apreensão que a precede: esta última nos atormenta por muito mais tempo do que a outra. Portanto, sendo mais longa no tempo, ela é mais desagradável, na medida em que acrescenta à amargura que lhe é natural este infeliz incômodo de vir mais cedo do que deveria.

### **TERCEIRO CÂNONE**

#### ***Amor constante e inconstância***<sup>146</sup>

Mas, ainda que as únicas coisas que nos pertencem verdadeiramente devam ser o objeto de nosso amor, ainda que nosso amor só se ligue àquelas coisas que dependem da

<sup>146</sup> Videl traduziu assim o título deste cânone: “QUE devemos amar as coisas constantes e aproveitar a mudança das que passam”.

vontade e estão absolutamente dentro de nós, ainda assim, contudo, ele se dirige para fora de nós e sobre coisas que não estão em nossa jurisdição e pretendemos amar com segurança; às vezes até ele se permite confiar inteiramente nisso a alegria, porque elas são inocentes e não parecem apresentar motivo de apreensão de que possam causar desordem em nosso espírito. E mesmo que não estejam à nossa disposição, elas não nos devem ser, de forma alguma, suspeitadas de inconstantes e de infiéis. Não devemos ter escrúpulos no abrir-lhes nosso coração, porque são bastante firmes e seguras, têm menos chance de decair que nós mesmos. Todas as outras coisas nos causam a perdição desde o momento em que as abraçamos; elas se tornam nossas inimigas tão logo se nos tornam caras; e como se a nossa afeição lhes comunicasse alguma maldade, elas nos fazem mal tão logo nós as amamos. Às vezes, mesmo aquelas que passam rapidamente e que parecem não ter nada que possa causar temor, são exatamente aquelas que não causam mais problemas; e o perigo é menor, para nós, no seu impedimento do que na sua fuga. Certamente a Fortuna não tem maneira mais perigosa de guerrear contra nós do que essa: só emprega coisas aparentemente frágeis e vis; mas é através dessas coisas que ela se torna mais digna de temor. Ela só tem por armas caniços frágeis e quebrados, mas conserta seu defeito pela habilidade com a qual se serve dessas armas; empresta sua maravilhosa destreza de maneiras a essas armas para suprir o que elas não têm de força. Ela combate como esses povos que, virando as coisas para o inimigo, lhe fazem mais mal do que se lhes mostrasse o rosto. *Ela nos engana*, disse o Abade Felipe, *pela velocidade com a qual nos lança seus dardos*. E para bem dizer, o amor que temos pelas coisas caducas e perecíveis aumenta e fortalece nossa miséria; e seguramente é desejar a ruína de nossa felicidade querer estabelecê-la sobre um fundamento tão arruinado. Sem dúvida, se nosso amor se liga a um objeto constante, ele segue sua condição e se tornará constante. Liguemo-la, pois, a Deus, em quem estamos certos de encontrar uma alegria eterna, com uma firmeza eterna. Não tenhamos escrúpulos de engajar todo o nosso coração em Deus, arrisquemos nEle nossa ousadia; encontraremos, sem qualquer risco de nossa parte, uma felicidade segura. Quem é que, tendo que guardar uma grande soma, não toma todos os cuidados necessários para se garantir de qualquer perda? Ou não pediria uma caução ou um empenho? Nosso amor é toda a riqueza de nosso espírito; tudo o que temos de valor e de preço é por causa dele. Ele constitui o fundamento e a medida de nossa estima. Vejamos, portanto, onde devemos guardá-lo, saibamos se ele pode encontrar firmeza nas coisas do mundo que ele abraça. Ele só encontrará essa firmeza em Deus. Portanto, coloquemo-lo somente nEle.

Se alguém, encontrando-se levado pela impetuosidade de uma torrente, encontrasse uma árvore que lhe oferecesse segurança e, por assim dizer, lhe estendesse seus braços, não se prenderia a ela? Não se ligaria a ela firmemente? Somente a Deus podemos recorrer, para não perecer, no fluxo impetuoso das coisas do mundo e na violência com a qual elas nos carregam. Somente Deus pode nos garantir contra o naufrágio. Todo o resto, certamente, é movediço e frágil; e muito longe de ser capaz de nos reter, se deixa levar também muito facilmente. *Considerai, eu vos peço*, disse um grande Santo<sup>147</sup>, *a velocidade com a qual os dias fogem de nós; não existe roda mais inesperada e que gire mais rapidamente*. Vede como todas as partes do Universo diminuem, correm e perecem. Tudo o que imaginamos como bem para nós e que pensamos ter seguro em nossas mãos, nos escapa, passa sem retornar, e leva consigo nossos espíritos que se ligaram de forma tão infeliz a uma vã aparência, a uma sombra de bem. A condição das coisas humanas é parecida a um teatro, onde a face

<sup>147</sup>Trata-se de São Paulino de Nola.

muda de repente por causa da diversidade dos personagens que aparecem; ela não é mais sólida e não tem mais firmeza do que essas imagens vãs que nosso espírito cria durante o sono. Assim, podemos muito bem nomear a condição humana uma comédia, uma visão, um sonho; e se quisermos uma imagem ainda mais natural para representar a condição humana a encontraremos na contínua agitação do mar. Quem, vendo-se à mercê das ondas, ao descobrir uma Ilha ou um porto, não empreende todos os esforços possíveis para ali chegar? Saibamos que será infalível a nossa perda no mar do mundo se não seguirmos em direção a esse porto que vimos acima de nós, que é permanente e firme, que é eterno; ou seja, se não recorrermos a Deus. É Ele apenas que devem procurar a salvação aqueles que querem se salvar das ondas e das tempestades da Fortuna. Ele é a única coisa constante, é a raiz profunda de todas as coisas. Por mais forte que seja uma árvore, a violência dos ventos é capaz de arrancá-la do chão, carregar seus galhos, destruir seu tronco; apenas suas raízes são invioláveis, porque estão escondidas. Assim, tudo o que há no mundo é perecível, e apenas Deus não o é. Tudo o que amamos fora disso segue a condição de nossa natureza e, conseqüentemente, é enfermo e mortal como ela; e não seríamos capazes de evitar sua perda, se não todos os dias e horas, certamente uma vez e num momento. A mesma lei que nos submete à necessidade da tumba, submete todas as coisas que agarramos nessa vida: elas não são mais isentas do que nós mesmos. Mas, ao invés de nos esperar e de só ir para a tumba junto conosco, elas nos precedem e vão sem nós, advertindo-nos de nosso fim através do seu fim. Todavia, admiramos sua fragilidade e sua morte, por assim dizer, não nos lembrando que somos frágeis e mortais; surpreendemo-nos de sua fragilidade, não pensando em nenhum momento na nossa.

O sábio, querendo nos fazer ver, através de um exemplo ilustre e natural, como é certa a instabilidade das coisas, nos mostra como as peças que compõem o Universo estão num movimento perpétuo e giram sem cessar em seu círculo<sup>148</sup>. Não é suficientemente claro para nós dizer que as coisas não têm nada de mais constante do que a própria inconstância, que elas mudam a todo momento e que não têm nada de firme? Desta máxima indubitável é preciso tirar este preceito salutar: apenas o que é permanente deve ser objeto de nosso amor. Consideremos um círculo que gira e veremos que tudo se move nele, exceto o centro e o próprio movimento, visto que, sendo um movimento circular, permanece sempre no mesmo espaço e não muda de lugar: assim, a terra em torno da qual giram tantos globos é imóvel e não se deixa levar por nada de sua agitação. Este ordinário e contínuo fluxo das coisas que, para poder dizer de forma mais ingênua, imaginamos como se fosse uma roda que está entre as mãos da Fortuna e que ela governa soberanamente, só tem um ponto no meio que está em eterno repouso. Se nos reduzirmos a este ponto, encontraremos uma tranquilidade perfeita que não pode ser encontrada em lugar algum; o movimento e os problemas não irão chegar até nós. E por mais que nos pareça estar num lugar muito pequeno, estaremos, na verdade, em um grande espaço, onde nos será permitida uma grande expansão. Será preciso nos explicar melhor para entender o que é esse ponto? É o espírito universal que conduz e governa esta soberana firmeza. Se não nos é possível chegar até a Ele, esforcemo-nos, pelo menos, em nos aproximarmos. As partes mais próximas do ponto são aquelas que se movem menos, como se fizessem um giro menor. E se elas nunca subissem para o alto da roda, se nunca descessem para o ponto de baixo, nunca correrão o risco de tocar a terra. Vede, portanto, a

<sup>148</sup> No original latino, Nieremberg se refere ao livro de Eclesiastes: "*Sapienter, mundi membra, monet sapientissimus Ecclesiastes, gyrare, & in circulos suos reverti, ut rerum inconstantiam summan, id est, constantem monstrare*".

vantagem que existe em se manter nesse meio-termo? Nisso há também honra e ninguém ignora que o meio seja um lugar de dignidade, visto que a virtude mesma se aloja ali. Mas, pelo contrário, que honra, que segurança poderemos pretender nas outras partes da roda? Nelas, a Fortuna perverte a ordem, colocando no alto o que deveria estar em baixo; gira a roda, nos expõe à infelicidade infalível de ficar esgotados pelo fardo ou de ser dilacerados por espinhos e pedregulhos. Depois do centro, a única coisa que há de firme é o movimento, porque, não tendo fora de si termo aonde possa chegar, ele se move todo em si mesmo e tão continuamente que nada o consegue parar ou impedir. Um círculo que gira foi o tema dessa demonstração; e como esta é a imagem mais natural da instabilidade das coisas do mundo, um grande espírito acreditou que não haveria forma melhor para representar isso, nomeando-o círculo onde nada mais há de firme e de seguro além do movimento mesmo<sup>149</sup>.

Portanto, pode se encontrar fora de nós qualquer coisa capaz de nos agradar inocentemente e nos servir para nossa alegria. Mas a Fortuna, que muda sem cessar, que não tem sossego, e que, por assim dizer, é mesmo inconstante, só tem de constante a própria inconstância, e por isso não muda em nada. É isso que podemos, seguramente, amar nas coisas, não tanto nos ligando a elas, mas tendo algum tipo de comunicação com elas, a fim de nos instruir acerca da firmeza com a fragilidade delas e usar seu defeito em nosso proveito. Há diferença entre aquilo que se liga a uma roda e aquilo que simplesmente está perto de uma roda. Ela gira sobre lama e pedregulhos; mas não é capaz de carregar pedregulhos, que são sólidos e pesados, da mesma forma que carrega lama, que é mole e leve. Que isso seja, para nós, uma lição para aquilo que deveremos fazer nesse encontro, e nos ensine de que maneira devemos nos portar em relação à Fortuna. Podemos vê-la correndo, mas guardemo-nos de segui-la. É preciso considerar seus movimentos, mas não se deixar levar por eles. Haveria, eu vos pergunto, leitores, algo de mais vil e mais digno de nosso desprezo do que o instrumento de sua inconstância? É uma roda que gira sempre sobre a terra e que, por essa razão, nunca está livre de sujeira. Além do mais, quem não sabia que ela serve também para impor uma forma infame e cruel de suplício? A violência com a qual ela exerce seu império nos dá motivo suficiente para nos surpreendermos. É como se fez de um sexo a quem a doçura é tão própria e natural. Não tenhamos escrúpulos de dizer que, não tendo qualidades louváveis, tem imperfeições, é extremamente desigual, pronta, colérica, terrível; mas com isso, frágil e impotente; sobretudo quando resistimos a ela vigorosamente e opomos a ela uma coragem viril; porque, então, ela cede, se submete, se deixa ver realmente mulher; mais do que quando nós nos submetemos a ela, quando nos deixamos ligar à sua roda. Não devemos achar estranho que sintamos uma dor extrema, já que ela nos faz sofrer os mais rigorosos e mais insuportáveis de todos os tormentos.

Sirvamo-nos de um meio infalível que temos para nos garantir do mal que ela nos pode fazer; vejamos suas mudanças como assistimos a uma comédia e não nos preocupemos com as considerações sobre o passado ou sobre o futuro. Coloquemos nela nossos olhos, sem ligar a ela a nossa afeição, e que nada dela nos toque além de suas ações presentes. Aqueles que se apresentam nos jogos públicos e no teatro se cansam e têm muito trabalho; e aqueles que, porém, os veem se divertem e sentem prazer. Se nos desfizemos de todo tipo de paixão e de interesse, consideraremos os olhos e os

<sup>149</sup> No original latino, Nieremberg escreve: “*Argute hanc faciem rerum labentium, circum dicit Helias Cretensis, quarum sola consistit in constantia*”. O “grande espírito” a que se refere Louys Videl é Helias Cretense, como era conhecido por seus contemporâneos o averroísta Elias Del Medigo (c.1458-c.1493), que exerceu grande influência sobre a obra de Pico della Mirandola e de outros pensadores neo-platônicos e humanistas, no século XV.



caprichos da Fortuna e eles servirão para nosso divertimento, e nossa alegria não mudará em nada, a não ser na matéria. Vejamos as coisas passarem sem sermos tão descuidados a ponto de passar junto com elas. Consideremos sua fuga, sem fugir junto com elas. Tiremos de sua ruína e de sua perdição o prazer que sentimos na caça pela derrota e pela morte dos animais. Elas nos esgotam por dois meios: ou porque escapam de nós, ou porque, com efeito, perecem. Se for pelo primeiro motivo, que loucura é a nossa segui-las? Se for pelo outro, será que devemos estimá-las de tal forma a ponto de lhes conceder as honras, a lamentação e o luto que deveríamos sentir apenas por nossos pais? Gozemos muito mais da alegria de não perecermos com elas; e visto que não poderemos evitar perdê-las, seja pela morte delas que, por assim dizer, pela nossa morte, o que pensamos que pode haver de imortal em meio àquilo que possuímos? E se não possuímos a imortalidade, poderemos, eu vos pergunto, comunicá-la às coisas? Aquilo que pode acabar a qualquer momento não tem verdadeira existência, e podemos dizer muito razoavelmente que não existe mesmo quando existe. Mas, pressupomos que nossa duração seja eterna e que tão logo as coisas perecem deixam um sucessor – tão logo uma vai embora, outra toma o seu lugar. Ao invés de deixar nossa alegria morrer com a primeira, e encerrá-la junto em sua tumba, nós fazemos com que nossa alegria passe para uma nova coisa. Nós sequer nos damos o trabalho de verificar a sua condição e os seus defeitos, mas acreditamos naquilo que frequentemente se vê acontecer, que uma grande sucessão cai nas mãos de uma pessoa imperfeita, que a sucessão é concedida a um manco, a um surdo, a um cego. Usamos igualmente das coisas, chamando-as para tomar posse de nossa alegria. Não há nenhuma lei que prive um doente de uma herança que lhe diz respeito. Quando os bons dias de Jó passaram e sua prosperidade morreu – para nos servir de exemplo –, o que aconteceu a ele, eu vos pergunto? Não somente a pobreza, mas a extrema miséria. Depois que a Fortuna caiu sobre ele com todas as suas forças, que uma mesma ruína levou seus filhos e seus bens, que uma chaga universal cobriu seu corpo, ele se viu, para completar sua infelicidade, desprezado, ridicularizado por aqueles mesmos lhe deviam consolar e suportar; se tornou o refugio; foi o opróbrio do mundo; mas será que foi triste? Será que fez cara feia? Ele não perdeu nada de sua alegria, a manteve inteira diante de todos os presentes. O grande santo Zenão<sup>150</sup>, encontrando-se acolhido por uma repentina e violenta desgraça, não acreditou que, com isso, havia perdido sua felicidade; apenas acreditou que ela havia mudado de matéria. Imitando esses Heróis, não coloquemos nada de nosso amor e de nossa alegria nas coisas que passam, mas transportemo-la de uma a outra; não nos liguemos em nada à Fortuna, mas giremos, como ela gira, da mesma forma que essa flor que segue o movimento do Sol. Lembremo-nos de que alguém assim pode, verdadeiramente, ser chamado de mestre, visto que a segue sem esperança, que se acomoda a seus movimentos sem se deixar levar por eles.

Um espírito constante e resoluto deve, a partir de então, se instruir a só amar firmemente aquilo que tem firmeza. Seja lá o que lhe chegue da Fortuna, ele deve receber isso com bom humor, não recusando a amargura mais do que a doçura, e recolhendo com um mesmo rosto seus favores e suas desgraças. Agir dessa forma com ela sem dúvida a colocará em desordem; nós a deixaremos confusa e envergonhada, pela maneira tão contrária a seu pensamento e sua expectativa como será aquele com a qual receberemos agradavelmente aquilo que nos apresenta de desagradável. Estando certos de que a resistência que opomos a suas vontades é o único ou, pelo menos, o

<sup>150</sup> Trata-se de Zenão de Verona (c.300-c.380), foi bispo de Verona e é venerado como confessor. Foi martirizado por volta do ano 380.

maior meio que ela tem de nos afligir. É apenas através disso que ela pode nos causar alguma aflição. É preciso dar a ela o testemunho de que tudo o que queremos é o que lhe agrada, que nós só queremos isso. Certamente ela é capaz de perceber nossa tentativa de iludi-la através desse artifício; de forma que criaria outros desígnios maldosos contra nós, tornando esse artifício inútil. Se há coisas que mais devemos recusar são, sobretudo, aquelas que o mundo estima – as honras, as riquezas, as volúpias –, aquelas coisas que agradam de início e que se recomendam a nós por uma bela aparência. É preciso devolver essas coisas a ela, da mesma forma que jogamos de volta uma bomba que nos é lançada. Na medida em que brincarmos com aquilo que nos vier de sua parte, nunca seremos tristes, nunca seremos infelizes. Brinquemos, portanto, com ela, se não quisermos que ela brinque conosco. Rejeitemos corajosamente seus presentes, tanto os que brilham como os que não brilham. Assim, evitaremos o desprazer de ver que ela nos pede de volta, cheia de cólera, aquilo que nos deu; que nos acusa de tê-los guardado por muito tempo e toma isso como pretexto para nos tratar mal. Esses bens ligeiros e que valem pouco devem ser considerados por nós como muito levianos e não devem ser amados de forma alguma, já que também é preciso devolver-lhes a ela ao menor sinal que ela manifeste de querê-los retirar de nós, evitando que nos arranque das mãos. Eis um meio raro e infalível de ultrapassar sua malícia: coloquemo-nos no lugar da Fortuna, façamos contra nós mesmos tudo aquilo que seu rigor pode fazer conosco. Assim, nós a tornaremos incapaz de nos fazer mal, destruiremos o desígnio que poderia ter de nos trazer perdição. Aristipo prevendo que ela queria não apenas lhe tirar as coisas que ele mantinha – e que eram delas – mas querendo também tomar sua vida como uso seu, e vendo chegar seus extorsionários – ele chamava assim os Piratas –, tomou o cuidado de jogar no mar todo o seu ouro, fingindo que tinha caído por acaso. Assim, foi sua perícia e não o seu ouro que salvou sua vida. Assim, para se tornar mestre da Fortuna, tudo o que é necessário é se prevenir contra ela. Que cada um diga por si mesmo, num encontro semelhante a esse, aquilo que, então, ele disse, que *vale mais que Aristipo perca as coisas do que elas causem a perdição de Aristipo*. Na contínua guerra entre o Porquinho da Índia e a Víbora a vantagem é, ordinariamente, de quem ataca primeiro. O mesmo deve acontecer no caso do homem com a Fortuna: o agressor é o vitorioso. Se nós lhe deixamos voluntariamente tudo aquilo que nos pode roubar, ela não terá motivo para se ligar a nós, não terá nada a fazer conosco. Se nós não desejarmos em nada as coisas agradáveis e não rejeitarmos as desagradáveis, ficaremos protegidos de seus ultrajes, teremos encontrado o meio de arruinar todos os seus empreendimentos e todos os seus esforços.

Mas, se o nome que a Fortuna carrega nos desagrada e é odioso para nós, se julgamos indigno de nós depender tão servilmente de uma potência cega e injusta tal como ela nos é representada pelo Paganismo; tudo o que nos resta fazer é abandonar os termos do uso corrompido, levantar o véu com o qual a fábula cobriu a verdade e, então, descobriremos que aquilo que os homens comumente chamam Fortuna é, para bem dizer, nada mais nada menos do que a potência de Deus, a ordem eterna e soberana sob a qual Ele submeteu todas as coisas. Assim sendo, não teremos dificuldade de lhe render uma inteira obediência, e de receber agradavelmente, sem desgosto e sem repugnância, tudo aquilo que nos vier de sua parte. E, eu vos pergunto, leitores, por que deveríamos nos proteger? Se, como diz o vulgo, o trabalhador é mestre em sua casa e pode fazer nela aquilo que melhor lhe parecer. Deus é mestre no mundo, visto que essa é a Sua casa, e no entanto tão frequentemente sofreu com nossas vontades desordenadas. Não seria o caso de, de vez em quando, nos submetermos às Suas ordens que são tão justas? Ninguém nunca as recebeu com uma perfeita submissão ou ficou

pronta a executá-las tanto quanto Abraão. Tendo recebido a ordem de Lhe sacrificar seu próprio filho, não hesitou em nada; ofereceu-Lhe com a mesma alegria que dEle o recebeu; ele o teria degolado tão tranquilamente quanto já degolara um cordeiro; e não teve nenhum escrúpulo de parecer impiedoso por ser fiel. Não nos surpreendamos. Ele era tão firme no seu desígnio de agradar a Deus sobre todas as coisas; o zelo e a fé o possuíam de uma maneira tão forte e preenchiam de tal forma o seu espírito, que não havia em si lugar para a dor; ele não foi capaz disso e podemos seguramente dizer que somente Deus percebeu isso, visto que foi Ele quem teve o cuidado de salvar aquilo que esse pai tão resoluto estava a ponto de perder, e que, para poupar uma vítima tão cara, sub-rogou uma outra. Assim, esse excelente servidor deixou seu amor e sua humanidade ceder a seu dever; e por um sacrifício novo que conferia ainda mais mérito à sua perfeita intenção no caso do primeiro sacrifício imolou todas as suas ternuras à sua obediência. Que isso nos ensine o quanto é necessário que sejamos obedientes a tudo o que Deus nos ordena, e com que respeito e com que submissão devemos receber tudo aquilo que Lhe agrada nos enviar. Consideremos o presente pela dignidade da mão que no-lo concedeu, e tenhamos como caras as coisas que vêm dEle pela simples razão que elas vêm dEle e que é Ele quem no-las dá. Pensemos que, do princípio de todos os bens, só pode vir o bem; que de Suas mãos só podem cair coisas excelentes e preciosas, visto que Suas mãos são cheias de jacintos, assim como fala o Sábio<sup>151</sup>. Por Suas mãos, a dor, a pobreza, a infâmia, perdem seu azedume e sua amargura; elas tornam o mal agradável para nós; conferem valor mesmo ao mal. Quem se lamentaria, eu vos pergunto, de ser bastonado por ouro? E quem não quererá que se lhe jogassem pérolas como se fossem pedregulhos? Seus bastões, semelhantes àqueles com os quais o agricultor bate a colheita, só caem sobre nós para o nosso bem; e Seu amor não deve apenas nos fazer suportar Seu rigor, mas deve ainda torná-lo caro a nós. Há glória no ser bastonado por tão ricas varas; um tão nobre suplício é menos uma aflição do que uma recompensa; é menos um estigma do que uma honra. Com a consolação, ele nos traz também alegria, e é por isso que o Sábio chama jacintos as pedras preciosas que estão nas mãos de Deus, por causa da soberana virtude que elas têm de fazer o coração gozar de alegria. Certamente, tudo o que há de mais insuportável na vida é capaz de nos agradar e nos encantar quando vem dEle. Nada Lhe é mais próprio e natural do que fazer o bem; podemos mesmo dizer que nisso se encontra Sua arte e Sua principal profissão, aquilo onde estão Suas mais poderosas inclinações e Seus mais fortes hábitos. Os grandes pintores tentam mostrar a perícia de seu pincel ao pintar um réptil estranho, ou um inseto hediondo, muito mais do que pintando uma figura qualquer ordinária e mais agradável. Deus gosta também de produzir Suas mais excelentes operações valendo-Se de temas tristes e doloridos; e é nisso que Sua bondade trabalha mais, ainda que não pareça. Assim como a beleza da arte consiste principalmente no se esconder, também os efeitos de Sua graça são maiores quando são mais secretos e não podem ser vistos de fora. Depois disso, será que poderemos duvidar que é mais agradável receber aflições do que a retribuição de Seu amor? Poderemos duvidar que é Sua bondade que nos envia as aflições e não a Sua cólera? Além do mais, cuidemos bem de não amar constantemente as coisas que não têm constância; lembremo-nos que temos que nos manter firmes nas mudanças da Fortuna e devemos mostrar o mesmo rosto a seus maus tratos e a seus favores.

---

<sup>151</sup> Refere-se a Salomão.

ADVERTÊNCIA<sup>152</sup>*Em alguns casos a constância é ignorada*<sup>153</sup>

No entanto, como a Fortuna se crê muito fraca para conseguir abalar a nossa firmeza, ela emprega nisso um esforço a mais, e conta ainda com socorro e ajuda para aquilo que não consegue sozinha. De fato, teremos muito menos trabalho se o combate acontecer em nossa casa, do que teríamos se fosse em outras casas. Nossos males não serão mais tema para exercitarmos nossa constância do que os males das pessoas que nos são mais caras. A experiência ordinária ensina que, depois de ter se defendido contra nossas próprias calamidades, a Fortuna se rende à compaixão que temos pelas calamidades dos outros. É sobretudo isso que há de excelente na vida do sábio, que sendo de extrema utilidade para todos não se aplica a uma vida escondida, mas ele se faz servo de muitos e comunica a todos as vantagens que tem, fazendo-se um tutor público que se vale de sua sabedoria. E como sua vida é uma perpétua matéria usada para a manutenção da vida da Fortuna, os sábios subsistem muito mais por seu apoio do que por suas próprias forças. Portanto, é preciso considerar seriamente a maneira como ele se deve conduzir nessa importante ocasião; além de verificar se, sem violar a dignidade de sua virtude, pode testemunhar abertamente que o infortúnio de outra pessoa lhe toca. Esta demonstração exterior lhe é verdadeiramente permitida; e ele pode, ao encontrar uma pessoa afligida, se manter firme sem tristeza; mas que tome muito cuidado para que aquilo que muda o seu gesto e o seu rosto não altere ou perturbe em nada a tranquilidade de seu espírito; ele pode aparecer com um rosto abatido, mas deve manter seu espírito firme. Em meio a lamentações e lágrimas, deve conservar sua alegria e se defender da tristeza com tanto mais cuidado quanto normalmente se tem para se proteger de um mal contagioso e mortal. E mesmo estando protegido de todas as expectativas da Fortuna, é preciso que lhe faça a guerra; mesmo que já a tenha vencido em sua casa, é preciso lutar para vencê-la em outros terrenos e levar para todos os cantos os sinais de sua vantagem sobre ela. Se ele achar que não é capaz de comunicá-los aos outros, que recorra pelo menos ao artifício de levar algum alívio a um infeliz derrubado pela dor, que, suspeitando de seu desígnio sobre ele, se intimida já no início e mal consegue sofrer a presença da Fortuna, achando dura e má a consolação, antes mesmo que ele a tenha apresentado. Alguém disse<sup>154</sup> que, nesse encontro, um homem de bem é um fardo pesado. Quem concorda com isso, eu vos pergunto, se não exatamente aquele que é tão miserável a ponto de não sentir sua própria miséria? Certamente é mais razoável dizer que aquele não seria uma sobrecarga cuja habilidade é tal a ponto de livrar um espírito daquilo que o incomoda, cujos cuidados o descarregam daquilo que lhe pesa e agem com o máximo de eficácia exatamente quando parecem ter o máximo de amargura. O golpe que elimina o sentimento é mais perigoso, sem dúvida, do que aquele que causa a dor. E se, de alguma maneira, coincide com diminuir nosso mal colocando-o a descoberto, dando-o ao nosso conhecimento, não seria então mais justo louvar bastante a virtude, de quem nos vem um

<sup>152</sup> Videl traduziu o título e o nome desta última parte do primeiro livro do *De Arte Voluntatis* de forma livre. Na verdade, *Epistasis* – forma como Nieremberg nomeou esta última parte – é uma palavra grega que significa “atenção” ou “advertência”.

<sup>153</sup> Em francês, esta última parte ficou nomeada assim: “REFLEXÕES SOBRE a Máxima precedente”.

<sup>154</sup> No original latino, Nieremberg afirma: “*Tzetzes ait, beneficiens hominibus, unde quaque demetens malitiam*”. Trata-se, portanto de João Tzetzes (1110-1180), poeta e gramático bizantino que viveu em Constantinopla.

tão bom ofício? E não devemos gritar: “Raro e soberano remédio contra enfermidades humanas, que é tão salutar mesmo para quem te acha aborrecido, que bens recebemos de tua assistência? Tu a dispensas a teus próprios inimigos, tu curas aquele que resiste a ti; tu não desdenhas te comunicares, pelas mãos de pessoas de bem, para os malvados, de quem o contágio nunca sujou tua pureza”. Em verdade, é a ela que é preciso aplicar aquilo que alguém disse de um bom Príncipe<sup>155</sup>, que sustentava os enfermos com seu poder, que os esclarecia com seus conselhos, e que recebia em suas mãos aqueles que haviam caído das mãos da Fortuna. Um Legislador entre os Judeus disse, ainda que com outro sentido, que o Sábio tem mãos pesadas<sup>156</sup>. Não nos surpreendamos em nada com isso, visto que é assim que ele sustenta, carrega uma infinidade de pessoas, aquelas para quem falta o sentido e a condução, aquelas que pesam demais para si mesmas; aquelas que a Fortuna persegue; os aflitos, os miseráveis, os imprudentes.

A habilidade com a qual ele trabalhará para aliviar um aflito imitará a que pratica o médico junto a um doente para quem a violência de sua dor torna incapaz os conselhos para sua cura; o doente se queixará dela a fim de aliviá-la e a adulará para vencê-la. Esse artifício legítimo é tão próprio do Sábio que, tendo uma excelente constituição de espírito, e estando perfeitamente confirmado na virtude, como o é, pode se misturar, com segurança, aos enfermos, pode entrar em seus sentimentos e descer até a mais baixa de suas misérias sem correr o risco de ser afetado por nada. Para salvar um homem que se afoga, é preciso ir até a ele; e só conseguiremos salvá-lo se resistirmos à impetuosidade da torrente que o carrega. Podemos nos abaixar para levantar aqueles que a Fortuna derrubou; mas, para não cair com eles, é preciso que nos mantenhamos firmes e cuidemos de não nos deixar levar por seus movimentos. Não há remédio mais salutar para um aflito do que persuadi-lo de que partilhamos com ele de sua dor; e para trabalhar de forma útil no sentido da cura desse tipo de mal, o médico deve fingir ter sido afetado pelo mesmo mal; do contrário, o doente suspeitará do médico; o médico o fará desconfiar e tudo aquilo que apresentar ao doente será visto muito mais como um veneno do que um remédio. Assim, por duas contrariedades que devem estar necessariamente de acordo, aquele que está enfermo não quer acreditar naquele que lhe traz um bem; e aquele que está doente não seria capaz de ajudar a outro. É preciso, portanto, que esteja são, com efeito, mesmo que aparentemente não esteja; porque como é que sofrendo seria capaz de trazer alívio para outros? Do meio de uma tropa de pessoas a cavalo que, um dia, parou para considerar o voo de um pássaro, segundo a antiga superstição das predições, uma pessoa atirou uma flecha e abateu um pássaro, troçando, em seguida, de seus companheiros de terem consultado um Oráculo que, bem longe de lhes ensinar o que deveriam fazer, ignorava aquilo que lhe aconteceria. Empregaremos esse mesmo exemplo para confirmar essa verdade, de que é preciso que cuidemos, primeiramente, de nós mesmos, antes de pretender salvar os outros; e que tenhamos a saúde que pretendermos oferecer; mesmo que para chegar a ela seja necessário parecer não a ter; visto que é certo que sem se molhar não é possível tirar alguém de um naufrágio.

<sup>155</sup> No original latino, o autor parece se referir a São Venâncio Fortunato (c.530-600/609), que foi poeta e compositor de hinos latinos, além de ter sido bispo de Poitiers.

<sup>156</sup> No original latino, Nieremberg anota: “*Hinc aliter intelligo, quam Philo, quod Iudaerum Legislator ait, sapientem graves manus habere*”. Parece tratar-se, portanto, do filósofo Filon de Alexandria (25 a.C.-c.50), que viveu no período do helenismo e se dedicou a interpretar os textos do Antigo Testamento à luz de categorias da filosofia grega.



Seremos, por isso, imputados de fingimento? Seremos acusados de aconselhar a dissimulação? Que razão poderão ter para se persuadir disso? O nosso sentimento é apenas o de nos afligirmos com os aflitos. Se permitirmos ao Sábio misturar suas lágrimas às dos aflitos, por que não quereríamos que as pessoas procedam da mesma forma? Eles choram suas misérias e nós deveríamos deplorá-los por isso? A fragilidade humana, e não os rigores da Fortuna, deve ser o tema de nossa dor. Um Filósofo, daqueles que a Grécia reverenciou como o exemplo e o Oráculo da soberana sabedoria<sup>157</sup>, tendo sido perguntado dos motivos de seu choro, visto que não era possível ignorá-lo, porque não há remédio mais fraco para nossos males do que ignorá-los, disse *chorava por aquilo que é inútil chorar*. Com isso, derramou lágrimas como as dos miseráveis, mas a causa de suas lágrimas foram bem diferentes da causa das lágrimas dos miseráveis: ele as derramou de desprazer por ver como eles as derramavam em vão. Por isso, é somente esse o tipo de lágrimas que um Sábio pode chorar. Quando alguém se abandona a um violento mal, devemos compartilhar com ele esse mal apenas para aliviá-lo de suas consequências. Mas, protejamo-nos de acreditar que sua dor nasce de um motivo legítimo, e de que aquilo que está fora de nós seja capaz, de verdade, de nos afligir. Será mais razoável nos persuadirmos de que o motivo de seu choro não é uma tristeza, mas um efeito de sua opinião, mantendo-nos certos de que ele só está triste porque se imagina assim. Seu maior mal será não poder sofrer constantemente, ou seja, seu único mal é não acreditar que não tem mal algum. Dissimular assim a nossa constância não é fantasiar o nosso sentimento, não é uma traição. Tanto é verdade que não devemos colocar nisso nosso pensamento e nosso desígnio, que, pelo contrário, mantemos como uma máxima indubitável, que é necessário ser sensível aos males dos outros, e que nos deve ser permitido, nisso, relaxar os rigores com os quais nos separamos do vulgo. Com isso, não pretendemos outra coisa senão que a tranquilidade de nosso espírito não seja incomodada, e que essa pequena tempestade que se excita diante de nossos olhos não siga adiante dentro de nós e interrompa por pouco que seja a calma interior de nossa alma. Não nos tornaremos nem tristes nem infelizes, quando fingimos sê-lo. Nossa dor estará toda nas aparências, ela não passará disso. E faremos experiência dessa verdade pronunciada por um grande homem, que as lágrimas das pessoas de bem são a sua alegria<sup>158</sup>.

A este respeito, temos um exemplo para justificar esta inocente e virtuosa dissimulação: ele nos foi apresentado por São Gregório Nazianzeno, que louvou seu irmão por tê-la praticado muito felizmente, conservando, em meio à desordem e à corrupção da Corte, a quietude e a pureza com a qual se vive no deserto, guardando, sob a fisionomia e os trajes de um cortesão, a simplicidade e a austeridade de um Anacoreta. Esta habilidade é muito útil e muito importante para aqueles que se encontram em altas posições. Ela é absolutamente necessária a quem se emprega nos negócios do mundo; e isso é impossível de se conseguir se se ignora a arte de se acomodar à diversidade das ocasiões. Em verdade, aquele que o compreende não deve esperar a menor das vantagens, a não ser a de nunca estar sob a mira da Fortuna e se encontrar sempre fora do alcance de seus golpes bem aplicados. Por este meio, ele mantém seu espírito numa perpétua tranquilidade. Não apenas ele é capaz de olhar sem espanto e sem medo para esta cruel inimiga de nosso repouso, como também ele é seguro de vencê-la sozinho e sem armas. Se ele se encontrar em meio a

<sup>157</sup> No original latino, o autor se refere a Sólon: “*Lacrymantem Solonem reprehendit quidam, quod defleret, cum luctus non sit fortunae potio, nihil que prodessent lacryme*”. Sólon (683 a.C.-558 a.C.) foi um legislador, jurista e poeta grego. Foi considerado um dos sete sábios da Grécia antiga.

<sup>158</sup> No original latino, Nieremberg anota: “*Non est turbidus, non anxius, non miser, imo felix, idest, sui erit, & sibi hilaritate arcana festivus, Egregie divinus Ioannes Scholasticus, fletum proborum dixit anima eri sum*”. Trata-se, portanto, de João III, o Escolástico, que foi patriarca de Constantinopla entre 565 e 577.

situações que tocam os interesses de outros e ele seja obrigado a tomar parte nesses interesses, como será que esta aparência e, para melhor dizer, essa máscara lhe será necessária? Que vantagens ele obterá desse artifício? Certamente, ele poderá usar dele sem temer que, por causa disso, seja acusado de faltar com a coragem e de criar imposturas acerca das coisas, tratando com elas às escondidas; ele sabe que elas também são mascaradas como ele, que é mais necessário que elas sejam aquilo que lhe parecem ser e que não devem exigir dele mais franqueza do que se vê parecer. Tenhamos como indubitável que os bens e os males desta vida são fantasiados e, conseqüentemente, que não devemos ter nenhum escrúpulo de ser como eles. Sob uma aparência de sinceridade eles escondem um interior corrompido. É muito melhor que nos guardemos de nos parecermos com eles nisso, ainda que nos seja permitido imitá-los quanto ao resto. Aquilo que aparece de nós no exterior deve ser sombrio e obscuro; mas, por dentro, nossa paz deve ser toda pura e brilhante. Não poderia haver melhor precaução contra os enganos e as dissimulações do mundo do que lhe mostrar nosso rosto e guardar nosso coração. Assim também, certamente, ele faz conosco e aquilo que ele nos esconde nunca corresponde àquilo que ele nos mostra. Não achemos que isso seja estranho, e julgando-o como a nós mesmos, pensemos, eu vos peço, em quantas vezes nós parecemos toda uma outra coisa diferente daquilo que éramos, quantas vezes nos acontece de ver as coisas como se estivessem numa fantasia universal e que o mundo parece uma perpétua Comédia. Assim, não acharemos extraordinário o fato de que elas carregam uma máscara, de forma a não conseguirmos ver seu verdadeiro rosto e elas não nos parecerem em nada como são naturalmente.

Podemos chorar a morte de nossos amigos com aqueles amigos que nos restam, que sobrevivem; ou a morte de nossos pais com nossos irmãos; ou a de nossos benfeitores com as pessoas que também participaram de suas liberalidades. Tudo isso, sem dúvida, nos é permitido; mas devemos, nisso, guardar uma tal moderação a ponto de que nosso luto e nossa tristeza sejam somente visíveis de fora e que interiormente nossa paz e nossa alegria não sejam em nada incomodadas. Deus tem grandes bondades para conosco; Ele provê cuidadosamente tudo o que nos é necessário, de forma que aquilo que, por causa da máscara, parece um mal, na verdade, se descobre como um bem quando a máscara é levantada. Para viver de maneira feliz, temos em nós mais do que nos é necessário; não há nada além do que temos que mereça ser desejado; visto que, tão logo nos acontece de desejar, infalivelmente nos tornaremos miseráveis. A alegria de nossa condição é tal que a felicidade se comunica a nós gratuitamente, enquanto que a miséria nos custa caro. À primeira não falta coisa alguma; ela nos permite tudo adquirir com tanta facilidade que não temos sequer a dificuldade de desejá-las. Às vezes, podemos mesmo dizer seguramente que nisso é que ela tem menos coisas a fazer por nós. Mas, a outra nos é vendida de forma tão custosa que é ao preço de nossa paz e de nossa liberdade que a adquirimos. Temos, como fundos próprios, e sem que precisemos retirar isso de outra pessoa, o meio para vivermos felizes; como é possível que não vivamos assim? E por que nos julgamos tão pobres por não possuir as coisas das quais não temos a menor necessidade? Na medida em que a Fortuna nunca será suficientemente poderosa, como também nunca o saberá ser, para oprimir nossa vontade, não devemos sentir nenhuma apreensão, pois nossa paz se conserva sempre inviolável dentro de nós. As coisas que ela usa, pensando em nos assustar, só conseguiriam assustar a uma criança. Tiremos a sua máscara e descobriremos que, por um feliz engano, aquilo que nos havia surpreendido como um mal é, na verdade, um bem que ela revestiu com uma aparência contrária. Perdemos aquela pessoa tão cara, tão cuidadosa, que ocupava um lugar semelhante ao lugar que nossos pais ocupam em nosso coração? Aquele amigo tão fiel, tão poderoso, cujos maiores cuidados eram nos agradar e nos obrigar a ele, veio a morrer? Talvez, sua morte nos poderá suscitar algo melhor, talvez a sua tumba

nos produza bens maiores do que os que esperávamos de uma sua longa vida. A Fortuna brinca conosco, como uma mãe brinca com seus filhos; cobre seu rosto para lhes fazer medo; eles temem, se assustam no início; mas tranquilizando depois e tirando aquilo que a escondia, seu susto se converte em alegria; e tão logo se desfaz da fantasia, eles não fogem mais e correm até a ela, tomam a máscara com raiva de suas mãos e, a partir de então, brincam com ela também. Que segurança tão forte, para não dizer tão durável, poderia sustentar a vista dos males que tocou o mais paciente dos homens? Eu vos pergunto, quem é que, tendo visto a perda de todos os seus bens, seguida da perda de seus filhos, poderia imaginar seu corpo coberto de chagas e de podridão e, num estado miserável – cujo simples pensamento não apenas causa piedade, como também horror? Ele teria desmascarado sua miséria e, tendo-a desnudado daquilo que havia de terrível em sua aparência, ele encontraria nela não apenas motivo de consolação e alegria, mas também motivo para reparar de forma muito mais vantajosa todas as suas perdas até ao ponto de não desejar mais nada. Seu mal era como uma casca que cobria um fruto perfeitamente saboroso. O Sábio brinca com os males, como as crianças brincam com nozes; depois que elas se divertiram bastante, elas sabem muito bem as quebrar e separar o interior da casca. É assim que nós devemos fazer com as calamidades; é preciso tirar delas o que há de útil e jogar fora todo o resto. E visto que constantemente as coisas do mundo são fantasiadas, não há outra segurança maior do que essa, no comércio que necessariamente temos que ter com elas, do que só lhes mostrar o nosso rosto e nunca lhes permitir ver o coração.

Não foi por isso mesmo que o Grande Apóstolo [São Paulo] exortou aqueles de Corinto? Quando ele dizia para *chorar como se não estivesse chorando, testemunhar alegria sem experimentá-la, adquirir bens como se não devesse possuí-los, e usar do mundo sem usá-lo verdadeiramente*. Ele lhes recomendava a levar apenas o seu exterior na comunicação que eles tinham com as coisas, ele queria que eles se empregassem apenas aparentemente e, para dizer em apenas uma palavra, ele lhes aconselhava a usar esta fantasia, esta máscara tão necessária. Vamos entender suas razões: *A figura do mundo passa*, todas as coisas passam com ele, elas só se mostram para nós passando e só nos mostram o seu rosto<sup>159</sup>. Eu vos pergunto, para onde elas vão? Certamente para o seu fim, para a sua aniquilação; se evanescem como a fumaça. Visto que, para nós, não possuem nem constância, nem sinceridade, também nós não devemos ter por elas os mesmos sentimentos. Sigamos o exemplo que nos dão; coloquemo-nos nos termos em que nós as vemos; nunca lhes descubramos nosso interior. Garantir-nos-emos, assim, de todas as enganações que elas poderiam tentar contra nós; encontraremos nossa segurança não tratando mais francamente com elas do que elas conosco. Dessa forma, nosso rosto nunca estará de acordo com o nosso coração: quando o primeiro estiver coberto de tristeza, o outro estará pleno de alegria. Façamos como os personagens desses dois Filósofos<sup>160</sup>: um que

<sup>159</sup> O autor se vale de uma passagem de ICor 7, na qual Paulo escreve: “Mas eis o que vos digo, irmãos: o tempo é breve. O que importa é que os que têm mulher vivam como se a não tivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não se alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa” (29-31).

<sup>160</sup> No original latino, Nieremberg anota: “*Frons Heracliti foris; cor Democriti intus. Persona animi, frons est*”. Trata-se portanto de Heráclito de Éfeso (c.540 a.C.-c.470 a.C.) e Demócrito de Abdera (c.460 a.C.-c.370 a.C.), filósofos gregos do chamado período pré-socrático. É conhecida a oposição que se faz entre ambos: por exemplo, há um sermão do Padre Antonio Vieira, proferido originalmente em italiano, no dia 6 de dezembro de 1674, na Academia Real de Roma, no qual o pregador propõe a seguinte questão: o que é mais razoável, o riso de Demócrito, que zombava de tudo (há anedotas que dizem que Demócrito ria de tudo e dizia que o riso era sábio), ou o pranto de Heráclito (Diógenes Laércio descreve este filósofo como “um homem de sentimentos elevados, orgulhoso e cheio de desprezo pelos outros”), que chorava por tudo?

chorava sempre e o outro que ria incessantemente. O rosto é a imagem e o quadro que mostra o espírito; é o ator ordinário que o representa. Em alguns lugares, é preciso que a representação seja fiel; aqui, pelo contrário, ela deve ser falsa; e a excelência está em não representar nada menos do que aquilo que se crê que representamos. Nesse mesmo sentido, o Apóstolo [São Paulo] visou as ações que se realizavam em seu tempo; considerou as frequentes mudanças na face do teatro, na qual a magnificência e a indústria Gregas faziam parecer uma contínua sequência de atos diversos e de personagens diferentes. Com efeito, haveria melhor forma de representar o mundo do que como um teatro, onde Deus é o mestre da comédia? Onde os homens são os Atores? Onde as coisas servem apenas como decoração? E, como elas mudam incessantemente, a face do teatro, que muda com elas, é tão diversa que nunca se parece consigo mesma.

Será necessária uma prova particular para apoiar esta verdade reconhecida de forma tão geral? Consideremos o famoso Império dos Africanos<sup>161</sup> que, tendo começado com o mundo, parecia que só acabaria com o fim mesmo do mundo: o que foi dele senão uma magnífica peça de decoração desse grande Teatro? Depois que ele cumpriu o tempo que lhe havia sido prescrito por uma potência superior à sua, deixou o lugar aos Medos. Em seguida, deu lugar aos Persas. Aos Persas sucederam os Macedônios; aos Macedônios, os Romanos; a esses últimos sucederam os primeiros. Assim, existiram figuras que passaram cada um em sua ordem. Sem dúvida, os Impérios não tem melhor condição do que aqueles que os fundaram. Estas obras, como tudo aquilo que parte das mãos dos homens, sofrem da enfermidade de seus operários; e não gozam de maior privilégio de imortalidade do que eles mesmos. Eu vos pergunto, onde estão os Alexandres, os Césares, os Pompeus, os outros prodígios todos da ambição e da fortuna que fizeram tanto barulho no mundo e de quem, hoje em dia, o mundo não faz nem memória nem mais barulho algum? Seus nomes permaneceram a duras penas, e se a sua grandeza é ainda conhecida é apenas por causa da mais leve das marcas que deixaram. Sua queda é o único testemunho que nos resta deles, tamanha é a fragilidade e a ruína da glória humana, tamanho é o abuso que os homens fazem de acreditar que ela ultrapassa os rigores do tempo e seja isenta da tumba. Certamente, ela também vai para a tumba e se encerra com eles aí dentro. Ela não sobrevive a eles, e nem lhes deixa título ou marcas de sua duração. Podemos mesmo dizer que ela é ainda mais mortal do que eles mesmos são mortais, visto que pelo menos, após a sua morte, seus ossos e cinzas permanecem; enquanto que a glória, só vivendo pela palavra e sustentando pela voz da Notoriedade, cai e desaparece tão logo esse suporte lhe falta. A potência e a Majestade de tantos Monarcas falharam. Esta falsa e enganadora felicidade destrói a si mesma; e eles, frequentemente, perdem menos por sua fuga do que por seu aniquilamento. Se esses Impérios surpreendentes cujos fundamentos foram tão bem estabelecidos e firmados, chegando mesmo a parecer que sua duração se igualaria à do próprio mundo, passaram como um raio; se esses pesados fardos de terra foram arrasados de maneira tal que parecem apenas uma ilusão; o que podemos pensar que aconteceria com seus grãos e poeira, com seus átomos, que são objeto de nosso amor? Será que somos tão frágeis a ponto de nos persuadirmos – depois de ver tantas cidades poderosas, protegidas por muralhas tão altas, e governadas por tão

<sup>161</sup> No original latino, Nieremberg escreve: “*Quid aliud maiestas Assyrii imperii fuit, nisi ductilis, tractitia que figura scenae?*”. Trata-se, portanto, do Império Assírio, cuja capital original era a cidade de Assur, na Mesopotâmia.

santas leis, com uma armada tão forte e numerosa, que o universo não seria mesmo capaz de contê-la, e nada seria capaz de resistir a elas, com tanta força e sabedoria usadas para conservá-la, e não tendo a Fortuna como inimiga, visto estar acorrentada – de que poderíamos adquirir a eternidade à custa do restolho que abraçamos e pelo que demonstramos tanto entusiasmo? Tudo aquilo que admiramos na terra e que nos parece ser precioso nada mais é do que um nada que possui brilho e que corre no sentido de sua própria ruína. Como ele se sente fraco e perecível, se fantasia, foge do medo de que, se viermos a surpreendê-lo, seu engano seja reconhecido, sinta vergonha de ser descoberto e nos sintamos confusos por tê-lo amado.

Assim, portanto, o Apóstolo [São Paulo], não ignorando que todas as coisas do mundo estão fantasiadas, não aconselha a nos fantasiarmos também, visto que elas participam de todos os atos da comédia que se encena, visto que a comédia do Teatro do Mundo nos acomuna a elas, e ela será defeituosa se o número de personagens não estiver completo. Sabemos que os Atores podem até parecer alegres ou tristes, mas toda a sua paixão está apenas no gesto; sabemos que eles choram sem se afligir; que elas ameaçam sem estar em cólera, que nada daquilo que eles representam deixa alguma marca em seu espírito. Que feliz é aquele que, os imitando, sabe se conservar nesta indiferença e que, agindo como o Ator de uma Comédia, exprime as paixões de outros, mas, com efeito, não sente nada dessas paixões. Esta habilidade nos é tão importante e necessária que não haveria melhor maneira de manter nosso repouso do que a praticando. Mas, a este respeito, não consultemos os Oráculos da Sabedoria humana; e ainda que eles estejam de acordo em nos dar seus conselhos, recebamo-los mais da boca do Apóstolo, que os recebeu do Céu. Qualquer que tenha sido a condição para a qual Deus nos tenha chamado – e, para não nos afastarmos dos termos que vimos usando, qualquer que tenha sido o personagem que Ele tenha achado melhor que nós representássemos nesse mundo – não O contradigamos em nada; cuidemos apenas de desempenhá-lo bem, pensemos apenas em cumprir nosso dever. Não apenas Ele é o Diretor e o Mestre do Teatro, como também Ele é o Autor da Comédia; foi Ele quem distribuiu os papéis segundo Sua sabedoria eterna; segundo aquilo que julgou mais adequado para cada um. Seja qual for a nossa qualidade – ilustre ou obscura, elevada ou abjeta, de grande ou de pequena extensão – não descuidemos de nada; cuidemos bem de realizar com prazer; não sejamos imprudentes de querer escolher ou pedir outro papel que não nos pertença; e quando estivermos livres, tenhamos por indubitável que não sabemos usar da liberdade adequadamente, que sempre acabamos por escolher aquele papel que achamos mais conveniente para nós. Sem dúvida, pertence apenas ao Mestre da Comédia nos conferir o papel que deveremos desempenhar; é apenas Àquele que conhece melhor nossas capacidades que cabe a escolha. Quem é que sabe incomparavelmente mais do que cada um de nós é capaz? Como o artesão sabe qual é o melhor uso e o emprego para os diversos vasos que ele fez com suas mãos. Além do mais, não pensemos que a honra seja maior por representar um Príncipe do que um Artesão, um homem de condição do que um homem do vulgo; pensemos, isto sim, que devemos representá-los sempre com dignidade, pois vale muito mais representar um pobre, sob vestes de pouco valor, sob trapos e andrajos, do que representar um Rei, com todos os ornamentos que acompanham a Realeza, como diadema e o Cetro. Assim como a excelência de um Ator está em ter sucesso em todos os papéis que representa na Comédia, nosso cuidado deve ser principalmente o de compor tão bem a todos os Atos de nossa vida que o fim e o meio não sejam menos virtuosos e menos dignos de estima do que o começo. Ora, o meio mais



seguro de conseguir isso é tornar nossas ações conformes a nossos discursos, e instruir os outros na virtude, mais através de nosso exemplo do que de nossas palavras.